

3

COLEÇÃO TEATRO
PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

O SUICÍDIO
TEMPESTADE EM CÉU AZUL
BECO DAS ALMAS PERDIDAS

TEATRO



TEATRO 3

O SUICÍDIO

TEMPESTADE EM CÉU AZUL

BECO DAS ALMAS PERDIDAS

Este livro foi editado e publicado pelo Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS.

EDIÇÃO

Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS

ORGANIZAÇÃO

Sergio Onofre Seixas de Araújo

DESIGN E CAPA

Gabriella Buarque Seixas de Araújo

REVISÃO

Mariluce Bento da Silva

ONOFRE, Pedro (Pedro Onofre de Araújo)

TEATRO – O Suicídio, Tempestade em Céu Azul, Beco das Almas Perdidas. / Pedro Onofre. - 2ª ed – Maceió: IECPS, 2023.
457 p.

I. Dramaturgia brasileira II. Teatro



Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo

PEDRO ONOFRE

TEATRO 3

O SUICÍDIO

TEMPESTADE EM CÉU AZUL

BECO DAS ALMAS PERDIDAS

MACEIÓ, 2000

PEDRO ONOFRE

TEATRO 3



Editora
MASTERGRAPHY

Em memória de Pedro Onofre de Araújo

Agradecimentos especiais

Ao Dr. Antônio Arnaldo Camelo, presidente da
Fundação Municipal de Ação Cultural.

A Cléa, com muito amor.

Aos meus filhos, noras, genros, netos e
bisneta.

Aos meus amigos.

Aos Artistas Alagoanos.

ÍNDICE

A COLEÇÃO TEATRO DE PEDRO ONOFRE	8
COMENTÁRIOS SOBRE “O SUICÍDIO”	13
O SUICÍDIO	16
PERSONAGENS.....	17
ATO ÚNICO.....	18
TEMPESTADE EM CÉU AZUL	112
PERSONAGENS.....	119
PRIMEIRO ATO.....	120
SEGUNDO ATO	165
TERCEIRO ATO.....	205
BECO DAS ALMAS PERDIDAS	255
PERSONAGENS.....	260
PRIMEIRO ATO.....	261
SEGUNDO ATO	325
TERCEIRO ATO.....	392
SOBRE O AUTOR	452
OBRAS DO MESMO AUTOR	455

A COLEÇÃO TEATRO DE PEDRO ONOFRE

O Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS, traz, em formato e-book com apoio cultural da Universidade Federal de Alagoas, a Coleção Teatro de Pedro Onofre. A iniciativa reedita os quatro primeiros volumes da Coleção, com um total de onze textos da extensa dramaturgia do autor que contabilizada um total de trinta textos para o Teatro.

A obra está organizada em quatro volumes:

- **TEATRO 01:** Homens e Feras - Terra Maldita – Mundaú: lagoa assassinada (1986, 546 páginas);

- **TEATRO 02:** Complexos – Vendaval no Paraíso - Lua de Sangue sobre o Vale (1997, 451 páginas);

- **TEATRO 03:** Suicídio – Tempestade em Céu Azul - Beco das Almas Perdidas (2000, 468 páginas);

- **TEATRO 04:** Bebgor – Nemesis (2015, 216 páginas).

Aos volumes reeditados, acrescentamos um inédito: **TEATRO 05**, que traz dois textos de comédia, escritos e encenados por Pedro Onofre.

“O Galo de Três Pernas”, texto que abre o quinto volume, foi encenado em 1993 e remontado em 2005, todas pelo Teatro Cultura do Nordeste – TCN, grupo criado pelo autor em 1958. O segundo texto da publicação, “E Na Lua Como Será”, foi encenado pela primeira vez em 1958, pelo Grupo de Amadores do SESC e depois remontado em 1988, 1997 e 2004, também pelo TCN. Em ambos, o autor se aventura por um gênero pouco conhecido de sua obra: a Comédia.

Falecido em 04/07/2018, Pedro Onofre de Araújo, nasceu em Maceió em 27/06/1936. Intelectual alagoano com mais de sessenta anos de vida dedicada à cultura e as artes, “é considerado um dos dramaturgos mais produtivos do Nordeste” (Gazeta de Alagoas, 07/02/1998, Serviço, p. B-7), com contribuição nas diferentes áreas e expressões artísticas de nossa terra.

Com passagem também pelo universo do rádio, é na antiga Rádio Difusora de Alagoas que Pedro Onofre vai associar o gosto pelo teatro com aquele vigoroso instrumento de comunicação, trabalhando entre 1950 e 1955, como rádio-ator

e, posteriormente, de 1957 a 1961, dirigindo o Rádio Teatro daquela emissora.

Sua ligação com o teatro inicia-se uma década antes, história que começou na cidade de Arapiraca no final da década de 1940 (O Jornal, 21/03/2004, p. B-3), ao longo de sua trajetória, seguiram-se quase duas dezenas de atuações como ator de teatro em peças como “O Idiota” de Dostoiévski (1957), “A Beata Maria do Egito” (1959) e, mais adiante, “Cabaré” de Karl Valentin (1986) e “A História de Noé” (1987).

Foram vinte e nove atuações como diretor de espetáculos teatrais, dentre os quais destacamos: “Terra Maldita” (2006, 1982, 1978 e 1963), e “Mundaú - lagoa assassinada” (1988), todos de sua autoria e republicados nessa coletânea. Somam-se ainda a sua vasta produção, inúmeras composições musicais, algumas delas inseridas como trilhas sonoras em seus filmes e peças.

“Homem de muitas letras”, a poesia pode representar um capítulo à parte na sua trajetória, alguns de seus versos foram publicados nas obras: “Turbilhão” (1964); “A canção do luar impossível” (1975); “I Coletânea de Poetas e Escritores Nordestinos”, uma publicação da Academia de Artes e Letras do Nordeste Brasileiro (Recife, 1978); “Poemas da minha terra”

(1981); “Calabar”, publicado na coletânea “Poesia e prosa do Nordeste” (1981) e “À sombras das Arapiracas” (1984). Além de poemas inseridos em seus textos para o teatro, a exemplo de “Mundaú lagoa assassinada” (Teatro 01, SECULT, 1987. p. 215-216), textos inseridos na presente obra que representam em si um registro de parte de sua trajetória intelectual e artística, sobre a qual seus prefaciadores de hoje e de ontem, melhor e com maior competência que este historiador, traduziram. Destaco a seguir três dessas passagens:

Nos meus 14 anos, aquele rapaz de terno escuro e gravata, toda manhã lá em casa, escrevendo peças de teatro, criando jornal junto com outro, fazendo revista (Conheci Pajuçara que só conseguiu ser o número 1), ensaiando teatro, cantando seresta com voz de tenor, planejando construir, transformar, poetar, fazer política, amar, viver, sem nenhum emprego fixo – era um fenômeno!!! [...] Logo, ao longo dos anos, me aparecia como aquilo que Jorge de Lima já havia versejado, falando sobre os jovens de outra geração, “O mundo dos meninos impossíveis!!!” E era um mundo populoso para o limitado universo de uma adolescente mulher, no Nordeste da década de 50” (Luitgarde Oliveira Cavalcanti - Teatro 01, 1987).

O professor, ator e dramaturgo Ronaldo de Andrade assim escreveu:

O dramaturgo Pedro Onofre se confunde com o romancista, o poeta, o cineasta, o diretor de teatro, o ator, o empreendedor cultural e com o homem mergulhado em luta por conquista de justiça social. Em todos estes meandros de sua criação artística, são

vislumbradas a obstinada crença em melhores dias e a fé na capacidade humana responsável pela realização dos ideais.

Por fim Cely Loureiro registra no prefácio do primeiro volume:

Uma obra importante, elaborada, construída não apenas com as mãos e a inteligência, mas com a sensibilidade, com arte de amar a arte.

TEATRO – é obra de uma vida. Sem dissimulação e sem disfarces. Pura. Clara. Com limpidez e a luminosidade dos espelhos. Como gotas de chuva que descem e reverdecem os jardins e os campos. TEATRO reverdecerá a esperanças, talentos lactentes, abrindo todas as chaves invisíveis que ainda detém, lá dentro, o artista carente de ressurreição.

Vivemos bem melhor quando nos doamos aos outros. Este livro é uma doação. E Pedro Onofre permanecerá entre os tantos que deixaram atrás de si seu amor pela humanidade. Pela beleza, pela arte (Cely Loureiro - Teatro 01, 1987).

Sérgio Onofre

Filho, professor, historiador, gestor e produtor cultural

(Adaptado do artigo publicado em O Jornal de 27 de março de 2010)

COMENTÁRIOS SOBRE O “O SUICÍDIO”

Luiz Nogueira

“*O Suicídio*” retrata o drama de um homem que nada mais aprendeu, senão ser jornalista. Movido por certo código de ética. Frederico vai aos poucos se isolando, na sua profissão ao criticar o “sistema”, e suas mazelas. O passo seguinte é a perda do emprego e o reflexo no orçamento doméstico. Como decorrência, enfrenta a fúria da mulher, Roberta, que, para vencer as dificuldades, costura para fora. Berenice, irmã de Roberta, que mora com o casal, ajuda no orçamento doméstico. Berenice tem dois segredos; o fato de que parte do dinheiro que ganha tem origem na prostituição sofisticada que exerce e o amor silencioso que nutre por Frederico desde os tempos de criança.

Vociferando contra o “sistema”, Frederico sonha ir para uma grande cidade – Rio de Janeiro ou São Paulo – no que é sempre reprimido pela esposa. Desesperado, tenta o suicídio algumas vezes, mas não consegue; nem do alto de um edifício, porque sofre de vertigens das alturas, nem no fundo do poço de

um elevador, porque sofre de claustrofobia. Não sabendo conciliar com o “sistema”, seu próximo passo é a degradação. Um dia, pensativo, sentado num banco de uma deserta praça pública, alguém quase o mata, a seu pedido. O desenlace não acontece, porque o malandro não quer estragar o seu “astral”, com uma morte desmotivada. Ele é diferente, por exemplo, do personagem de Albert Camus em “O Estrangeiro”, onde o personagem Merseaut, que matou dois árabes, dá como desculpa para o fato, o seguinte; “fiz por causa do sol”. O malandro de Pedro Onofre é a segunda personalidade de Frederico. Acorda-o para o lado oportunista da vida e o induz a aceitar o dinheiro de Berenice para chegar a São Paulo e tentar mais uma vez a vida. É uma espécie de consciência adormecida de Frederico. A esposa o abandona e Berenice a ele se entrega de corpo e alma. De Frederico tudo aceita, mas o envolve com drogas. O malandro, agora já íntimo de ambos, se aproveita, tornando-os dependentes de cocaína. Frederico e Berenice são atropelados e mortos, numa rua, quando por ela vagavam, obnubilados pela ação da droga.

A peça de Pedro Onofre retrata o problema, mais das vezes cruciante de um homem que pretende ter um código de ética férreo, num mundo onde este mesmo código é feito de gesso. O mais grave para Frederico é ser monovalente, um

homem que não se diversificou para outros esquemas de sobrevivência. E a sua destruição e morte, se podem alertar, podem também fazer crer que não há salvação para tais casos. E como se trata, creio, de constatação e não de tese, da parte do autor, fica posto o tema como mais uma tragédia humana.

(*) Luiz Nogueira, médico, escritor e historiador, pertence entre outras instituições, à Academia Alagoana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

O SUICÍDIO

ATO ÚNICO

MACEIÓ, 1959

PERSONAGENS

FREDERICO - Quarentão. Jornalista;

ROBERTA - Esposa de Frederico;

BERENICE - Irmã de Roberta, mulher moça e bonita;

MALANDRO - Assassino profissional e traficante de drogas.

ATO ÚNICO

O palco está às escuras. Quando a cortina sobe, um jato luminoso é projetado em resistência sobre tosco banco de jardim. A luz que ilumina a cena parece vir da lâmpada de pequeno poste erguido ao lado. Nenhum outro elemento compõe o cenário, além da escuridão. No banco está sentado, cabeça entre as mãos, em total abandono, uma esquálida figura. É Frederico, quarentão de cabelos grisalhos, expressão cansada e olhar patético. Instantes depois surge pela direita, um tipo inconfundível de marginal. Veste calças jeans, paletó amassado e aberto sobre uma camisa de cores extravagantes. Para a certa distância de Frederico e retira do bolso um maço de cigarros. Procura igualmente fósforo, mas não encontra. Encara Frederico, com o cigarro apagado entre os lábios. Aproxima-se com ar arrogante.

MALANDRO

Cara empreste um fósforo! (FREDERICO NÃO SE MOVE. O MALANDRO INSISTE) Ô, decente, me passa aí o fósforo! (FREDERICO CONTINUA SEM DAR OUVIDOS. O MALANDRO SE

APROXIMA MAIS UM POUCO E TOCA O OMBRO DE FREDERICO)
está dormindo, gente boa?

FREDERICO

Não amole!

MALANDRO

(ENCRESPANDO-SE) Que é isso? Estou apenas a fim de
um fósforo!

FREDERICO

Não amole!

MALANDRO

Sem essa! Estou tratando bem! Passe o fósforo, ande!

FREDERICO

Não tenho!

MALANDRO

Procure cara, procure!

FREDERICO

(FITA SILENCIOSAMENTE O MARGINAL. APANHA NO BOLSO, UMA CAIXA DE FÓSFOROS, E JOGA-A SOBRE O BANCO) Tome. Agora desapareça! (O MARGINAL RECOLHE, NUM ROMPANTE, A CAIXA DE FÓSFOROS, E ACENDE O CIGARRO. ATO CONTINUO, GUARDA-A NO BOLSO DO PALETÓ. ENCARA FREDERICO. ESTE O REPREENDE, IRRITADO) Não acendeu o cigarro? Desapareça!

MALANDRO

Não é assim que se trata uma pessoa estranha! Você não sabe com quem está falando!

FREDERICO

(IRÔNICO) É por acaso algum senador da república? Deputado? (FORTE) Se mande, vá!

MALANDRO

(AMEAÇADOR) Sou alguém que pode fechar o seu paletó com a mesma facilidade com que apaga este cigarro. (SACA DE UM REVÓLVER E ENCOSTA A ARMA NO ROSTO DE FREDERICO. O PERSONAGEM PARECE DESPERTAR. ERGUE-SE LENTAMENTE E

SE COLOCA FRENTE AO MARGINAL. O ROSTO TRISTE, PATÉTICO, DE FREDERICO POUCO A POUCO SE ILUMINA. FALA EM TOM MAIS MODERADO).

MALANDRO

(COM AR DE MOFA) Você duvida?

FREDERICO

(EUFÓRICO) Então mate!

MALANDRO

O que? (O RISO DO MALANDRO MORRE NOS LÁBIOS).

FREDERICO

(SUPLICANDO) Faça esse favor! Me mate!

MALANDRO

(SEM ENTENDER) Você está me gozando cara?

FREDERICO

(EXCITADO) É só um favor que estou pedindo! Acabe comigo, ande!

MALANDRO

(PERPLEXO) Está falando sério?

FREDERICO

Pra você, isso não é nada demais! Deve estar acostumado a matar, não é?

MALANDRO

(INCRÉDULO) Quer que eu apague você, assim... Numa boa?

FREDERICO

É isso! Agora você me entendeu! Numa boa! Eu ficarei muito agradecido no outro mundo! Se existir outro mundo!

MALANDRO

(RECUA ASSUSTADO. O REVÓLVER PENDE-LHE DA MÃO)
Que é isso? Você é zebroide cara! Matar pirado dá azar! Não vou estragar o meu astral, logo hoje, só porque você quer fechar o paletó!

FREDERICO

(SUPLICANDO) Mate! Pelo amor de Deus, me mate!

MALANDRO

(CADA VEZ MAIS ASSUSTADO) Sem essa, sem essa! Fique pra lá com a sua urucubaca! Eu vou me mandando! (VAI SAIR).

FREDERICO

(GRITA) Você não é de nada! Frouxo, covarde, filho da puta!

MALANDRO

(VOLTANDO-SE CHEIO DE IRA, DE ARMA EM PUNHO) O que?

FREDERICO

Covarde!

MALANDRO

Vou fechar sua boca, seu porra!

FREDERICO

(ABRE OS BRAÇOS E SE AJOELHA) Obrigado, meu irmão!
Desculpe se ofendi você agora, atire! Faça favor!

MALANDRO

(APONTA A ARMA, MAS NÃO CONSEGUE PUXAR O
GATILHO) Assim também não, porra! Como quer que eu atire, se
não me deixa ficar com raiva?

FREDERICO

Que quer que eu faça para você ter coragem?

MALANDRO

(REPLICANDO) Coragem eu tenho!

FREDERICO

Coisa nenhuma! Precisa que eu lhe dê um murro pra você
atirar em mim? Quer que lhe chame de bicha? Pois eu chamo!

MALANDRO

(AMEAÇADOR) Não me provoque!

FREDERICO

Mas é isso mesmo que estou tentando fazer! Será que não me entende?

MALANDRO

Escute cara, não vai dar! Encuquei com você, está me entendendo? Encuquei! Agora, não posso mais! Pelo menos, enquanto não me disser qual é a sua!

FREDERICO

Eu quero morrer! (SENTANDO-SE ACABRUNHADO) Saí de casa hoje decidido a dar um fim na minha vida. Tentei me atirar do alto de um edifício, mas não tive coragem! Sabe como é: vertigem das alturas!

MALANDRO

Porque não se jogou na frente de uma jamanta? Quase sempre funciona! Sabe como são os motoristas hoje em dia!

FREDERICO

Também tentei, o carro freou a tempo. Era um ônibus, bicho! Quase que fui linchado pelos passageiros!

MALANDRO

Agora quer que eu force a barra e mude a sua sorte?
(APROXIMA-SE DE FREDERICO) Olha lá cara, zebrado como está,
não dava outra, o revolver batia pino, falhava! Sabe como eu ia
me sentir, se isso acontecesse?

FREDERICO

Imagino!

MALANDRO

Imagina porra nenhuma! Eu ia me sentir desmoralizado!
Desmoralizado!

FREDERICO

Eu não me admiraria! Hoje foram três tentativas
frustradas! Na última, entrei no fosso de um elevador e fiquei
esperando o monstro descer. Nesse momento, faltou energia no
edifício!

MALANDRO

Essa, não!

FREDERICO

Saí do fosso, porque não poderia ficar muito tempo esperando! Você sabe: estava escuro e eu sofro de claustrofobia!

MALANDRO

Imagine se isso pega!

FREDERICO

Vá embora! Desaparece!

MALANDRO

Já pensou se todas as vezes que eu quisesse fazer um serviço por aí, desse de cara com a polícia?

FREDERICO

Não tem mais papo!

MALANDRO

Escute...

FREDERICO

Se mande!

MALANDRO

Fiquei curioso cara! E quando estou assim, não tenho sossego! Diga logo, sem muita conversa, porque você quer se matar?

FREDERICO

Isso não interessa!

MALANDRO

Como não? Quer que eu faça o serviço? Que eu ajude você a ir para outra melhor? (PAUSA) Qual é o desgosto? Já sei, tem mulher no pedaço!

FREDERICO

A coisa é mais séria do que você pensa! (TRANSIÇÃO) Já fui pessoa importante nesta província! Acredita nisso?

MALANDRO

Se você está dizendo, por que não?

FREDERICO

Obrigado! (ESTENDE A MÃO AO MALANDRO) Chamo-me Frederico! Fred, para os amigos!

MALANDRO

(APERTANDO A MÃO DE FREDERICO) Rubão! É assim que o pessoal me trata!

FREDERICO

Rubão, parece mentira, mas fui o jornalista mais temido e respeitado desta cidade! Poderia ter sido rico, prestigiado... Poderia ter conquistado o sucesso do mundo inteiro, mas dava sempre as costas às vantagens que a vida me oferecia!

MALANDRO

Como é que pode cara?

FREDERICO

Eu tinha princípios rígidos, ideais! Não poderia adotar aquilo que, nos outros, eu combatia! Por exemplo: um emprego de marajá, no trem de luxo na Assembleia; uma propina ou favor de político que eu deveria denunciar como ladrão!

MALANDRO

Otário!

FREDERICO

Sempre fui impulsivo, obstinado! Julgava-me mais puro que o mundo inteiro!

MALANDRO

De que serviu? Diz, de que serviu?

FREDERICO

No princípio, tudo ia bem! As propostas apareciam e eu recusava! Quantas vezes buscaram calar a minha voz com promessas tentadoras!

MALANDRO

E você não aceitava!

FREDERICO

Não. Essas tentativas de calar minha voz fazia-me voltar à carga com mais virulência! Aí é que eu criticava, denunciava...

MALANDRO

Estou começando a ficar com raiva de você!

FREDERICO

Um dia notei que as coisas estavam diferentes! Que as oportunidades ficavam escassas! Até mesmo, as mais modestas! Fui perdendo espaço, mesmo aqueles que eu poderia conquistar naturalmente, com meu próprio valor!

MALANDRO

Você abusou da sorte!

FREDERICO

A pressão do sistema é terrível! Para esse poder corrupto, eu me tornei uma pessoa maldita! Um condenado! (TRANSIÇÃO) Certo dia, pela primeira vez, a necessidade bateu na minha porta! (SUSPIRA FUNDO) Convivendo com a pobreza, o desemprego, o desprestígio, pouco a pouco fui perdendo a única coisa que me mantinha de pé: o respeito e o afeto da minha própria família! (OS REFLETORES SE APAGAM. AO ILUMINAR-SE, A CENA PASSA A REPRESENTAR A SALA DE ESTAR DE MODESTA RESIDÊNCIA. NA ESQUERDA BAIXA, ROBERTA,

ESPOSA DE FREDERICO, COSTURA, ENQUANTO, NO MEIO DO PALCO, O MARIDO LÊ O JORNAL, SENTADO DISPLICENTEMENTE NUMA CADEIRA. É DIA).

ROBERTA

(PARANDO DE COSTURAR) Como é? Vai ficar aí, sentado, parado? Sem tomar nenhuma providência?

FREDERICO

(BAIXANDO O JORNAL E OLHANDO A MULHER) Que é que você quer que eu faça? As providências que teria de tomar, já tomei! Agora é somente esperar!

ROBERTA

Esperar! Esperar! É só o que sabe dizer! Enquanto isso, eu que me lasque na máquina de costura pra sustentar a casa! (NUM DESABAFO) Nunca vi um homem tão inútil, meu Deus! (RETORNA À COSTURA).

FREDERICO

Quando você casou comigo, sabia que eu era um homem pobre! Sabia, não sabia? Não a enganei! Sempre fui jornalista! Jamais aprendi outra coisa na vida a não ser escrever!

ROBERTA

Eu estava doida, naquele tempo! Estava cega!

FREDERICO

Cego estava eu! Quantas opções eu teria na vida, se fosse solteiro!

ROBERTA

Você ainda tem coragem de falar? Veja a que me reduziu! Eu, que vivia bem, com todo o conforto, antes de me casar! Não sei o que vi em você, pra ter virado a cabeça daquela maneira!

FREDERICO

(HUMILHADO) É verdade que não venho conseguindo nada! Que a vida tem sido um fracasso! Mas, que diabo, tenho feito o possível! (LEVANTA-SE, ATIRA O JORNAL SOBRE A MESA, DÁ UM PASSO À FRENTE E VIRA-SE PARA A MULHER) Procuro encontrar, até mesmo outro tipo de atividade! Mas não tenho tido sorte! (TRANSIÇÃO) Você está certa! Merecia coisa melhor. Mas, veja bem: nós já tivemos momentos felizes, não tivemos?

ROBERTA

(PARANDO MAIS UMA VEZ DE COSTURAR)

Oportunidades não lhe faltaram! (ENCARANDO-O) Mas você rejeitou todas! Jamais entendi esse seu orgulho besta! No fim, quem sofre por causa da sua irresponsabilidade, sou eu!

FREDERICO

Que é que você queria? Que eu me submetesse, como um boneco, à vontade de meia dúzia de cretinos? Que traísse as minhas convicções? Me alinhasse a uma súplica de bajuladores desonestos? A troco de que?

ROBERTA

Você sempre foi uma pessoa intratável, orgulhosa! Metida a ser a palmatória do mundo! O que ganhou com isso? Fale, o que ganhou?

FREDERICO

Pelo menos estou em paz com a minha consciência!

ROBERTA

(ERGUENDO-SE) Deus do céu! Como você pode ter paz na consciência, morando neste chiqueiro? Com os dois únicos filhos que possuímos, jogados na casa dos avós, porque não podemos sustentá-los! Em paz com a consciência!

FREDERICO

É apenas uma fase, Roberta! Tudo vai passar! Haverá de surgir a oportunidade real e, aí, reorganizaremos nossas vidas! Mais cedo do que se espera, conquistaremos um pouco de conforto!

ROBERTA

(DOBRANDO O VESTIDO QUE ESTAVA COSTURANDO)
Faz tanto tempo que só ouço essa conversa... Já perdi a conta!
(FITANDO-O) Dez anos de casados, Fred! Dez anos de sacrifícios, de espera por dias melhores que nunca chegaram!

FREDERICO

Você sabe que o mercado de trabalho daqui é restrito... Que os jornais estão dominados por um grupo que não me vê com bons olhos!

ROBERTA

Você sabe por quê? Sabe, não sabe? Não me venha com suas explicações! Já estou farta delas (AGRESSIVA) Olhe à sua volta, Fred! Olhe a sua volta! Os que trabalharam em jornais no seu tempo, todos os seus antigos colegas estão bem de vida! Até aqueles que você ensinou, que protegeu! Todos estão empregados, com segurança! Veja o exemplo do Gustavo, do Tinoco... Do próprio Zé Miguel! Jornalismo passou a ser um “bico” para eles! E quanto a você... Nenhum jornal o aceita mais!

FREDERICO

Quantas vezes eu quis sair desta cidade infame! Procurar outros centros como Rio ou São Paulo, por exemplo! (TRANSIÇÃO) Sou um jornalista competente, experiente! Sei onde tenho o nariz! Com certeza, lá fora não ficaria desempregado!

ROBERTA

Lá vem você, novamente, com seu cavalo de batalha!

FREDERICO

Sabe que tenho razão! E porque não fui? Porque fiquei pregado feito um caramujo? Porque tive de me submeter às humilhações e ao fracasso? Vamos, fale! (Com ênfase) Por sua causa! Por que você jamais admitiu sair daqui!

ROBERTA

Claro! Minha loucura não chegaria a tanto! Pelo menos, estou junto da minha família! E lá fora, no Rio, São Paulo... Onde quer que fosse, seria a mesma coisa! Ou pior! Nós iríamos morrer de fome, ouviu? Eu sei! Onde estivéssemos a história seria a mesma! Não é esta cidade que é infame, Fred... É você que é errado mesmo!

FREDERICO

Não adianta! Não podemos ter diálogo! (LEVANTA-SE, APANHA O PALETÓ QUE SE ENCONTRA NA CADEIRA E VAI SAIR. NESTE MOMENTO, A PORTA DA RUA SE ABRE POR ELA APARECE BERENICE, JOVEM DE VINTE ANOS, BONITA, EXTROVERTIDA. ENCARA OS DOIS E FALA ALEGREMENTE).

BERENICE

(APROXIMANDO-SE) Parece que a temperatura aqui está mais alta do que lá fora! (SORRI) Boa tarde, mana! Está zangado, Fred? (FREDERICO NÃO RESPONDE. SAI, NUM ÍMPETO, PORTA À FORA, DESAPARECENDO DE CENA. BERENICE OLHA EM SILÊNCIO NA DIREÇÃO DA PORTA. DIRIGE-SE A IRMÃ) Puxa! Está irritado mesmo! (APROXIMA-SE, ARRASTA UMA CADEIRA E SENTA-SE) Que é que você andou fazendo com ele?

ROBERTA

(ENCAMINHA-SE À CESTA DE COSTURA, REVOLVE-A À PROCURA DE ALGUMA COISA) O mesmo de sempre. Aqui, nesta casa, até as discussões não apresentam novidade! (APANHA UM CARRETEL DE LINHA) Estou farta, Berenice! (NUM DESABAFO) Não sei por que, não abandono tudo e vou pra casa dos nossos pais! Pelo menos estaria junto dos meus filhos!

BERENICE

Você não está sendo cruel com Fred?

ROBERTA

(REAGINDO) Cruel? É isso mesmo o que pensa?

BERENICE

(TENTANDO CONTEMPORIZAR) Fred está confuso! Não adianta forçar a barra! Se forçar muito, a corda arrebenta. Aí, vai ser pior, não acha?

ROBERTA

Se tiver de arrebentar, que seja logo! Preciso dar uma definição na minha vida!

BERENICE

Fred é um incompreendido! Faltam-lhe apoio, oportunidades, sorte! Qualquer coisa assim! (PENSATIVA) Recordo-me ainda do tempo em que vocês eram noivos. Ele era um homem bonito, brilhante... Um poeta!

ROBERTA

(INDIFERENTE) Um homem desligado do mundo, um sonhador!

BERENICE

(IRÔNICA) Você não se importava muito com isso!

ROBERTA

Que quer dizer?

BERENICE

Como as coisas mudam, não é? Naquele tempo, você era arrebatada por Fred, pela cultura de Fred! Fred era um homem diferente, um santo, um deus! Não se importaria de passar fome, desde que fosse ao lado dele! Por que se lamenta agora?

ROBERTA

(SUSPIRO) A gente quando é moça não pensa! Deixa-se levar pela fantasia!

BERENICE

Pobre Frederico! Está mesmo numa pior! (LEVANTA-SE, VAI AO BANHEIRO. ANTES, RETIRA ALGUMAS ROUPAS ÍNTIMAS DE UM ARMÁRIO, NO CANTO DA SALA) Diga uma coisa mana, você amava Fred quando se casou com ele?

ROBERTA

Claro que sim!

BERENICE

(ENCARANDO-A) De verdade mesmo?

ROBERTA

É possível! (JUSTIFICANDO-SE) No começo, são tudo flores! Mas a vida é muito amarga, cheia de sacrifícios! Há momentos em que a gente não tem bem certeza das coisas!

BERENICE

(FRIA) Pois eu tenho certeza! (CRUEL) Cartas na mesa, mana! Sem essa pra mim, tá? Você se casou com o Fred, porque à época ele despertava o interesse de todas as moças. Você venceu a competição com muita garra, sabe? E também, muita sorte! Naquele tempo, Fred era diferente: alegre, decidido, entusiasmado pela vida!

ROBERTA

Era dez anos mais moço! E não conhecia o peso da responsabilidade!

BERENICE

Dez não, cem anos mais moço! Nesses dez anos, ele envelheceu noventa! Fred é hoje um trapo daquilo que foi! (ENCAMINHANDO-SE À PORTA DO BANHEIRO. VIRA-SE PARA A IRMÃ) Eu me pergunto, Roberta, se você não é a culpada dessa transformação!

ROBERTA

Essa é muito boa, minha própria irmã! (CRESCENDO) Agora sou culpada de tudo! Do fracasso de Frederico! Eu, a grande vítima! A injustiçada! Eu, que perdi a minha mocidade, o meu futuro! Eu que estou envelhecendo pouco a pouco nessa vida miserável! Eu, a culpada...

BERENICE

(NO BANHEIRO, BERENICE COMEÇA A CANTAR UMA MÚSICA DAS PARADAS DE SUCESSO. ROBERTA RECOLHE O VESTIDO QUE ACABARA DE COSTURAR, EMBRULHA-O NUM PAPEL EXISTENTE SOBRE A MESA).

ROBERTA

Não suporto mais esta vida! (GRITA PARA BERENICE)
Quer parar com esse berreiro? (BERENICE CONTINUA A CANTAR,
COMO SE NÃO ESCUTASSE A IRMÃ) Berenice! Berenice!

BERENICE

(PARA DE CANTAR E RESPONDE, AINDA FORA DE CENA)
Diga, o que quer?

ROBERTA

Vou sair!

BERENICE

(ENTREABRE A PORTA DO BANHEIRO, TORNANDO-SE
PARCIALMENTE VISÍVEL) Não ouvi direito!

ROBERTA

Quer terminar logo esse banho? Preciso sair! Tenho de
entregar o vestido que costurei! (CHEIA DE ÓDIO) Buscar
dinheiro, pra colocar comida em casa!

BERENICE

Já estou de saída! (NOVAMENTE OUVEM-SE O BARULHO DA ÁGUA DO CHUVEIRO E O CANTAROLAR DE BERENICE. ROBERTA APANHA O PACOTE E SAI. A CENA FICA DESERTA. DE REPENTE, A PORTA DO BANHEIRO SE ABRE E A MOÇA SURGE, ENVOLTA NUMA TOALHA) Roberta! (TRANSIÇÃO) Deve ter saído! (ENCAMINHA-SE AO ESPELHO FIXADO NA PAREDE DA DIREITA E PASSA A ARRUMAR OS CABELOS. A PORTA DA RUA ABRE E POR ELA APARECE FREDERICO, VISIVELMENTE ABATIDO).

FREDERICO

(PARA BERENICE) Onde está sua irmã?

BERENICE

(AJEITANDO OS CABELOS) Saiu!

FREDERICO

Não disse pra onde?

BERENICE

(LEMBRANDO-SE) Ah, sim! Foi entregar a costura!

FREDERICO

(SENTANDO-SE) Ah!

BERENICE

(OLHANDO-O DE SOSLAIO) Você parece acabrunhado
Fred!

FREDERICO

(TRISTE) Como deveria estar?

BERENICE

Minha irmã o magoou bastante, não foi?

FREDERICO

Ela tem suas razões!

BERENICE

(REAGINDO) Não! Ela não tem nenhuma razão! É errado
o que vem fazendo com você!

FREDERICO

Não exagere!

BERENICE

Não me faça de tola, Fred! Eu sei que está passando por péssimos momentos! Não é de hoje! É de muito tempo! Parece que o seu casamento se deteriorou!

FREDERICO

Não fale assim! Não é verdade! Roberta tem estado muito nervosa! A culpa é da situação difícil que estamos atravessando... O meu desemprego, os meninos longe de casa... Essas coisas! De resto, tudo vai bem! Tudo vai bem, compreende?

BERENICE

(IRÔNICA) Tudo vai bem!

FREDERICO: E porque não? Desentendimento acontece com todo casal!

BERENICE

(APROXIMANDO-SE) Fred, você sabe o quanto o estimo! Há poucos instantes, discuti com minha irmã por sua causa! Disse que não era correta nem justa a maneira como você vem sendo tratado: com desprezo, humilhações!

FREDERICO

(REBATENDO) Você não devia!

BERENICE

(APROXIMANDO-SE, CARINHOSA) Por favor, Fred...
Vamos conversar como dois adultos. Pode desabafar comigo.
Estou do seu lado, acredite!

FREDERICO

Falhei Berenice! Eu falhei! Não há mais esperanças!

BERENICE

Não é verdade! Você ainda é o mesmo que eu aprendi a
admirar quando criança, o jornalista corajoso e respeitado, o
poeta inspirado e arrebatador!

FREDERICO

(CONTRARIADO) Isso passou Berenice! O poeta daquele
tempo não existe mais!

BERENICE

(INSISTINDO) Lembra Fred... daqueles versos que fez para mim? Você era noivo de minha irmã. Eu tinha treze anos de idade! Era uma menina linda, não era?

FREDERICO

(SORRI) Muito linda! Mas, não sei os versos!
(TRANSIÇÃO) Também... faz tanto tempo!

BERENICE

(JOVIAL) Pois eu lembro! Eram mais ou menos assim:

Flor mimosa, pequenina,

dos campos do meu sertão,

Como eras linda, menina,

cabloquinha tentação!

Como tu fazias fita,

Com teu vestido de chita!

FREDERICO

(SONHADOR) Espere, creio que me recordo de alguma coisa! (OS DOIS SE ENTREOLHARAM).

Foi num domingo, cedinho,

o sol estava nublado

e a chuva pôs o vestido

No teu corpinho, colado.

Nessa hora, ah se eu fosse – ó dita! –

Esse vestido de chita!

(AMBOS RIEM. BERENICE O ENLAÇA PELO PESCOÇO. OS OLHARES DE AMBOS SE FIXAM. FICAM SÉRIOS DE REPENTE. FREDERICO DESVENCILHA-SE CARINHOSAMENTE E SE AFASTA PENSATIVO).

BERENICE

(CHAMANDO A ATENÇÃO DE FREDERICO) Você ainda me acha bonita, Fred? Como nos meus treze anos?

FREDERICO

(OLHANDO-A FIXAMENTE) Não é a mesma coisa! Aos treze anos, você era uma garota linda. Hoje, é uma mulher estonteante!

BERENICE

(MARAVILHADA) Meu Deus! Não pode ser possível! Será que ouvi direito? Foi você mesmo quem falou? (APROXIMA-SE DE FREDERICO. OLHA DETIDAMENTE O CUNHADO, DEPOIS, ÁGIL, SEGURA-LHE O BRAÇO, ARRASTANDO-O GRACIOSAMENTE. FREDERICO ACOMODA-SE NUMA CADEIRA E BERENICE SENTA-SE SOBRE A MESA, DE FRENTE PARA ELE) Escute, Fred... Quero que escreva um poema inspirado em mim!

FREDERICO

É impossível, Berenice! Não sou mais capaz!

BERENICE

Como pode anular-se dessa maneira! Tem de lutar enquanto é tempo! Enquanto moço, ainda!

FREDERICO

Moço?

BERENICE

Quarenta anos! Quantas vidas começam realmente nesta idade! Para a mulher, talvez seja o início do declínio. Para o homem, o limiar da segunda juventude!

FREDERICO

Não exagere, Berenice! Não vê que...

BERENICE

(ELOQUENTE) Escute, Fred, procure reaver a liberdade! Quebre as correntes! Alce voo! Desapareça desta província, enquanto há tempo!

FREDERICO

Durante anos foi o que mais desejei! Ir embora para o Rio, São Paulo! Exercer minha profissão num campo de maior perspectiva, de maiores possibilidades! Mas, sempre que trabalhava essa ideia, defrontava com um obstáculo intransponível, a oposição de Roberta! Ah, quantos voos ela me

impediu de alçar! Quantas iniciativas me tolheu! (IMITANDO A MULHER) “Não, isso eu não aprovo! Isso não vai dar certo”! “Viajar jamais! Ficar longe dos meus pais? Levar as crianças? Nem uma coisa nem outra! Não vou ficar longe da minha família! Aqui, pelo menos, eu tenho uma porta para bater, numa hora de desespero”! (NUMA EXPLOSÃO) E por tudo isso, por tudo isso... Puta que os pariu! Eu sou um homem castrado! Castrado em todas as minhas iniciativas!

BERENICE

(PROVOCANTE) Castrado em todos os pontos de vista!

FREDERICO

(ENTENDENDO A PROVOCAÇÃO) Não brinque com coisa séria!

BERENICE

Brincar, coisa nenhuma! Estou a quase meia hora, praticamente nua na sua frente e você ainda não notou!

FREDERICO

Ora Berenice! Que é isso? Você é quase uma filha!

BERENICE

Corte essa, Fred! Papo de “quase filha” é bola murcha!
(INSINUANTE) Diga pra mim, nunca me comeu em pensamento?
Nunca desejou meu corpo? Pelo menos em sonho?

FREDERICO

(PROCURANDO SE MANTER FIRME) Que modos são esses, Berenice? Não ficam bem! Você é irmã da minha mulher!

BERENICE

E daí? Sou uma mulher livre, Fred! Dei, há muito tempo, meu grito de independência! (NUM DESABAFO) Quando quero trepar com alguém, meu filho, eu trepo! Não tenho de dar satisfação a quem quer que seja!

FREDERICO

(PERPLEXO) Que expressões! Não posso estar ouvindo bem! Não posso acreditar!

BERENICE

Você me dá pena! (CINISMO NERVOSO, QUASE DESCONTROLADO) Como pensa que consigo dinheiro para

vestir, para curtir a vida e ajudar nas despesas desta casa? Vendendo os meus miseráveis produtos de beleza, de escritório em escritório? Tinha muita graça! Tenho de fazer muito mais, meu filho! Muito mais!

FREDERICO

(SEM QUERER ACREDITAR) Não é verdade o que está dizendo! Fala deste modo para me provocar, não é? Diga que é mentira!

BERENICE

É a pura verdade! (EXPRESSÃO ENIGMÁTICA, MISTO DE CINISMO E DESESPERANÇA) Pensa que isso me arranca pedaço? Que nada! Estou aqui, inteira, ajudando a manter esta casa!

FREDERICO

(DECEPCIONADO) E eu que pensei que o dinheiro que você fornecia a Roberta provinha do meu “honrado”! Do filho da puta do meu sogro!

BERENICE

(ESFORÇANDO-SE EM PARECER CÍNICA) Qual a diferença? Não venha com preconceito agora!

FREDERICO

(DECEPCIONADO) Chega, Berenice! Deixe-me em paz!

BERENICE

(CAINDO EM DESESPERO) Não Fred, eu preciso explicar! Por favor me ouça! Olhe, não me tome por uma vagabunda! Põe na cabeça isso, tá? Há três anos, quando vim morar com vocês, o propósito era arranjar emprego aqui na cidade. Nem por sonho imaginava me submeter a essas coisas! A minha ideia era outra! Limpa! De mocinha direita! (TRANSIÇÃO) Mas eu via você humilhado dentro desta casa... praticamente sustentado pela minha irmã... (FORTE) Roberta era instigada quase que diariamente pelo nossos pais para abandoná-lo... e você, sem moral para reclamar coisa alguma! (SOFRENDO) Isso me dava uma revolta muito grande. Revolta contra minha irmã, contra meus pais, contra toda a minha família! Achava que você não merecia o que vinha sofrendo! Se eu estivesse no lugar de Roberta, com muito prazer o sustentaria! Era capaz de me matar no trabalho para dar a você tudo o que precisasse! Sem cobranças, sem acusações, com muito amor! Eu o trataria como um príncipe! Embonecava você, só para tê-lo nos meus braços!

FREDERICO

(QUASE DESFALECENDO) Pare, pelo amor de Deus!

BERENICE

Não! Preciso lhe dizer tudo que está parado na garganta! (ESFORÇANDO-SE PARA NÃO SER TRAÍDA PELA EMOÇÃO) A primeira vez em que me prostitui... aconteceu quando fui vender meus cosméticos. Era um escritório comercial. O homem me fez uma proposta de mil reais! Eu não cheguei a pensar! Tudo se passou rápido, sem drama de consciência! Daí por diante, não me faltou dinheiro! (IRÔNICA) Você e Roberta admiravam-se do meu sucesso como vendedora de produtos de beleza! Vendedora de produtos de beleza, uma porra, cara!

FREDERICO

(TOMADO DE PERPLEXIDADE) Se o que está me dizendo é uma brincadeira... acredite, superou tudo em matéria de mau gosto. Caso contrário, é a coisa mais cruel que eu poderia ouvir nesse momento terrível da minha vida!

BERENICE

Compreendo. É difícil aceitar certas verdades! Quisera estivesse brincando! (PAUSA SIGNIFICATIVA. SORRISO AMARGO) Mas não se martirize, Fred! Não foi demasiadamente traumático para mim submeter-me a essa situação. Quer saber porque? (EMOCIONADA) Porque eu o desejava! Porque eu o queria! Porque estava doidamente apaixonada por você! (SOFRENDO) E não tinha esperanças!

FREDERICO

(ERGUENDO-SE) Vá embora, Berenice! Quero ficar só!

BERENICE

Será possível que não me deseje nem um pouco?

FREDERICO

Não, Berenice! (TRANSIÇÃO) Sou marido de sua irmã!

BERENICE

(AGRESSIVA, QUASE DESCONTROLADA) Diga a quanto tempo não tem relações com ela?

FREDERICO

(ABORRECIDO) Ora, cale-se!

BERENICE

(INSISTENTE) Um mês, dois, três... um ano? (TRANSIÇÃO)
Sim, eu sei que ela rejeita você! Toda vez que a procura, ela está doente, não está? Milhões de doenças! Um rosário de doenças! Doenças de mentira! E até nos raros momentos em que não consegue escapar da sua insistência, é como se você trepasse com uma barra de gelo... Um manequim frio e sem vida!

FREDERICO

(SUPLICANDO) Berenice, pelo amor de Deus!

BERENICE

(DOCEMENTE) Enquanto eu, morro de prazer só em desejá-lo! Com cada homem que me deito, fecho os olhos e fico pensando que é você que está explorando as minhas carnes e as minhas entranhas!

FREDERICO

(OLHANDO-A FIRMEMENTE, BALBUCIA) Berenice!

BERENICE

(A MOÇA, QUE SE POSICIONA NO MEIO DA CENA, PRÓXIMO AO PROSCÊNIO, ENCARA O CUNHADO COM UM OLHAR DE SÚPLICA. SÚBITO, ABRE A TOALHA QUE A ENVOLVE E, MOSTRANDO A ELE SUA NUDEZ) Olhe para mim! Eu não lhe desperto nada? (HÁ UM PROFUNDO SILÊNCIO ENTRE OS DOIS. FREDERICO COMO SE ESTIVESSE SOB HIPNOSE, COMEÇA A SE APROXIMAR LENTAMENTE DE BERENICE, QUE PERMANECE PARADA, COM OS BRAÇOS ABERTOS, SUSTENTANDO A TOALHA POR TRÁS. ANTES, PORÉM, QUE UM SE LANCE NOS BRAÇOS DO OUTRO, A PORTA SE ABRE E APARECE ROBERTA. BERENICE COBRE-SE RAPIDAMENTE, VIRANDO-SE PARA A PLATEIA. FREDERICO VOLTA-SE PARA ROBERTA. ENCARANDO-A ESTÁTICO E MUDO. A JOVEM VOLVE O ROSTO, DE SOSLAIO, PARA A IRMÃ, CORRENDO, EM SEGUIDA, EM DIREÇÃO AO QUARTO. SAI DE CENA).

ROBERTA

Que houve com Berenice? Vocês andaram discutindo?

FREDERICO

(QUASE SEM VOZ) Ela estava nervosa e...

ROBERTA

(CORTANDO-LHE A PALAVRA) Claro! Temos de estar nervosos! (ENCARANDO-O) A culpa de tudo é essa falta de iniciativa da sua parte. Berenice vem nos ajudando nas despesas, a mais da conta! O que não é direito! E você aí, feito um palerma! (Aproxima-se e atira sobre a mesa uma cédula que traz nas mãos) Olhe o dinheiro da costura! Pegue e veja se compra alguma coisa! Não tem nada para o jantar! (FREDERICO OLHA EM SILÊNCIO A NOTA SOBRE A MESA, ROBERTA VAI ENCAMINHAR-SE AO INTERIOR DA CASA, QUANDO FREDERICO A INTERROMPE).

FREDERICO

Roberta! (A MULHER VOLTA-SE PARA ELE) Precisamos conversar! (APROXIMANDO-SE) Não me diga que estou retomando meu cavalo de batalha! Tenho alguns amigos da velha guarda, trabalhando na imprensa no Rio de Janeiro! (COM ÂNIMO) Com certeza, lá eu poderia reajustar a minha vida! (COM ENTUSIASMO) Aceitaria qualquer serviço! Começaria como repórter, redator ou mesmo revisor! Qualquer coisa! Qualquer coisa, mesmo!

ROBERTA

(SECAMENTE) Terminou?

FREDERICO

(QUASE NUMA SÚPLICA) Escute! No início... Durante os primeiros meses... as crianças poderiam ficar com os avós! Depois que eu firmasse os pés no chão, voltaríamos para buscá-las! Sei que daria certo!

ROBERTA

Já lhe disse Frederico, daqui não saio!

FREDERICO

(INSISTINDO) Se você preferisse, eu seguiria na frente, sozinho! Quando tudo estivesse arranjado e eu começasse a trabalhar, você iria ao meu encontro! De início eu alugaria um quarto para nós dois, até que a situação se equilibrasse!

ROBERTA

(MORDAZ) Se aqui, onde todos o conhecem, você não consegue coisa alguma, o que dizer numa cidade onde ninguém

é amigo de ninguém! Numa cidade de estranhos! Não adianta,
Frederico!

FREDERICO

(FIRME) É claro, que adianta! Lá fora é diferente! Muito melhor! Santo de casa não faz milagres! A não ser que seja de família ilustre e dono de muito dinheiro! (NUM CRESCENDO DE REVOLTA) isso aqui é uma cidade mesquinha e egoísta! Quando um conhecido visita outro, é somente na esperança de vê-lo mais miserável do que antes! Se o encontra, realmente na pior, desaparece com aquele ar superior de falsa comiseração! Mas, se ao contrário, acha-o feliz e próspero, aproxima-se dele com o riso largo da hipocrisia e o peito estourando de inveja! (EXPLODINDO) Esta é uma cidade de falsos e de filhos das putas, e é por isso que eu quero ir embora desta porra!

ROBERTA

Você está cheio de complexos e de recalques! E, ainda por cima, podre de orgulho! Seja humilde! Visite as pessoas! Conte a elas sua situação! Peça ajuda!

FREDERICO

(GRITANDO) Ninguém ajuda ninguém, Roberta! Você quer que eu rasteje?

ROBERTA

Rasteje, se for necessário!

FREDERICO

Não! Nunca! Isso me tornaria mais desgraçado do que sou!

ROBERTA

Você não tem jeito! (VAI RETIRAR-SE) Não tem jeito, mesmo!

FREDERICO

(CHAMANDO-A) Roberta!

ROBERTA

(VOLTA-SE E O ENCARA COM DESPREZO) Diga!

FREDERICO

(SUPLICANDO) Ajude-me!

ROBERTA

(IMPACIENTE) Ora essa!

FREDERICO

Você é a única coisa que tenho realmente! É a minha mulher! A mãe dos meus filhos! Se eu não tiver o seu apoio, se você não acreditar em mim, o que me resta? Por favor, não me trate como se eu fosse um lixo! Tenho muito a dar, ainda! Só preciso de uma oportunidade”

ROBERTA

(INDIFERENTE, A MULHER APONTA A MESA) Não se esqueça do dinheiro! É bom que vá comprar logo alguma coisa para o jantar! (O HOMEM FICA, POR ALGUNS INSTANTES, PARADO, IMÓVEL FEITO UMA ESTÁTUA, OLHANDO A ESPOSA AFASTAR-SE ATÉ DESAPARECER DE CENA. VOLTA-SE LENTO, CABISBAIXO, SEM ÂNIMO. APROXIMA-SE DA MESA. TEM UM BREVE MOMENTO DE INDECISÃO. FINALMENTE, APANHA O DINHEIRO. NESTE PONTO, APAGAM-SE AS LUZES. QUANDO A

CENA VOLTA A SE ILUMINAR, REPRESENTA A MESMA PRAÇA PÚBLICA ANTERIORMENTE VISTA).

FREDERICO

Como vê, minha vida não tem sentido!

MALANDRO

Neste mundo, a gente tem de ser cínico se quiser sobreviver! Porque não sai para uma mulher? Corte essa de ser bom, que não leva a nada!

FREDERICO

Agora é tarde! Nada mais posso fazer!

MALANDRO

Escute! Sua mulher não quer ir para o Rio de Janeiro! E daí? Você vai sozinho, porra! Sem dar satisfação a ninguém! (TRANSIÇÃO) Quando voltar a escrever em jornais e a segurar uma boa grana... (ANIMANDO-O) Quando melhorar de vida, quero ver se a coroa não entrega os pontos! E aí, será a sua vez de cantar de galo!

FREDERICO

Na boca tudo é fácil! E dinheiro para eu ir embora?

MALANDRO

Você é mesmo obtuso! E onde está a cunhada?

FREDERICO

O que?

MALANDRO

A irmã da sua mulher!

FREDERICO

Berenice?

MALANDRO

Do jeito como está gamada, arranja o dinheiro que precisar! Faz o jogo cara, faz o jogo!

FREDERICO

Espere... Você está sugerindo que eu...

MALANDRO

Você sacou! Sacou, no duro! Joga a menina às feras e segura a grana!

FREDERICO

(REAGINDO) Isso é sujeira!

MALANDRO

Quer ir para o Rio de Janeiro, não quer? Não venha com santidade pra cima de mim! Que é que tem a perder? A cunhada não está mesmo entregue às feras?

FREDERICO

(TENTADO) Não sei porque ainda conservo esse maldito senso de moral!

MALANDRO

Que não leva a nada! Concorda comigo?

FREDERICO

É uma questão de ponto de vista!

MALANDRO

Vai ver como é fácil! Não precisa nem mostrar o caminho! Ela já sabe como fazer!

FREDERICO

Se eu aceitasse uma coisa dessas, não me perdoaria jamais! (PENSATIVO) É muito sórdido!

MALANDRO

(FORTE) Sinceramente não vejo outro caminho! A solução de todos os problemas está a seu alcance! Siga o conselho, cara! Toma uma decisão inteligente pelo menos desta vez!

FREDERICO

Não sei!

MALANDRO

Toma uma decisão, porra!

FREDERICO

Berenice é a única pessoa que ainda gosta de mim! Não é justo tratá-la de maneira tão desleal! É muito sujo!

MALANDRO

Experimente e verá como as coisas vão acontecer! Será novamente dono do próprio nariz! Quando a tempestade tiver passado e se lembrar que um dia quis acabar com a própria vida, aí você vai rir! Rir da bobagem que queria fazer! (PÕE A MÃO NO OMBRO DE FREDERICO) Vamos tomar uma cerveja para limpar as ideias! (FREDERICO ESTÁ INDECISO) Vamos lá, eu pago! (RI) Quero comemorar minha boa ação de hoje!

FREDERICO

(ACEITANDO A IDEIA) Um pileque até que não seria mal!
(OS DOIS COMEÇAM A ANDAR, DESAPARECENDO DE CENA PELA DIREITA. AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA. QUANDO O PALCO TORNA A ILUMINAR-SE, O AMBIENTE CENOGRÁFICO RETORNA À RESIDÊNCIA DE FREDERICO. NOITE ALTA. TUDO ESTÁ DESERTO. OUVEM-SE VOZES, QUE SE APROXIMAM. EM SEGUIDA, BATIDAS NA PORTA, A PRINCÍPIO MODERADA, DEPOIS, INSISTENTES E FORTES. ROBERTA, VESTINDO UM ROBE,

SURGE PELA DIREITA, VISIVELMENTE ABORRECIDA. ESCUTA UM INSTANTE PARA IDENTIFICAR A VOZ. FINALMENTE, ABRE A PORTA. SURGEM FREDERICO E O MALANDRO).

ROBERTA

(PARA FREDERICO) Coisa bonita!

FREDERICO

(SEM DAR ATENÇÃO À ESPOSA, FALA PARA O MALANDRO) Vamos entrar um pouco!

MALANDRO

(ESQUIVANDO-SE) Outro dia a gente se vê!

FREDERICO

Faço questão que entre! (O MALANDRO ADIANTA-SE) Venha conhecer a minha estrutura familiar! (APRESENTA-LHE ROBERTA. A MULHER DÁ AS COSTAS AOS DOIS E SE RETIRA). Não disse que ela é uma fera?

MALANDRO

Vou embora!

FREDERICO

Está com medo da serpente?

MALANDRO

Ela não é de conversa! (RISO CÍNICO) Também, do jeito que a gente está! Que é que você queria? Banda de música?

FREDERICO

Pena não ter nem uma garrafa de bebida nesta casa!

MALANDRO

A barra está pesada! É melhor eu ir embora! Amanhã a gente se vê no mesmo lugar! (TRANSIÇÃO) Não esqueça o conselho! Faça como eu disse, e verá o resultado!

FREDERICO

Fique certo que farei! (GRITA) Abaixo as estruturas morais!

MALANDRO

(RINDO) Abaixo as estruturas morais! (SAI DE CENA).

FREDERICO

(FECHANDO A PORTA, À SAÍDA DO MALANDRO)

Estruturas morais! Ao diabo, as estruturas morais!

ROBERTA

(APARECENDO) Muito bonito, Fred! Muito bonito o que está fazendo!

FREDERICO

(CLARAMENTE EMBRIAGADO) Você acha mesmo? Ou está dizendo isso somente pra me agradar?

ROBERTA

Não basta a situação em que nos deixou com a sua inutilidade, com a sua irresponsabilidade? E agora isso, embriagado! A que ponto chegou!

FREDERICO

(LEVANDO O DEDO AOS LÁBIOS) Psiu! Olhe a vizinhança! Não vai querer que todo mundo tome conhecimento do que se passa aqui!

ROBERTA

(NUM DESABAFO CHEIO DE REVOLTA) Dessa maneira não é possível mais continuar! Vou voltar pra casa dos meus pais!

FREDERICO

(CÍNICO) Que sábia decisão, Roberta! Devia ter feito isso há muito mais tempo!

ROBERTA

Patife! Canalha! É o que você deseja, não é?

FREDERICO

Se quer saber a verdade, é isso mesmo!

ROBERTA

(APANHA UM PRATO QUE SE ENCONTRA SOBRE A MESA E O ESPATIFA NO CHÃO) Canalha! E eu que me sacrifiquei tanto por você! (DERRUBA UMA CADEIRA, VIOLENTAMENTE) Vou embora! Não há razão para continuar nesta casa!

FREDERICO

Já vai tarde, porra!

ROBERTA

Mais respeito, patife! Mais respeito com a sua mulher!
Com a mãe dos seus filhos! (CHEIA DE ÓDIO) Você não presta!
Nunca prestou!

FREDERICO

Somente agora descobriu isso? Somente agora? Depois
de dez anos de vida miserável?

ROBERTA

Não! Descobri a muito tempo! Desde o começo descobri
que você era um blefe na minha vida! (TRANSIÇÃO) Mas os
filhos... Os filhos não têm culpa de ter nascido! É por eles que
venho suportando! Para que não se tornem no futuro uns
desajustados por nossa causa!

FREDERICO

(IRÔNICO) Nossos filhos! O tema permanente das suas

chantagens emocionais! (GRITANDO) Se tiverem de ser desajustados, não serei o único responsável!

ROBERTA

Serei a culpada, por acaso? Só faltava essa! Eu, que me sacrifico para manter essa merda de vida?

FREDERICO

Merda! Merda sim! Agora você falou certo! Uma merda é o que sempre fomos! (TRANSIÇÃO) É hora de dar a descarga e acabar com essa porcaria de vida!

ROBERTA

Não precisa dizer mais nada! Sei que devo ir embora!
(CHORA) Não pretendo ficar nem mais um minuto nesta casa!

FREDERICO

Então, desapareça! Dane-se! (ROBERTA CORRE EM PRANTOS PARA O INTERIOR DO QUARTO. FREDERICO DÁ UNS PASSOS À FRENTE. GRITA COMO UM LOUCO) Dane-se! Dane-se!
(JOGA-SE NUMA POLTRONA E PÕE AS MÃOS NA CABEÇA. HÁ UM BREVE MOMENTO DE SILÊNCIO. OUVEM-SE PEQUENOS

BAQUES. BERENICE SURGE À PORTA DA ESQUERDA. VESTE UMA CAMISOLA VERMELHA. OLHA SIGNIFICATIVAMENTE PARA

FREDERICO

ENCAMINHA-SE ATÉ O MEIO DA CENA. FREDERICO ERGUE O ROSTO E A ENCARA).

BERENICE

(DOCEMENTE) Que houve desta vez?

FREDERICO

(SECO) Nada.

BERENICE

Você bebeu? (EXAMINA-O DE LONGE. APROXIMA-SE. PÕE LEVEMENTE A MÃO NO ROSTO DELE) Deve estar cansado!

FREDERICO

Estou arrasado!

BERENICE

(COMPREENSIVA) Ouvi tudo! (MOSTRANDO O QUARTO)

Roberta está arrumando as malas!

FREDERICO

Eu sei!

BERENICE

Não vai impedi-la?

FREDERICO

Não!

BERENICE

Pretende deixá-la ir embora?

FREDERICO

Definitivamente! (BERENICE FIXA O OLHAR DE FREDERICO. EM SEGUIDA, DEIXA-O, DIRIGINDO-SE AO QUARTO DO CASAL. FREDERICO CHAMA-A) Berenice! (A MULHER VOLTA-SE) Você também está contra mim?

BERENICE

(BERENICE OLHA-O NUM BREVE SILÊNCIO. DEPOIS, SE DESMANCHA NUM RISO MALICIOSO) Nem pense nisso! (VAI DIRIGIR-SE AO QUARTO, QUANDO ROBERTA SURGE À PORTA, SEGURANDO PEQUENA MALA E UMA VALISE. BERENICE FAZ-SE DE DESENTENDIDA) Vai viajar, mana? A estas horas?

ROBERTA

(FORTE) Estou deixando esta casa!

BERENICE

(COM AR DE MOFA) Está brincando! Não acredito!
(RINDO) Você vai embora? Deixar o Fred? (TRANSIÇÃO) Ah, já sei, brigas de amor! (PARA FREDERICO) Não é verdade, Fred? Brigas de amor? (CÍNICA) Diz que vai, mas não vai! Fred implora! Você faz beicinhos, ele insiste, pede perdão, aí você fica, os dois fazem as pazes... E nova lua de mel!

ROBERTA

(AUTORITÁRIA) Arrume sua roupa, você vai comigo!

BERENICE

(FINGINDO ESPANTO) Eu?!

ROBERTA

(NO MESMO TOM) Não se demore, Berenice! Esta casa não nos cabe mais!

BERENICE

(CÍNICA) Quem está brigando com Fred é você, não eu!

ROBERTA

(SEM ENTENDER) Por favor, não é hora de brincadeira, estou falando sério! (ENCAMINHA-SE PARA O OUTRO LADO DA CENA) Vá arrumar a sua mala, Berenice!

BERENICE

Também estou falando sério!

ROBERTA

(VOLTA-SE PARA A IRMÃ E FALA COM FIRMEZA) Será que não está me entendendo, Berenice? Estou deixando esta casa... para sempre!

BERENICE

(APROXIMANDO-SE) Você é que não quer ver, minha irmã! Estou ficando nesta casa... para sempre! (CHEGANDO-SE PARA FREDERICO) Não é verdade, Fred? Afinal de contas, nós nunca brigamos!

ROBERTA

(ATÔNITA) Não compreendo!

BERENICE

É simples! (FIRME) Você vai embora! Eu vou ficar!

ROBERTA

(SEM ENTENDER O QUE REALMENTE SE PASSA) Não está me levando a sério! Vamos para casa dos nossos pais! Por favor, não quero me demorar nem mais um instante!

BERENICE

Quem está impedido você? Pois vá! Já lhe disse que ficarei!

FREDERICO

(QUE ATÉ ESTE PONTO MANTIVERA-SE EM SILÊNCIO, COM A CABEÇA OCULTA ENTRE AS MÃOS, ERGUE O ROSTO E FALA) porque não vai embora de uma vez por todas e nos deixa em paz? (FORTE) Vá embora! (BERENICE, COM EXTREMO CINISMO, APROXIMA-SE DE FREDERICO).

BERENICE

(APOIANDO O BRAÇO SOBRE O OMBRO DO CUNHADO) Vá tranquila, mana! Eu tomarei conta de Fred como se fosse você! Isto é, melhor do que você! Prometo dar a ele o carinho que você sempre lhe negou!

ROBERTA

(LÍVIDA) Que significa isso, Frederico?

FREDERICO

(INDIFERENTE) Berenice pode lhe responder melhor do que eu!

BERENICE

(DECIDIDA) Significa que eu e Fred nos amamos!

ROBERTA

(DESCONTROLADA) Você não está falando sério! Não pode estar falando sério!

BERENICE

Nunca falei tão sério na minha vida! (TRANSIÇÃO)
Procure me entender, mana! Peço que encare a situação sem criar problemas! Sem escândalos! Acredite, tudo no final se ajustará! (CONVINCENTE) A sua união com Fred há muito deixou de existir! Você mesma confessou que não o ama! A toda hora, lastima seu casamento! Agora mesmo, decidiu abandoná-lo. Quanto a mim, Roberta, fico porque estou apaixonada por ele! (ROBERTA ENCARA A IRMÃ COMO SE ESTIVESSE DIANTE DE UM FANTASMA) Esse sentimento não é de hoje! É bom que saiba! Vem de muito tempo! (CRUEL) Confesso que houve momentos em que cheguei a odiá-la por causa de Fred! Porque tinha de me conformar com o fato de que Fred lhe pertencia! De que jamais poderia ser meu! (RISO IRÔNICO) Mas, agora mana... Agora que você reconheceu o seu fracasso... Agora, que resolveu pôr fim ao casamento, virar a mesa, destruir a farsa... (PAUSA) Então pensei: porque não salvar o trapo de homem a que reduziu o seu marido?

ROBERTA

(QUASE SEM VOZ) Isso é loucura! Loucura terrível!
(PARA FREDERICO) Você chegou a este ponto? Exijo que me responda! Não posso crer que tenha descido tão baixo!

FREDERICO

Que diferença isso faz agora?

ROBERTA

Berenice é minha irmã! E você desgraçadamente, é o pai dos meus filhos! O pai dos meus filhos!

FREDERICO

Mais uma vez, utiliza os filhos como escudo! Será possível que não saiba lutar sem usá-los contra mim?

ROBERTA

Porque, Fred, de toda essa vida miserável, os nossos filhos são a grande verdade... A única verdade! Que você se nega a enfrentar! (CHEIA DE ÓDIO) Não pense que a minha resistência seja por sua causa! Porque ainda tenha qualquer sentimento em relação a você! Que nada! Pouco importa que o diabo o leve para

o inferno! Mas, nossos filhos não têm culpa de ter nascido. Evite, para eles, pelo menos, essa vergonha!

FREDERICO

(COM AR FIRME E INCOMUM A IMPASSIBILIDADE) Se a separação trouxer algum trauma para os nossos filhos, não serei o único culpado. Quanto a Berenice querer ficar comigo, é direito dela, como mulher independente! Portanto, resta a cada um de nós seguir seu caminho e ser feliz... se puder!

ROBERTA

(CHOROSA) Berenice... Tão jovem! (SÚPLICE) Mas do que irmãs, sempre fomos grandes amigas! É inconcebível o que está acontecendo!

BERENICE

(RETOMANDO O CONTROLE DA SITUAÇÃO) Sou uma mulher adulta! Madura! Experiente! Não mais aquela criança! Tenho consciência de tudo o que estou fazendo!

ROBERTA

(REVOLTA) Então, infame... É isso o que você quer?
(APANHA A MALETA E A VALISE E SE DIRIGE, QUASE A CORRER,

NA DIREÇÃO DA PORTA DA RUA. VOLTA-SE. FALA CHEIA DE ÓDIO) Não dará certo! Você verá! Será infeliz também! Muito mais do que eu! (PARA FREDERICO) E você, parasita, inútil... Destruíu a minha vida! Consumiu a minha mocidade! Condenou-me a uma vida de miséria e de frustrações! Enlameou-nos, a mim e aos nossos filhos, com sua podridão moral... (PARA BERENICE) Está cega, Berenice! Está louca! O que poderá esperar deste homem?

BERENICE

Somente amor!

ROBERTA

(AMARGA) Talvez, nem isso ele possa dar! (ABRE A PORTA PARA SAIR).

FREDERICO

(QUASE CAPITULANDO) Espere! (ROBERTA VOLTA-SE) Não vá... agora! É tarde! (QUASE SEM VOZ) Amanhã, ao amanhecer, você decidirá melhor!

ROBERTA

(ENCARA-O COM O OLHAR CHEIO DE ÓDIO) Guarde os cuidados para sua nova mulher! Ela bem que precisará deles!
(SAI. FREDERICO FAZ MENÇÃO DE IMPEDI-LA).

BERENICE

Espere! Deixe-a! (VAI ATÉ FREDERICO, PUXANDO-O PELO BRAÇO) É bom que comece a esquecê-la a partir de agora!
(FECHA A PORTA E SE RECOSTA NELA).

FREDERICO

(PREOCUPADO) Sair a esta hora da noite...

BERENICE

Ela encontrará o caminho que procura! Disso, tenho certeza!

FREDERICO

(SOFRENDO) São dez anos de casados, de vida em comum! Isso conta! A gente se habitua, se apega! E existem os filhos! Eu os amo também! Não sou nenhum desnaturado! (NUM LAMENTO) É verdade que me entreguei ao fracasso! Não lutei!

Não reagi! (QUASE EM PRANTOS) Deixei-me afogar, pouco a pouco, sem esboçar qualquer reação!

BERENICE

(FIRME, APONTANDO A PORTA) Quer ir atrás dela? Implorar-lhe que volte? Rastejar, outra vez? O caminho está livre!

FREDERICO

A gente não pode, num segundo, passar a esponja numa vida inteira! Além do mais, eu tenho culpa! E isso dói!

BERENICE

(ARRASTANDO-O DOCEMENTE PELO BRAÇO) Está bem. Eu compreendo. Mas, vamos começar a sarar essa ferida! (LEVA-O ATÉ O SOFÁ. AMBOS SENTAM-SE. BERENICE TOCA-LHE O ROSTO) Vamos fazer essa barba! Está se tornando grisalha e isso não fica bem para um jovem de quarenta anos! (FREDERICO PASSA A MÃO SOBRE O ROSTO E ENCONTRA A DE BERENICE. SEGURA-A CARINHOSAMENTE. HÁ UM BREVE SILÊNCIO ENTRE AMBOS) Vai esquecer todo o passado, não é?

FREDERICO

(PENSATIVO) Todo o passado!

BERENICE

E levar vida nova! (FIXA O OLHAR DE FREDERICO) Não é?

FREDERICO

(DISTANTE) Vida nova!

BERENICE

(AFASTANDO-SE) Você está triste!

FREDERICO

(ENCARANDO-A) E não deveria estar?

BERENICE

(ACONCHEGANDO-SE) Compreendo, querido!

(ACARICIANDO-LHE OS CABELOS) Eu farei com que você seja feliz! Prometo que farei!

FREDERICO

Não esteja tão certa!

BERENICE

(AJOELHA-SE AOS PÉS DE FREDERICO, QUE CONTINUA SENTADO, COM O OLHAR DISTANTE) Ah, e como farei! Você será tratado como um príncipe! Só quero vê-lo, de agora em diante, elegantemente vestido, perfumado, bem penteado! (ENTUSIASMADA) Você vai voltar a ser o Fred que eu conheci! Aquele moço alegre, inteligente, cheio de iniciativas!

FREDERICO

Isso foi há dez anos!

BERENICE

E daí!

FREDERICO

Estou ficando velho!

BERENICE

Não Fred! Vai ver como será diferente! As manhãs serão mais claras, os dias mais suaves, as noites mais tranquilas... (SONHANDO) Para cada problema, haverá sempre uma solução criativa, surpreendente! E sabe porquê? (SORRI,

TRANSBORDANTE DE FELICIDADE) Por que nos amamos! O amor faz milagres, renova a vida, ilumina a alma, dá sentido às coisas!

FREDERICO

(LEVANTA-SE. AFASTA-SE DELICADAMENTE DE BERENICE) É impossível mudar a realidade num passe de mágica. Não se apaga num segundo uma existência de frustrações e insucessos! (TRANSIÇÃO) Não, Berenice! Não vai ser tão fácil!

BERENICE

Você verá!

FREDERICO

Eu não poderia... Você me entende? Não poderia continuar vivendo nesta cidade, nesta casa, depois de tudo o que aconteceu! Como levar, ao seu lado, uma vida de marido e mulher, tão próxima da sua família, dos meus filhos, de Roberta?! (MAGOADO) Há outra coisa com a qual eu não saberia conviver! Seria extremamente difícil para mim, Berenice... depender de você... do seu trabalho... do seu dinheiro... (NUM MISTO DE ESCRÚPULO E DE CIÚME) principalmente sabendo como você o adquire!

BERENICE

(BUSCANDO CONVENCÊ-LO) Será por pouco tempo, Fred! Pouco tempo! Depois iremos para outro lugar. Talvez o Rio! Quem sabe, São Paulo! Um lugar onde ninguém nos conheça! Onde você possa exercer a sua profissão e projetar-se! Aí, então, passarei a ser sua mulher de verdade! (SORRIDENTE) E você, o meu homem único, exclusivo!

FREDERICO

Enquanto isso, você estaria se entregando a outros homens...

BERENICE

(CORTANDO-LHE A PALAVRA) Escute! Eu prometo! Será até conseguirmos o necessário para que possa ir embora daqui! Você partirá sozinho... Quando tudo estiver bem, irei ao seu encontro!

FREDERICO

É questão de orgulho, sabe? De amor próprio! (PAUSA E TRANSIÇÃO) Mas não posso impor condições, nem exigir nada!

Que tenho eu a lhe oferecer, para que seja exclusivamente minha?

BERENICE

(CARINHOSA) Meu querido! (ENLAÇA-O PELO PESCOÇO)
Eu serei somente sua! (ARRASTA-O ATÉ O SOFÁ. AMBOS SENTAM-SE, UM EM FRENTE AO OUTRO) Quando eu entrego o meu corpo... é para mim um ato mecânico, que não me diz nada... Que não me leva a nada! (RESPIRA FUNDO) É como qualquer trabalho físico, sujo, que depois de um banho bem tomado não deixa vestígio! (AJOELHA-SE E COMEÇA A DESABOTOAR A CAMISA DE FREDERICO. RETIRA-A, JOGANDO-A NO MEIO DA CENA) Mas agora, querido, vamos esquecer tudo! Só quero proporcionar-lhe prazer... e gozar o seu amor! (BEIJA-O LONGAMENTE. POR ALGUNS SEGUNDOS, FREDERICO SE ENTREGA. EM DADO MOMENTO, AFASTA-SE DELICADAMENTE).

FREDERICO

Tenho receio de não conseguir! Minha cabeça está tumultuada, confusa! Você me entende?

BERENICE

(LEMBRANDO-SE DE ALGUMA COISA) Espere um pouco!
Não saia daqui! (LEVANTA-SE DE UM PULO. APANHA A BOLSA QUE SE ENCONTRA SOBRE A MESA, RETIRANDO DELA UMA CAIXA DE FÓSFOROS E FINO CIGARRO DE MACONHA. VOLTA AO SOFÁ, COLOCANDO-SE NA MESMA POSIÇÃO EM QUE SE ENCONTRAVA) Puxa um trago, vai!

FREDERICO

(REAGINDO) Que é isso?

BERENICE

(INSISTINDO) Sem fazer perguntas, tá? Sem perguntas!
Acenda e trague! (FREDERICO FICA INDECISO) Você sentirá uma paz muito grande! Vai desligar-se dos problemas! E então... Eu lhe darei, esta noite, o paraíso inteiro! (FREDERICO LEVA O CIGARRO DE MACONHA AOS LÁBIOS. ACENDE-O E TIRA FORTE TRAGO. DEITA-SE LENTAMENTE. BERENICE, AJOELHADA SOBRE O SOFÁ, RETIRA O VESTIDO. INTEIRAMENTE NUA, ENLAÇA-SE A FREDERICO. AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA, ATÉ A ESCURIDÃO TOTAL. QUANDO O PALCO TORNA A ILUMINAR-SE, A CENA SUGERE UMA RUA DESERTA. ALI, A UM CANTO, VÊ-SE

RUBÃO À ESPERA DE ALGUÉM. EM DADO MOMENTO, SURGE FREDERICO PELA ESQUERDA. O MALANDRO AGUARDA, IMPASSÍVEL, A APROXIMAÇÃO DO PERSONAGEM. FREDERICO MOSTRA-SE PROFUNDAMENTE ABATIDO).

FREDERICO

Desculpe a demora!

MALANDRO

Ei, cara! Você parece cansado!

FREDERICO

(ANSIOSO) Trouxe a encomenda?

MALANDRO

(COM DESINTERESSE) Deixe isso pra depois! (FIRME)
Como foi o negócio ontem?

FREDERICO

Fracó!

MALANDRO

(CONTRARIADO) Não vem com essa! Ontem, sexta feira?
Pra cima de mim?

FREDERICO

Fraco, sim! Palavra! (CANSADO) Onde está o cigarro?

MALANDRO

A coisa ficou difícil! Com a fiscalização pintando por aí, a
“erva” está cada vez mais cara! (CÍNICO) Como é? A guria faturou
bem, essa noite?

FREDERICO

Duzentos! Só deu pra trazer cem!

MALANDRO

Cem, porra! Isso é dinheiro?

FREDERICO

Foi fraco! Já disse! (NERVOSO) Onde está o cigarro?

MALANDRO

(AMEAÇADOR) Espere um pouco! Precisamos esclarecer certas coisas!

FREDERICO

Por favor, passe o fumo! Depois a gente esclarece o que você quiser!

MALANDRO

Você e sua guria estão consumindo muito, sabe? Isso custa dinheiro, cara! Muito dinheiro! (HIPÓCRITA) Eu sou seu amigo e você sabe disso! Mas tem de colaborar! A menina não está trabalhando o suficiente? Dá duro, cara! Quer a erva, não quer? Então, é preciso dinheiro! Erva não é coisa que se ache na rua! (CÍNICO) Economizando a guria, também não vai juntar dinheiro pra sua viagem, não é? Dá duro!...

FREDERICO

Cem é tudo o que tenho!

MALANDRO

Está escondendo o leite? Não está jogando limpo!

FREDERICO

Acredite! (REVOLTADO) Estou cada vez mais me afundado! Agora, essa maldita dependência! (DESCONTROLADO) O fumo! Passe logo o fumo, porra!

MALANDRO

Não trouxe!

FREDERICO

Não brinque! Não brinque comigo!

MALANDRO

Tenho coisa melhor!

FREDERICO

O que?

MALANDRO

(TIRANDO DO BOLSO UM PEQUENO PACOTE) Olha só!

FREDERICO

(EXAMINANDO NERVOSAMENTE) Não, isso não!

MALANDRO

Que diferença faz?

FREDERICO

Isso é caro, prefiro a erva!

MALANDRO

(OFERECENDO) Pegue, é seu! Um presente, cara! Um presente!

FREDERICO

(RECEBENDO) Presente de grego! E depois? (SENTA-SE NUM BATENTE DA CALÇADA) Quando aceitei partilhar a vida de Berenice, acreditava que seria por pouco tempo! Apenas o necessário para juntar dinheiro e ir embora! Mas, o dinheiro foi entrando e foi saindo! Agora, o maldito vício! (TRANSIÇÃO) Não sabia que Berenice tinha essa dependência! Dependência que acabou também por me envolver! Ah, cara! Estou perdido! Sinto como se estivesse em areia movediça! É o fim! Agora sei que é o fim!

MALANDRO

Deixe de lamúria, porra! Muita gente curte tudo isso. Numa boa! Gente alta! Gente gabaritada! Só pra quebrar a monotonia! (AUTORITÁRIO) Experimente o pó! Garanto que se sentirá mais animado, depois!

FREDERICO

Isso é um suicídio! (NUM DESABAFO) Mil vezes, num instante em que o conheci, tivesse me matado realmente!

MALANDRO

Você hoje está um saco! Assim, não te aguento! (VAI SE RETIRAR. NESSE MOMENTO, SURGE BERENICE, QUE SE DEFRONTA COM O MALANDRO. ESTE A CUMPRIMENTA COM AFETAÇÃO) Tudo joia? (BERENICE NÃO RESPONDE. OLHA NA DIREÇÃO DE FREDERICO, QUE SE CONSERVA SENTADO, CABISBAIXO) Vá cuidar dele! Está hoje na pior! (A MULHER APROXIMA-SE DE FREDERICO, QUE ERGUE O ROSTO E A ENCARA. AMBOS PERMANECEM ALGUM TEMPO EM SILÊNCIO. O MALANDRO SOLTA UM RISO DE MOFA E SAI DE CENA).

FREDERICO

Por que veio?

BERENICE

Preocupação com você!

FREDERICO

Não havia motivo!

BERENICE

(SENTA-SE AO LADO) Eu me sinto culpada!

FREDERICO

(AMARGO) Da minha fraqueza?

BERENICE

Eu o levei a isso! Não era meu propósito!

FREDERICO

Eu sei! Não se atormente! (PAUSADO) A
responsabilidade é unicamente minha!

BERENICE

Sabe que não é verdade!

FREDERICO

Todos os insucessos da minha vida só tiveram uma causa: a imensa covardia que sempre me dominou! Passei o tempo me escondendo dos problemas. Com medo de enfrentá-los! (DESOLADO) Qualquer dificuldade que surgia, logo se agigantava diante dos meus olhos! Inconscientemente transferia para os outros, aquilo que deveria ser enfrentado e resolvido por mim! Foi por isso, Berenice, que jamais conquistei definitivamente qualquer coisa. Roberta tinha razão, sou um fracasso! Um irremediável fracasso!

BERENICE

Por favor!

FREDERICO

Há mais por que nos enganarmos!

BERENICE

(COMEÇANDO A SE DESCONTROLAR) Não fale assim!

FREDERICO

(AGRESSIVO) Será que não enxerga? Não vê o óbvio? Sou um homem despreparado para viver! Um parasita! Um inútil!
(TRANSIÇÃO) Quando decidi me juntar a você, partilhar do seu modo de sobrevivência, do seu dinheiro, eu a iludia e a mim também, fingindo acreditar que seria por pouco tempo... O necessário para ir embora, respirar com meus pulmões, andar com os meus pés, viver minha própria vida! No íntimo, sabia que isso era impossível! Que fracassaria inevitavelmente!

BERENICE

Está falando como se estivesse tudo perdido! Como se fosse o fim!

FREDERICO

Eu cheguei ao fundo do abismo!

BERENICE

(AFLITA) Não, querido! Pra tudo há remédio! Enquanto existir um sopro de existência, temos a obrigação de alimentar esperança!

FREDERICO

(AFASTANDO-SE) Você não quer entender!

BERENICE

(SEM OUVI-LO) Podemos ainda fazer tudo o que planejamos!

FREDERICO

(INTERROMPENDO-A) Você precisa entender!

BERENICE

(COM FIRMEZA) Vamos reagir, Fred! (RISO NERVOSO)
Vamos reagir! Iremos para o Rio ou São Paulo! Ainda poderemos ser gente!

FREDERICO

(GRITA) Eu não tenho mais futuro! Estou no fim! No fim!
Se não pude reagir, durante tanto tempo, se não consegui me afirmar até hoje, como poderia agora? (DESCONTROLADO)
Entenda... Agora é impossível!

BERENICE

(DESCONTROLADA) Eu não quero entender nada, porra!
Não quero entender nada!

FREDERICO

Berenice!

BERENICE

Não percebe que não desejo entender porra nenhuma?
Que pretendo continuar me iludindo? Me enganando? Quero
pensar que você é um homem, merda! Que você ainda pode ser
alguém! Já que não tenho nenhuma perspectiva na vida, além de
viver puta, morrer puta, na sarjeta, como todas!

FREDERICO

Vá embora! Desapareça da minha vida! Será melhor para
você!

BERENICE

Por que? Sinceramente, não esperava muita coisa! Eu
apenas o amava! Desejava ficar ao seu lado! Pouco me
importava, que passasse o resto da sua vida fazendo planos,

sonhando com uma viagem que nunca iria realizar, antegozando a reabilitação que jamais haveria de conseguir!

FREDERICO

Você sabia o tempo todo! (RETIRA DO BOLSO O PACOTINHO DE COCAÍNA. ABRE-O E ASPIRA UM POUCO DE PÓ).

BERENICE

Algumas vezes, cheguei a pensar que realmente pudesse acontecer! Houve instantes que senti esperança! (DESILUDIDA) Nos meus momentos de entusiasmo e devaneios! (TRANSIÇÃO) Mas, logo em seguida, compreendia a sua fraqueza, sua fragilidade, sua dependência! (COM TERNURA) Não pense que isso me decepciona ou fez diminuir o afeto que eu sentia por você! Não! Eu o amava! Por isso, mais do que nunca, me sentia na obrigação de protegê-lo!

FREDERICO

(RISO NERVOSO, ENTRECORTADO) Que triste papel desempenhei! Agora, tudo terminou!

BERENICE

Não! Não Terminou! Você é o meu homem! Nunca esperei nada de você, Fred, além do seu amor! Por isso tenho de pagar o preço da opção que fiz! Você é responsabilidade minha! (FREDERICO ASPIRA MAIS UM POUCO DE PÓ).

FREDERICO

(RINDO, SOB EFEITO DA DROGA) E deverei continuar sendo um objeto seu! Um animalzinho de estimação!

BERENICE

(CARINHOSA E CÍNICA) O meu objeto sexual! Meu gigolozinho querido!

FREDERICO

(Gargalhada) Seu gigolozinho... (RISO, QUASE HISTERIA) Seu objeto sexual! (GARGALHADA) Finalmente ganhei nova qualificação na vida! (TORNA-SE SÉRIO) Curioso... Como consegui, quase sem me aperceber disso, despojar-me de toda a compostura! É surpreendente!

BERENICE

Ainda não conseguiu perder o preconceito!

FREDERICO

(RINDO) Preconceito?

BERENICE

(ABRAÇANDO-A) Machismo!

FREDERICO

(RISO AMARGO) Eu?

BERENICE

(PUXA-O PELO BRAÇO. AMBOS SENTAM-SE NO CHÃO.
FREDERICO VAI PROVAR, MAIS UMA VEZ, A COCAÍNA, AGORA
SOB O OLHAR SURPRESO DE BERENICE) Que é isso?

FREDERICO

(MOSTRANDO-LHE) Cocaína!

BERENICE

(ASSUSTADA) O que?

FREDERICO

(LENTAMENTE) Cocaína!

BERENICE

(SÉRIA) Está usando essa coisa? (PROCURA ARREBATAR O PACOTINHO DAS MÃOS DE FREDERICO. ESTE SE CONTORCE, DEFENDENDO-SE. BERENICE DESISTE E O ABRAÇA).

FREDERICO

(MOSTRANDO-LHE O PÓ) Quer experimentar?

BERENICE

(TENTADA) Não!

FREDERICO

(INSISTINDO) Só um pouquinho!

BERENICE

(VENCIDA) Só um pouquinho!

FREDERICO

Daqui a pouco, verá o resultado! Euforia! Liberação de tensões e complexos! Ausência de depressões! (TRANSIÇÃO) Vê, estou melhor?

BERENICE

(ASPIRANDO MAIS UM POUCO) Isso é muito forte!

FREDERICO

Muito mais forte que a erva!

BERENICE

E perigoso!

FREDERICO

(ACARICIANDO-A) E que importa?

BERENICE

(PROCURANDO SE RECOMPOR) Estamos na rua!
(ERGUENDO-SE) Vamos para casa!

FREDERICO

Por que? (ERGUENDO-SE. ABRINDO OS BRAÇOS COMO ASAS E GIRANDO NOS PÉS) O mundo é nosso! O mundo inteiro! Para que nos escondermos dentro de quatro paredes? (RI GOSTOSAMENTE) Somos dois pássaros! Dois pássaros livres na busca de espaço sem fronteiras! Sem limites! (FORTE) Venha. Vamos voar! Voar à procura da liberdade!

BERENICE

Como dois pássaros!

FREDERICO

(GIRANDO NOS PÉS, BRAÇOS ABERTOS COMO SE FOSSEM ASAS) Como dois pássaros livres!

BERENICE

Livres das convenções, livres das obrigações, livre dos conceitos e preconceitos! (EMPOLGADO) Ah, vamos voar como dois pássaros! Esquecer que existem homens e coisas! Que existem leis e sociedade! Que existem direitos e deveres, verdades e mentiras, justiça e opressão! Que existe um sistema econômico prostituindo as almas, corrompendo os sentimentos,

massacrando as nossas verdades, escravizando as nossas vidas, aniquilando os nossos sonhos! (FREDERICO E BERENICE RODOPIAM DE MÃOS DADAS) Ah, vamos voar como dois pássaros e saborear as delícias da liberdade!

As luzes se apagam. Sobre os personagens são jogados dois focos de luz vermelha. Berenice e Frederico bailam, desordenadamente, no meio do palco. Ouvem-se ruídos de carros, que passam com bastante velocidade. Música tema reaparece longínqua. Súbito, um jato de luz branca dirige-se rápido, da esquerda para a direita, em direção aos dois. Simultaneamente, escutam-se um ranger violento de freios e toques de buzina. Baque surdo e gritos. O foco de luz branca se apaga, permanecendo a luz vermelha. Os atores caem no chão, como se jogados por um impacto violento. Música sobe em toda a intensidade. As luzes vão se apagando em resistência. A cortina fecha.

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

TEMPESTADE EM CÉU AZUL

TRAGÉDIA REGIONAL NORDESTINA

EM 3 ATOS

TEMPESTADE EM CÉU AZUL

LUIZ NOGUEIRA (*)

Numa breve análise da dramaturgia de Pedro Onofre, abordarei agora “Tempestade em céu azul”.

Peça escrita na década dos anos sessenta. Época de intensa procura de caminho que conduzisse o país a uma etapa política que atendesse aos grandes anseios populares. A ideia, acalentada por muitos, era a de que o socialismo representava a vertente que mais soluções oferecia. Outros, preferiam simplesmente o caminho evolutivo, quer dizer, uma passagem da democracia jurídica para a democracia popular, isto é, conquistada pelo povo, através da sociedade civil, organizada em entidades as mais variadas. E finalmente outra parcela preferia que tudo ficasse como estava.

Na verdade, tanto a parcela que desejou o socialismo, como a que deseja a mudança da democracia jurídica para a popular, teve de enfrentar a fúria da parcela conservadora, poderosa, e instalada no poder desde o descobrimento do país.

Nas formas de lutas da década de 60, muitas teses foram acatadas pelos transformistas. E uma delas, “**Os meios justificam os fins**” foi, por vezes, ponto de partida para algumas tragédias. É que a tese, sem nos determos em questões éticas, impedia uma análise em profundidade do obstáculo a ser transposto, gerando certa cegueira por parte de quem adotava. E por aí, os séculos de poder institucionalizado, no país, passaram ao longo da capacidade de análise de alguns protagonistas de histórias trágicas.

A peça de Pedro Onofre retrata uma destas estórias. Aquino é um pescador modesto, que sonha com a melhora da sua colônia de pescadores. Crê na organização de seu grupo. Mas ainda não tem instrumento efetivo que lhe propicie tornar-se líder comunitário. Eis que certo dia recolhe um corpo de mulher, trazido pelo mar: Corpo alvo e belo, dos contos sobrenaturais. Tal a beleza da mulher, e a impossibilidade lógica de que o seu corpo não se houvesse despedaçado nos arrecifes, que a população pensa logo em milagre. Milagre que logo é anunciado pela sacerdotisa ou profetisa da aldeia, a macumbeira Jurema. Assim, a naufraga é anunciada como entidade santa. Jurema garante que dia virá no qual um grande acontecimento provará o que ela diz. Em tempos ruins, de pescaria, certo dia a

população vê, com espanto, as jangadas chegarem cheias de peixe. Era o milagre. Milagre que precisava de agradecimento.

É nessa hora que Enoque, irmão de Aquino, que sonha sempre ir para a capital tentar vida melhor, procura mostrar a Mariano, o pai de adoção, e a Aquino, que o milagre atribuído à mulher era uma farsa, que deveria esclarecer o povo de que Thelma, a náufraga, era uma pessoa comum. Evitariam, assim, as procissões com oferendas que se dirigem para sua casa, a casa de Mariano. O velho, pescador experiente, sabia que dia seguinte à noite de tempestade sempre é favorável a pescaria. Mas Aquino o convence a apresentar a náufraga como um presente de Iemanjá, alegando que, mais do que o santo, o importante é a fé que nele se tem. Os meios justificam os fins, se o objetivo é levantar a moral do povo. Convence o pai adotivo de que aquela é uma grande oportunidade. Thelma, a náufraga, que havia sofrido um lapso de memória, já recuperada, não revela sua origem, e até aceita o papel de santa, usando um velho vestido branco de casamento, que lhe fora doado. O quadro de misticismo se completa quando a mulher aparece diante do povo, com um discurso típico dos anos 60: “O homem que não reage à servidão, que se acomoda à miséria e não combate à tirania, não merece a liberdade nem tem direito de

viver. Deus ajuda a quem se ajuda”. A mistificação segue, numa atmosfera que mistura santidade, misticismo e desconfianças.

Não demora, Aquino e Thelma passam a viver um romance. Imprudentes, são vistos em cena explícita de amor, por alguns pescadores. Manoel da Rita procura Mariano e lhe anuncia péssimos momentos futuros para o casal. Aí, ficamos sabendo que Thelma é uma revolucionária que havia sobrevivido, de uma cena de afogamento, supostamente patrocinada pelos órgãos de repressão de 1964. A solução, por ordem do velho Mariano, é procurar as autoridades, na esperança de salvar Thelma, ainda incapaz de antever o seu futuro, incentivado por Enoque, que se aproveita da situação para concretizar o seu sonho de ir embora. Quando Aquino toma conhecimento de que Manoel da Rita está a caminho, em busca das autoridades, persegue-o e o mata. Retorna feliz, porque ninguém mais lhe tiraria a mulher amada. Ao chegar em casa, descobre que Enoque está de partida com Thelma. Luta com o irmão, e, num ato tresloucado, fere-se mortalmente. Neste momento, a multidão, de posse do corpo de Manoel da Rita, e já sabedora da autoria do crime, vai à casa de Mariano exigir que a “santa” lhe seja entregue. A cena é toda de nervosismo. O dilema de Thelma coloca-se assim: Voltando para cidade será mais uma vez vítima da repressão: ficando, será vítima dos pescadores

enfurecidos. Neste momento, ocorre a tragédia, Thelma entrega-se ao povo, depois de uma declaração de amor por Aquino, ante o seu corpo estendido. E em seguida, vai ao encontro da multidão, dizendo que uma santa precisa morrer com dignidade.

Na verdade, o trágico, em toda a peça, não é a morte de Aquino ou a de Manoel da Rita, mas a situação de miséria da colônia, numa idade social ainda impregnada de misticismo. O que é trágico é que um líder comunitário e uma “santa subversiva” percam as dimensões do social por um ato de amor enlouquecido, quase insano. Que jamais hajam discutido como organizar o povo contra a presença do imperialismo dos gringos, que compravam o povo, ao preço vil, toda a produção das suas pescarias. Não tanto Thelma, que tinha uma consciência revolucionária, como Aquino, que tinha faros de mudanças, perdem-se nos velhos prazeres do amor...

A peça, portanto, retrata o drama humano e social, de personagens despreparados para uma mudança que exigia protagonistas de maior envergadura. De resto, a década foi marcada por outros protagonistas amadores, revolucionários amadores, que, de repente, passaram das representações de pequenos textos de teatro em escolinhas, para representarem

textos de Shakespeare, por exemplo. E o resultado, passados os anos, é o que conhecemos: o desastre.

Assim, a peça de Pedro Onofre se torna uma constatação histórica, tornando-se histórica também.

(*) Luiz Nogueira, médico, escritor e historiador, pertence, entre outras instituições, à Academia Alagoana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

PERSONAGENS

THELMA - Mulher da cidade, educada, alva e muito bonita que surge semimorta, na praia.

ENOQUE - 25 anos de idade, pescador, irmão de

AQUINO - 26 anos de idade, ambos filhos adotivos de

MARIANO - 70 anos, pescador experiente e lúcido, afastado do trabalho por força da idade.

MANOEL DA RITA - 40 anos, pescador amigo do velho Mariano e dos rapazes.

A ação se passa numa colônia de pescadores, muito distante dos centros urbanos e dos avanços da civilização, em alguma parte do vasto litoral sul-americano.

PRIMEIRO ATO

O cenário mostra o interior de uma cabana de pescadores. As paredes são de taipa e de palhas de coqueiro entrançadas. Estamos na sala única da palhoça. Ao fundo, veem-se uma janela e uma porta. Lá fora, apenas a escuridão da noite. Durante o dia, vislumbram-se, através da porta e da janela, a praia e o mar. Chove bastante. Os pingos ruidosos, projetam-se através da janela. Vez por outra, um relâmpago corta as trevas da noite e um trovão ribomba no céu. À esquerda, há uma porta que conduz a outro compartimento do barraco: o quarto. A parede da direita é inteiriça. As portas da palhoça são protegidas, apenas, por cortinas de esteiras. Na sala, existem os seguintes objetos: dois tamboretos, uma cama de varas, dois caixões de madeira servindo de armário, onde são guardados pratos de barro, facas, colheres, canecos, garrafa de cachaça, algumas latas contendo mantimentos, fósforos, fumo de rolo, seda para cigarros e outros objetos. Na parede inteiriça da direita da cena há um pote de barro e, sobre este, um caneco de braço pendurado num prego cravado na parede. Um pouco mais adiante, a lenha arde numa trempe de pedras, sobre a qual uma chaleira aquece a água para o café. A cena é iluminada por um

candeeiro, cuja luz bruxelante treme ao sabor do vento canalizado de fora. Na sala, Marino, velho pescador, alquebrado pelos anos de trabalho e de privações, barbas espessas e embranquecidas, rosto sulcado e taciturno, esfrega as mãos enregeladas, aproveitando o calo da trempe. Com um tição, acende o inseparável cachimbo. À esquerda, deitado sobre a cama de varas, Enoque ressona. O ribombar de um trovão o acorda. O moço é forte e de boa aparência. Deve ter uns vinte e cinco anos. Sua pele morena revela-lhe o apolíneo perfil. Senta-se na cama e olha na direção do velho Mariano).

ENOQUE

Não é que eu peguei no sono mesmo?

MARIANO

(PAUSADAMENTE) Estou esquentando água para fazer café!

ENOQUE

(LEVANTA-SE) Esse frio só passa com cachaça! Me acompanha num gole?

MARIANO

Prefiro café! (ERGUE-SE. ENCAMINHA-SE À JANELA) Já é tarde. Aquino ainda não voltou”

ENOQUE

Meu irmão já é crescido para o senhor só viver preocupado com ele!

MARIANO

(RI) Me preocupo com vocês dois. São dois cabeças-ocas, sem juízo!

ENOQUE

Pai velho, o senhor está muito rabugento! (DIRIGINDO-SE ATÉ O IMPROVISADO ARMÁRIO, DELE RETIRA A GARRAFA DE CACHAÇA, BEBE UM GOLE NO GARGALO, REPÕE A GARRAFA NO LUGAR ONDE SE ENCONTRAVA) Falar a verdade não é crime, entre mim e Aquino, o senhor sempre foi mais por ele!

MARIANO

(ENCARANDO O RAPAZ) Deixe de dizer besteira! Eu quero bem aos dois do mesmo jeito! Considero vocês como

meus filhos! Eu criei vocês, não foi?

ENOQUE

Falei por falar! Não pense que é ciúme!

MARIANO

(RETIRANDO A CHALEIRA DO FOGO. RI, MATREIRAMENTE) Agora disse a palavra certa, ciúme!

ENOQUE

(EMBARAÇADO) Ora essa! Eu?

MARIANO

Você sim! (SÉRIO) Mas, está certo! Aquino sempre me preocupou mais! Não por questão de bem querer! (RECORDANDO) Quando criança, ele era o mais franzino. (TRANSIÇÃO) Você nunca teve uma dor de cabeça, mas ele, vez por outra, adoecia! Dos dois, foi quem me deu mais trabalho para criar!

ENOQUE

Eu sei, pai velho!

MARIANO

(PAUSADAMENTE) Quando compadre Severino morreu, lá no alto mar, era um dia chuvoso assim como hoje. Vocês ficaram sozinhos, desamparados! Sem mãe, sem pai, sem eira nem beira! (TRANSIÇÃO) Foi aí que eu tomei a responsabilidade dos moleques. Um, o retrato do cão, levado da breca, brabo feito um guará! O outro, uma lesma barriguda, de olhos tristes e pernas bambas! (RESPIRA FUNDO) Espero ter sabido criar vocês dois, como o compadre teria feito!

ENOQUE

(EMOCIONADO) Nenhum outro pai no mundo seria melhor do que o senhor! (APROXIMA-SE) Porque não vai descansar um pouco? Essa frieza não pode fazer bem!

MARIANO

Quando este tronco velho ariar é para não levantar mais!
(TRANSIÇÃO) Enquanto seu irmão não vier eu não vou dormir!

ENOQUE

(CENSURANDO-O) E se ele passar a noite na vila? Pode ter arranjado por lá um cobertor de orelha e olhe o senhor

fazendo papel de tolo!

MARIANO

Aquino está andando tão preocupado com esta colônia que não sobra tempo pra pensar em mulher! (TRANSIÇÃO) Com essa falta de peixe, a fome batendo na nossa porta, não acredito que esteja se divertindo!

ENOQUE

Se eu pudesse, ia embora daqui! Tomava o rumo da capital!

MARIANO

Pra fazer o que? Nem sequer sabe assinar o nome! Deixe de ilusão!

ENOQUE

Isso não me sai da cabeça! Morar na capital, andar de ônibus, ver aquela movimentação toda! Ler e escrever a gente aprende, mesmo depois de velho!

MARIANO

Enquanto você quer ir embora feito cigano, seu irmão já pensa diferente!

ENOQUE

Isso aqui não dá futuro! Olha só para o senhor! O que foi que ganhou, passando a vida toda nesse fim de mundo? Nem um lugar pra cair morto na hora que Deus chamar!

MARIANO

A gente tem que se conformar com a vontade de Deus! Não sei como dois irmãos podem ser tão diferentes, assim, um do outro! Aquino só pensa nessa colônia! O sonho dele é ver um dia esse lugar organizado, os pescadores levando vida de gente, todo mundo prosperando com o trabalho!

ENOQUE

Coisa difícil de acontecer!

MARIANO

Quem sabe?

ENOQUE

(APROXIMANDO-SE DA JANELA) Que escuridão! E essa chuva que não passa! (APURANDO A VISTA) Parece que vem alguém!

MARIANO

Deve ser ele!

UMA VOZ: (DE FORA) Seu Mariano! Seu Mariano!

MARIANO

(ATENTO) Estão chamando!

ENOQUE

(BUSCANDO DISTINGUIR OS VULTOS QUE SE APROXIMAM) É Manoel da Rita e um grupo de pescadores!

MANOEL DA RITA

(APARECENDO) Boa noite! (CANSADO) Eu vim na frente para avisar!

MARIANO

(AFLITO) Que aconteceu!

ENOQUE

Fala! Que houve?

MANOEL DA RITA: Na praia!

MARIANO

(FORTE) Diga logo, homem!

MANOEL DA RITA

(TOMANDO FÔLEGO) O mar jogou na praia o corpo de uma mulher! A palhoça mais aproximada é a do senhor... Está sendo trazida para cá! O senhor não se incomoda, não é?

ENOQUE

Claro que incomoda! Aqui não tem lugar para guardar defunto de ninguém!

MANOEL DA RITA

É seu irmão que está trazendo o corpo!

MARIANO

Aquino?

MANOEL DA RITA

A gente vinha da balança! O grupo inteiro! Tinha havido um pega danado com o fiscal e estava todo mundo de cabeça quente!

ENOQUE

Brigaram de novo?

MANOEL DA RITA

Outra vez!

MARIANO

Depois que o frigorífico passou a comprar o nosso peixe, a situação piorou! O gingo paga o preço que quer e ninguém tem escolha!

MANOEL DA RITA

O fiscal que é um bajulador safado, recebeu a produção e não soltou o dinheiro!

ENOQUE

Verdade?

MANOEL DA RITA

Disse que o nosso débito estava alto e a pescaria era pra abater a conta. O peste sabe que o que a gente pesca mal dá para comer!

ENOQUE

Balança ovo filho de uma égua! Às vezes tenho vontade de...

MARIANO

(CORTANDO) Violência nunca resolveu problema de ninguém!

MANOEL DA RITA

Quando a coisa se acalmou, o grupo saiu de lá e foi para o boteco encher a cara! (RI) Umas três garrafas de aguardente!...

MARIANO

Grande coisa fizeram!

MANOEL DA RITA

Quando a gente encontrou o corpo, já era escuro! Aquino foi o primeiro a ver! A mulher estava caída na areia. Parecia toda iluminada! A pele dela era tão alva, a fisionomia tão bonita... Me deu um arrepio no espinhaço, sabe? A impressão era de que a gente estava diante da própria Rainha do Mar!

MARIANO

Deixe de fala asneira! (OUVE-SE AO LONGE, O BATER DE ATABAQUES) Só faltava essa agora! (OLHA PELA JANELA) Parece que estão vindo! (VOZES DE PESSOAS QUE SE APROXIMAM).

AQUINO

(APARECE EM CENA. TRAZ NOS BRAÇOS O CORPO ALVO, MOLHADO E SEMINU DE UMA MULHER. A JOVEM ESTÁ DESACORDADA. AQUINO ATRAVESSA SILENCIOSAMENTE A CENA, COLOCANDO O CORPO SOBRE A CAMA DE VARAS. MARIANO E ENOQUE SE APROXIMAM) A moça ainda respira.

MARIANO

(PERPLEXO) Está viva!

AQUINO

Está sim! Por isso eu a trouxe!

MANOEL DA RITA

(OLHANDO O EXTERIOR PELA JANELA DO CASEBRE) O pessoal continua debaixo da chuva, na frente da casa! Tá todo mundo assustado como se tivesse visto assombração!

AQUINO

Eles acham que a moça é coisa sobrenatural. Um aviso do outro mundo!

ENOQUE

(CURVANDO-SE PARA MELHOR VER A MULHER) Como é bonita! Parece uma santa! (PÕE A MÃO NA FRONTE DELA) Está com febre!

MARIANO

Deixe ver! (TOCA-A) Precisa ser aquecida! Tirar essa roupa molhada! (DECIDIDO) Vamos preparar um chá bem quente! (OS RUMORES DO LADO DE FORA SE ELEVAM) Mande esse povo todo pra casa! Isso aqui não é folia!

MANOEL DA RITA

Sim, senhor! (SAI).

MARIANO

(PARA AQUINO) Arme, depressa, uma rede no meu quarto! Junte tudo o que é pano e coloque perto! (AQUINO OBEDECE, DESAPARECENDO NO INTERIOR DA PALHOÇA. MARIANO DIRIGE-SE A ENOQUE) Veja se a água está fervendo e atice o fogo. (ENOQUE ESTÁ ABISMADO, OLHANDO A MULHER) Ande logo, homem!

ENOQUE

(VOLTANDO A REALIDADE) Agora mesmo! (VAI A TREMPE, ATIÇA O FOGO E RETORNA) Será que ela escapa?

MARIANO

Quem sabe!

MANOEL DA RITA

(ENTRANDO) O pessoal está indo embora! (TRANSIÇÃO) Mãe Jurema mandou chamar todo mundo! Vai bater bombo, em homenagem à santa! Tá um fuzuê dos diabos!

MARIANO

Não pronuncie este nome aqui! Se lembre de Deus!

AQUINO

(RETORNANDO DO QUARTO) A rede está armada. Tudo como o senhor mandou!

MARIANO

Muito bem! (PARA ENOQUE) Me ajude aqui! (TENTA ERGUER A MULHER. O RAPAZ CORRE AO CHAMADO DO PAI ADOTIVO. ENOQUE, SEGUIDO POR MARIANO, SAI PELA PORTA DO QUARTO. EM SEGUIDA, O RAPAZ RETORNA, ACOMODANDO-SE NA CAMA DE VARAS).

ENOQUE

(BREVE SILÊNCIO) Que frio! (AQUINO QUE ESTAVA SENTADO NUM TAMBORETE, LEVANTA-SE, VAI ATÉ A TREMPE E AQUECE AS MÃOS JUNTO AO FOGO. ATIÇA-O).

MANOEL DA RITA

(QUE OBSERVA O AMBIENTE EXTERIOR) A chuva está passando. Se vocês não precisarem de mim, eu vou embora!

AQUINO

Pode aproveitar a estiada! Por aqui a gente se arruma!

MARIANO

(VINDO DO QUARTO) A água já está boa! (PARA AQUINO) Tem folha de eucalipto no caixão! (AQUINO APANHA AS FOLHAS DE EUCALIPTO E AS ENTREGA AO VELHO MARIANO. MANOEL DA RITA SE DESPEDE).

MANOEL DA RITA

Já estou de saída, seu Mariano! Se precisar de alguma coisa é só me mandar chamar!

MARIANO

Obrigado, Manoel! (ENOQUE SE APROXIMA DE MARIANO COM A ÁGUA FERVIDA).

ENOQUE

Segure com cuidado para não se queimar! (MARIANO DE POSSE DA CHALEIRA E DAS FOLHAS DE EUCALIPTO, RETORNA AO INTERIOR DO QUARTO).

AQUINO

(ENCAMINHA-SE ATÉ O CAIXÃO, APANHA GARRAFA DE AGUARDENTE E TOMA UM GOLE. LIMPA BOCA COM AS COSTAS DA MÃO E OFERECE UM TRAGO A ENOQUE) Você quer?

ENOQUE

Não! (AQUINO PÕE A GARRAFA NO LUGAR ONDE ESTAVA ANTERIORMENTE COLOCADA. ENOQUE SE ENCAMINHA À PORTA DO QUARTO. HÁ UM BREVE SILÊNCIO DE EXPECTATIVA. OS DOIS RAPAZES ESTÃO VISIVELMENTE PREOCUPADOS)
Aquino!

AQUINO

Diga!

ENOQUE

Como será que ela veio parar por aqui?

AQUINO

Quem sabe!

ENOQUE

(ENCAMINHANDO-SE ATÉ O IRMÃO) Naufrágio?

AQUINO

Pode ter sido!

ENOQUE

Você reparou? Parece uma pessoa fina! Da cidade!
(TRANSIÇÃO) Nesse fim de mundo onde a gente vive nunca
aparece cara nova...

AQUINO

É! (LEVANTA-SE E VAI ATÉ A PORTA DO QUARTO. PARA,
EM SILÊNCIO, POR ALGUNS INSTANTES. VOLTA-SE PARA O
IRMÃO) Amanhã a gente mata a curiosidade!

ENOQUE

(SONHADOR) Desde menino que tenho vontade de sair
daqui, de conhecer a capital, de procurar outra ocupação na
vida! (TRANSIÇÃO) Não sei porque... (ILUMINA-SE) Quando vi
esta moça, me veio a imagem de São Paulo, daquela riqueza toda
que só conheço de ouvir falar!

AQUINO

Se eu pudesse, arrancava de você essas ideias malucas!

ENOQUE:

COM DESDÉM) Ah!

AQUINO

É só nisso que pensa, não é?

ENOQUE

Só nisso!

AQUINO

Não quero mudar sua cabeça! É homem feito e sabe o que faz! Mas seria tão bom que você ficasse por aqui, me ajudando! Juntos, iríamos construir o futuro deste lugarejo!

ENOQUE

Enquanto eu estiver por aqui, você contará comigo!

AQUINO

Essa ideia de você querer correr mundo, quebrar a cara por aí fora não me agrada! A gente poderia fazer tanta coisa por esta colônia!

ENOQUE

Fazer o que? Não me venha novamente com a sua conversa! Viver aqui é se enterrar vivo e não vou querer isso pra mim! Mas fique descansado, não vou sair por aí, feito um mendigo! Quem me daria emprego? Quem iria acolher um flagelado batendo na porta?

AQUINO

Ainda bem que pensa assim! (TRANSIÇÃO) A pobreza da nossa região é culpa dos grandes barcos pesqueiros! Os peixes que nos sobram, o frigorífico compra pra fazer favor! Pra calar nossa boca! Eles estão fazendo um mal muito grande a todos nós... mas a gente pode lutar contra isso!

ENOQUE

Lutar? Como? Eles são ricos, tem poder!

AQUINO

Essa praia é nossa! Aqui a gente chegou primeiro! Desde os nossos avós! Os gringos, estes vieram agora! Não tem raiz nesta terra! Enquanto houver lagosta e peixe, estarão aí, sugando tudo feito uns demônios! Mas a culpa é nossa! Por que a gente não se organiza, não vai as autoridades! Porque a gente não bota a boca no mundo!

ENOQUE

(RI) Você é um sonhador! O seu mal, meu irmão, é que aprendeu a ler! Leitura vira a bola de quem estuda! Não está vendo que uns desgraçados como a gente não podem fazer nada? Quem é que vai dar ouvidos? E logo contra os gringos, que compram tudo o que querem!

AQUINO

Quem se deixa matar sem luta é carneiro! Até peixe briga, quando é fígado!

MARIANO

(REAPARECENDO, VINDO DO QUARTO) Está tudo bem, agora!

ENOQUE

Ela acordou?

MARIANO

Acordou! Delirou um pouco, depois tornou a dormir! (VAI ATÉ O CAIXÃO E APANHA A GARRAFA DE AGUARDENTE) Agora sou eu quem vai tomar um gole!

ENOQUE

Depois passe pra cá! (PASSANDO A GARRAFA DAS MÃOS DO VELHO) É minha vez de esquentar a natureza! (PARA AQUINO) Quer!

AQUINO

Por hoje já bebi demais! (ENOQUE GUARDA A GARRAFA NO ARMÁRIO IMPROVISADO).

MARIANO

É melhor a gente se acomodar até o dia amanhecer! Ainda tem muitas horas pela frente! Vocês dois se ajeitem na cama, que eu fico me esquentando na beira do fogo!

ENOQUE

Isso não, pai velho! O senhor é quem vai se deitar!

MARIANO

Façam o que estou mandando! Tenho de ficar vigiando a moça esta noite!

A cena escurece completamente. O candeeiro apaga-se também no blackout. Música tema se eleva. Lá fora, o dia começa a clarear. Finalmente, amanhece. Do fogo da trempe, só restam cinzas. Enoque encontra-se na sala, deitado na cama de varas. Thelma surge à porta. Veste uma camisa de homem. Olha, com estranheza, tudo ao redor. Detém-se, assustada, diante de Enoque, que ressona. Vai sair. O rapaz desperta, num sobressalto. Senta-se rapidamente. Thelma volta-se. Não consegue falar. Está tensa e amedrontada.

ENOQUE

A senhora está melhor?

THELMA

Onde estou? Quem é você?

ENOQUE

Não tenha medo, está entre amigos!

THELMA

Que lugar é este?

ENOQUE

É nossa casa! (JUSTIFICANDO-SE) Esta é uma aldeia de pescadores. Gente pobre, entende? Muito pobre! O pessoal fez o possível para salvar a senhora!

THELMA

(MAIS TRANQUILA) Então, devo minha vida a vocês!

ENOQUE

(COM CERTO CUIDADO AO FALAR) Parecia morta! Caída, ali, na areia da praia... Então, meu irmão trouxe a senhora para cá! Pai velho trocou a sua roupa, deu remédio! (SORRI) Parece um milagre que esteja viva!

THELMA

Estou muito confusa! Agradeço pelo que fizeram!

ENOQUE

Foi nossa obrigação, dona! Não precisa agradecer!
(AFÁVEL) A senhora, como se chama?

THELMA

(FAZENDO UM GRANDE ESFORÇO) Não me lembro!
Tudo é tão distante... Tão apagado!

ENOQUE

Não quis aborrecer a senhora!

THELMA

(PROCURANDO SER AMÁVEL) Fui indelicada! Por favor,
me desculpe. Não me recordo de nada! É como se eu começasse
a despertar de um pesadelo!

ENOQUE

Estou tentando entender!

THELMA

Você é um pescador?

ENOQUE

Sim! Mas, olhe... Não gosto disto aqui, minha vontade, mesmo, é conhecer a capital! A senhora é de lá, não é?
(TRANSIÇÃO) Não vou fazer pergunta! Mas, escute... Meu sonho é mudar de vida. Ser pescador não dá camisa a ninguém!

THELMA

E porque não faz o que pretende? O que o impede?

ENOQUE: Falta dinheiro, coragem... Dá remorso abandonar o pai velho... Deixar o meu irmão...

THELMA

Como se chama o seu irmão?

ENOQUE

Aquino. É o mais moço. Ele pensa diferente de mim, sabe? É amarrado de corpo e alma nesta colônia!

THELMA

E onde ele está?

ENOQUE

Por aí! Passou a noite acordado com a gente! Não deve demorar! Estava tão aflito quanto eu, pra falar com a senhora!

THELMA

Não sei como agradecer!

ENOQUE

Não me leve a mal. Quem sabe se... (RETICENTE) Escute, quando a senhora voltar pra casa... Será que não poderia dar uma palavrinha por mim? Me ajudar a conseguir um trabalho na cidade? Eu não sei ler, mas aprendo qualquer serviço! Até sentar praça na polícia aceito, se for o caso!

THELMA

(AFLITA) Primeiro tenho de descobrir quem sou! O que estou fazendo aqui!

ENOQUE

É verdade, sim senhora!

THELMA

Como se chama?

ENOQUE

Enoque! Não leve a mal o que falei!

THELMA

Não há porquê!

ENOQUE

É que não quero que pense que estou cobrando pagamento!

MARIANO

(SURGE DA RUA) Já está de pé?

ENOQUE

(APRESENTANDO-O A THELMA) Este é seu Mariano!
Nosso pai velho!

MARIANO

Devia ir descansar um pouco mais! Mandei preparar um caldo de peixe pra senhora! Depois que comer se sentirá melhor. Aí, a gente vai à vila procurar as autoridades!

THELMA

(DEMONSTRANDO GRANDE PREOCUPAÇÃO) Não gostaria de falar com ninguém por enquanto! Peço que me dê algum tempo, se não se importa! Minha memória, compreende? Preciso entender exatamente o que aconteceu comigo!

ENOQUE

Pode ficar o tempo que quiser, não é pai velho?

MARIANO

O tempo necessário! (TRANSIÇÃO) Agora volte para o seu quarto. Fique deitada, até aprontar a comida! Depois poderá conversar à vontade!

THELMA

Mas estou me sentindo bem!

MARIANO

Obedeça a este pai velho, menina! Enquanto não estiver completamente boa, se considere sob minha responsabilidade!

THELMA

(RI) Está bem. Não zangue comigo, que sou obediente!
(A MULHER SAI DE CENA).

MARIANO

(PARA ENOQUE) O que é que vocês conversavam?

ENOQUE

Pouca coisa! Ela está muito confusa!

MARIANO

Foi o choque! Mas isso passa! Não vá abusar a moça com conversa desnecessária!

ENOQUE

Só troquei algumas palavras, pai velho!

MARIANO

Está bem! (VAI SAIR. AO CHEGAR À PORTA, DEFRONTA-SE COM AQUINO. O RAPAZ TRAZ UM VESTIDO NAS MÃOS) Onde é que você andava?

AQUINO

Imaginei que Rita poderia possuir alguma roupa que não usasse! Ela arranhou essa. O vestido de casamento dela. Está novinho, pai velho!

MARIANO

Porque esse, não tinha outro?

AQUINO

(DEMONSTRANDO EUFORIA) Porque, segundo Jurema, a moça é uma entidade divina!

MARIANO

De que está falando?

AQUINO

Mãe Jurema mandou um recado. Disse que recebeu mensagem do santo! Falava de uma morta que iria ressuscitar nesta colônia! A velha nem viu a mulher, mesmo assim, a descreveu como se estivesse diante dela! Disse que era muito bonita, alva como algodão... (ENTUSIASMO) Mandada pela rainha do Mar para proteger a comunidade!

MARIANO

Isso não tem cabimento!

AQUINO

Pai velho, escute...

MARIANO

(IRRITADO) Se você fosse analfabeto como os outros, estava certo! Mas um homem que sabe ler e escrever... levar a sério a conversa de uma macumbeira maluca!

AQUINO

(SÉRIO) Mãe Jurema disse que os pescadores devem manter a moça aqui! Enquanto ela estiver com a gente, tudo vai

prosperar! Haverá fartura de peixes!

MARIANO

Não vai me dizer que você acredita numa coisa dessa?!

AQUINO

Se eu acredito, ou não, pouco importa! O fato é que toda a colônia levou a sério! Sabe como essa gente é fanática pelo que a Jurema diz!

ENOQUE

Se ela quiser ir embora, quem vai impedir?

AQUINO

(FINGINDO DESINTERESSE) Só estou dando o recado! Por mim tanto faz! O difícil é convencer uma porção de ignorantes que não deve dar ouvidos a Jurema! (COM EXAGERO, TENTANDO IMPRESSIONAR MARIANO) Já ouvi até alguém dizer, à boca miúda, que... no caso de não haver jeito da mulher permanecer na colônia, seria melhor jogá-la no alto mar! Isso, para que o espírito dela fique vagando por estas praias!

ENOQUE

(NÃO ESCONDENDO A IRRITAÇÃO) Onde já se viu uma coisa dessa? (SAI EM DIREÇÃO À RUA).

MARIANO

(MUITO SÉRIO) É verdade mesmo? Não está inventando estória?

AQUINO

(TORNANDO-SE PREOCUPADO DE REPENTE) Antes fosse! Mãe Jurema falou que todo mundo iria ver um sinal nas próximas horas, do qual ninguém teria dúvida!

MARIANO

(INTERESSADO) Que tipo de sinal?

AQUINO

Não explicou! Só disse o que lhe contei!

MARIANO

Não estou gostando disso! (RESMUNGA) Vou buscar o caldo do peixe! A coitadinha deve estar com fome! (SAI PARA O

EXTERIOR DA CASA. AQUINO SENTA-SE NUM TAMBORETE E EXAMINA O VESTIDO BRANCO QUE TEM NAS MÃOS. ERGUE-SE. THELMA APARECE NA PORTA DO QUARTO).

AQUINO

(EMBARAÇADO) Ia entregar a senhora este vestido!

THELMA

(RECEBE-O) Obrigada! (ENCARA O RAPAÇ) Você é Aquino?

AQUINO

Como a senhora sabe?

THELMA

Seu irmão me falou de você!

AQUINO

Ah!

THELMA

(PROCURANDO FICAR À VONTADE) Tenho me esforçado para lembrar o que aconteceu comigo, mas não consigo! Tudo é nebuloso! (AFLITA) Sei apenas que existo! Que posso me comunicar com as pessoas, raciocinar, coordenar as palavras..., Mas está havendo um bloqueio intransponível na minha memória! Não sei quem sou! Nem de onde vim!...

AQUINO

Não se lembra nem como se chama?

THELMA

Juro que não me lembro! Desde cedo, procuro respostas para o que está acontecendo comigo!

AQUINO

É incrível!

THELMA

Acredita em mim?

AQUINO

Acredito! (TRANSIÇÃO) Olhe! Veja bem... Procure se recordar, por exemplo, de uma explosão... Um barco... Pode ter havido um naufrágio! Foi isto o que aconteceu?

THELMA

(ANGUSTIADA) É possível!

AQUINO

A senhora está cansada! Vai ver, amanhã tudo será diferente!

THELMA

(AFLITA) Se não recuperar a memória, que será de mim!?

AQUINO

Eu vou ajudar a senhora!

THELMA

Preciso de alguém que me identifique! Que me diga quem sou!

AQUINO

É a fraqueza que faz com que não se lembre! Fique tranquila! Demore o tempo que for, nós lhe daremos proteção! Quando estiver boa, então poderá determinar o seu rumo!

THELMA

Você é um homem bom! Todos são generosos nesta casa! Mas estou assustada! Muito assustada!

AQUINO

Acredite, em poucos dias estará recordando tudo! Enquanto isso, não fique aflita! Se a senhora quiser, posso lhe mostrar a colônia! Conhecerá o meu mundo. Ficará feliz com o que descobrirá! Tudo aqui, na simplicidade da nossa vida, é muito bonito, tão cheio de paz, de harmonia! Quanta ciência, o mar ensina a gente! Poderá descobrir esses mistérios, se quiser! Embalar-se no canto das ondas quebrando nas pedras... ouvir o lamento da ventania soprando nos coqueirais!

THELMA

Seu irmão disse que você era um sonhador! Ele está enganado! Você é uma alma sensível, um poeta! (SORRI) Quando

irá me mostrar o seu mundo?

MARIANO

(SURGE À PORTA, TRAZENDO UM PRATO DE BARRO) A
senhora não foi descansar!

THELMA

Não consegui! Estava muito inquieta!

MARIANO

(ENTREGANDO O PRATO À MOÇA) Tome essa sopa! Vai
ver como se sentirá forte depois que se alimentar!

THELMA

(RECEBE O PRATO COM A MÃO DIREITA. COM A
ESQUERDA, SEGURA O VESTIDO QUE LHE FORA ENTREGUE POR
AQUINO) Obrigada! Se me dão licença, voltarei ao quarto! (SAI
DE CENA).

AQUINO

(PARA MARIANO) Ela perdeu a memória!

MARIANO

(PREOCUPADO) Estou pensando em informar às autoridades agora mesmo!

AQUINO

Isso não, pai velho!

MARIANO

Acho que é mais prudente!

AQUINO

O senhor pode até ter razão! (CONVINCENTE) Mas, o pessoal não quer que ela saia! E tem outra coisa, o senhor prometeu à moça que daria tempo para ela se recuperar! (INTENCIONAL) Nunca vi pai velho trair uma promessa!

MARIANO

É! Eu prometi!

AQUINO

Quando a Jurema me viu, tinha os olhos injetados feito fogo! A macumbeira falava com a voz do caboclo que recebe. Insistia que a moça não deve deixar esta colônia!

MARIANO

Isso não está na nossa vontade!

AQUINO

Vou convencê-la a ficar!

MARIANO

Se não conseguir?

AQUINO

Que se há de fazer? Mantê-la aqui contra a vontade não é possível! Se existir alguma coisa de sobrenatural nisso tudo, minha tarefa não vai ser difícil! A Jurema espera um milagre! Vamos ver se ela está certa!

MARIANO

Vamos esperar!

ENOQUE

(VINDO DA RUA) Minha gente, não estou gostando nada do que ouvi! Acho que a gente deve levar a mulher até a vila e entrega-la às autoridades!

AQUINO

Já combinei com pai velho! Ela vai ficar algum tempo!

ENOQUE

(INCRÉDULO) É verdade, pai velho?

MARIANO

Somente até se restabelecer!

ENOQUE

Não fica preocupado com o que estão dizendo? Que a moça é uma santa?

MARIANO

É coisa de momento, depois passa!

ENOQUE

(IRRITADO) É aquela macumbeira, colocando maluquice na cabeça dos pescadores!

AQUINO

A Jurema sabe o que diz! Quem é a gente pra duvidar? Se os guias afirmam que a moça tem parte com o sobrenatural, é porque alguma coisa existe!

ENOQUE

Não acredito nessa besteira! Posso ser analfabeto, mas não sou burro!

AQUINO

Esta colônia é afastada do mundo. Uma aldeia perdida. O único contato que a gente tem com a civilização é na balança, com as tripulações dos barcos pesqueiros ou com o pessoal da Capitania, quando passa por aqui de tempos em tempos! O ano inteiro a gente não vê cara nova! Agora me responda: Como essa mulher veio parar na nossa praia? Não houve naufrágio e, há dias, nenhuma embarcação navega por aqui?!

ENOQUE

Tem de existir explicação!

AQUINO

Ainda por cima, ela não sabe quem é, de onde vem, o que aconteceu! (TRANSIÇÃO) Além de tudo, ela é muito bonita! Fala com uma voz tão doce! Eu já li, certa vez, uma estória de encantamento parecida...

ENOQUE

(ABORRECIDO) Quer botar a cabeça no lugar, seu idiota?

THELMA

(SURGE À PORTA. TRAJA O VESTIDO DE NOIVA OFERECIDO PELA MULHER DE MANOEL DA RITA. A SEMELHANÇA COM A IMAGEM DE IEMANJÁ É VISÍVEL. OS CABELOS CAEM SOBRE OS OMBROS. NO ROSTO DA MULHER REFLETE-SE UM SORRISO PLÁCIDO). Estou melhor, agora? (OS HOMENS ESTÃO PERPLEXOS. THELMA APROXIMA-SE. AQUINO E MARIANO RECUAM. ENOQUE PERMANECE ESTÁTICO).

MARIANO

(COM VOZ SURDA) A senhora das águas! (AS LUZES SE APAGAM. ATABAQUES TOCAM AO LONGE. UM JATO DE LUZ VERMELHA PROJETA-SE SOBRE THELMA. O PANO DESCE).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

O cenário é o mesmo. Noite estrelada e calma. A lua cheia despeja o seu clarão de prata. O luar entra no casebre, através da janela e da porta que se encontram abertas. Mariano está sentado, silencioso, pensamento distante. Aquino surge, vindo da rua. Está aflito.

AQUINO

Pai velho!

MARIANO

(ENCARANDO O RAPAZ) Que há?

AQUINO

O sinal! (EMOCIONADO) O sinal, pai velho!

MARIANO

Tenha calma, rapaz! Que aconteceu?

AQUINO

O milagre de que Jurema falou!

MARIANO

Que milagre?

AQUINO

É o que todo mundo está dizendo! Aconteceu, pai velho! Aconteceu! A colônia está em festa! Vai haver muita cachaça, muito batuque...

MARIANO

(MANTENDO O EQUILÍBRIO) Quer me explicar o que está havendo?

AQUINO

Há quanto tempo a gente sai de manhã mar a fora, e retorna à noitinha quase sem nada! O pessoal andava triste, desanimado! (TRANSIÇÃO) Agora mesmo, todo mundo está voltando com os samburás repletos de peixes! Muitos peixes! Peixes como jamais existiram tantos!

MARIANO

(INCRÉDULO) O que?

AQUINO

Pena que hoje ninguém nesta casa tenha saído pra pescar!

MARIANO

Está brincando comigo!

AQUINO

(EUFORIA) É o milagre, pai velho! A Jurema bem que disse! (ARREBATADO) O encarregado da balança não sabe o que fazer! O barco ancorado vai ser pequeno para carregar o volume que está chegando!

MARIANO

(FAZENDO O SINAL DA CRUZ) Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

AQUINO

(COM ENTUSIASMO) Foi ela! A Rainha das Águas! É milagre da moça!

MARIANO

(FORTE) Escute aqui, não podemos ficar impressionados como os outros! Eles são ignorantes! (TRANSIÇÃO) Para todo mistério existe uma resposta!

AQUINO

Mas que resposta o senhor quer? A gente não pode ser descrentes desse jeito!

MARIANO

Não sou fanático!

AQUINO

Isso é cegueira, pai velho!

MARIANO

Você é que está cego, rapaz! Ontem choveu muito! Houve tempestade no mar! O dia de hoje, ao contrário, foi bonito e de bastante sol! Depois de chuva pesada, os cardumes costumam aparecer! É natural que a pesca tenha sido boa!

AQUINO

(DEMONSTRANDO IMPACIÊNCIA) Não sei como pode ser tão teimoso! Será possível que somente o senhor é que tem razão? O resto do mundo está errado?

MARIANO

Seu irmão também não crê nessa bobagem!

AQUINO

Veja o que aconteceu na colônia. Faz tempo que tudo é desesperança. Quase ninguém se animava a pescar. Mas hoje, justamente hoje, o pessoal acordou cedo, içou vela, preparou rede e saiu. Olhe o resultado!

MARIANO

(INSEGURO) Foi o acaso!

AQUINO

(REFLETINDO UMA INTENSA FELICIDADE) O senhor precisa ver, pai velho! Nas fisionomias... No rosto de cada pescador... Antes era só tristeza. Hoje é diferente. Os olhos deles

brilham! Parece que, de repente, todo mundo ficou mais moço!
Foi recuperada a confiança no futuro!

MARIANO

Não sabe o quanto tudo isso me preocupa!

AQUINO

Os pescadores estão fazendo desta mulher, um símbolo!
Mesmo que seja uma pessoa comum, que os acontecimentos
não passem de coincidência, a presença dela se tornou muito
importante!

MANOEL DA RITA

(ENTRANDO) Boa noite, minha gente!

MARIANO

Entre, Manoel! Boa noite!

MANOEL DA RITA

O povo está muito alegre! Tem um grupo que vem mais
tarde. Trazer flores para a santa e pedir que abençoe a pescaria
de amanhã! Tem outra coisa: o pessoal decidiu reservar para
você um pedacinho do apurado do dia! Ninguém aqui, saiu hoje

para o trabalho! É justo! Afinal, esta casa foi abençoada com a presença dela, não é?

MARIANO

Ah, meu Deus! O que está acontecendo! (FURIOSO) Você não está vendo que não vou aceitar uma coisa dessa!

AQUINO

Por que não, pai velho?

MARIANO

Por que não?

AQUINO

Não vejo mal nenhum!

MARIANO

Já disse que não aceito!

AQUINO

Se eles querem ajudar, é porque querem mesmo! Ninguém está pedindo! De mais, não é por causa da gente! É

para que a moça possa ter um pouco de conforto! Todos se julgam responsáveis por ela, e eu acho isso muito bom, já que é a colônia que está recebendo os benefícios!

MANOEL DA RITA

Aquino está certo! A santa precisa ser tratada com condições! Acho que todo mundo deve ajudar!

MARIANO

Não, Manoel! Vocês estão misturando tudo!

AQUINO

Pai velho, procure entender!

MARIANO

Tem dois homens dentro de casa! Dois homens fortes, cheios de vida! Pescadores, como eu fui durante cinquenta anos! Até hoje, ninguém nesta casa, comeu, a não ser com o suor do rosto!

AQUINO

Quem falou em comer às custas dos outros? Não se trata disso, pai velho! É claro que a gente vai trabalhar! Trabalhar

muito! Veja só, escute bem, o senhor nunca ouviu falar em cooperativa? Todo mundo trabalhando, se cotizando para ajudar todo mundo? (ENTUSIASMANDO-SE CADA VEZ MAIS) Pois eu já ouvi! Nas colônias localizadas perto da capital, isso já existe! Os próprios pescadores se juntam e reservam um pouco do que recebem. O dinheiro é administrado. Com ele se compram novas redes, jangadas... e, até mesmo, coisas mais caras! Uma cooperativa poderia se encarregar de recolher o produto da pesca e levá-lo à cidade grande em busca de melhores preços!

MARIANO

Está sonhando novamente!

AQUINO

Quem sabe, poderemos criar uma cooperativa também aqui! Dizem que o governo ajuda esse tipo de coisa! A presença da moça era o que estava faltando! Sinto que chegou a hora de transformar esta colônia num entreposto de pesca! Mas, para beneficiar a comunidade, não os gringos! Os gringos só se interessam em nos explorar!

MANOEL DA RITA

Agora falou direito! Tocou o coração!

AQUINO

(NUM CRESCENTE DE ENTUSIASMO) Era apenas isso o que a gente estava necessitando: um motivo! Qualquer coisa que nos desse força para conseguir a união de todos. A santa criou essa oportunidade. Por causa dela, o pessoal trabalha... E trabalha com gosto! Só assim a colônia vai pra frente! (PARA MARIANO, QUASE NUMA SÚPLICA) Mas é preciso que se tenha fé! Que ninguém desacredite!

MARIANO

Acha que a mulher vai se submeter a isso? Não está querendo demais?

AQUINO

Ouçá: não importa que ela seja, ou não uma entidade espiritual! O que precisa é que o povo acredite nisso. Pelo menos, até o dia em que cada um entenda que quem faz o milagre não é o santo, mas a fé que se tem nele!

MANOEL DA RITA

Mas a moça é santa mesmo, não é?

AQUINO

É santa, sim! É a nossa santa! (TRANSIÇÃO) Agora, escute, pai velho: se não quiser ajudar, pelo menos não atrapalhe! Não desperte desconfiança na presença de outras pessoas!

MARIANO

Queira Deus, você saiba o que está fazendo!

AQUINO

O senhor vai me ajudar?

MARIANO

Não sei!

AQUINO

Explique a ela. Conte o que está se passando! Pense no assunto! Pense mesmo! (PARA MANOEL DA RITA) Vamos, Manoel! Precisamos nos encontrar com o pessoal!

MANOEL DA RITA

Até logo, seu Mariano! (MANOEL DA RITA E AQUINO)

SAEM. MARIANO FICA PENSATIVO. THELMA APARECE NA PORTA DO QUARTO).

THELMA

Seu Mariano!

MARIANO

(VOLTANDO-SE) Está acordada!

THELMA

Faz algum tempo! Ouvi parte do que diziam. Falavam sobre mim e isso me deixou preocupada!

MARIANO

É verdade! Falávamos a seu respeito!

THELMA

Posso saber de que se trata?

MARIANO

Nada que mereça a sua preocupação, minha filha!

THELMA

Minha angústia aumenta à medida que as horas passam. Isso porque a memória não me ajuda! Começo a ficar desesperada! Enquanto isso, estou aqui, sem destino... sem presente, passado ou futuro!

MARIANO

Esta noite, todo mundo vem lhe prestar homenagem! Vão lhe trazer flores e oferendas! Querem que a senhora os abençoe!

THELMA

(REAGINDO) Isso me parece um erro! Não sou santa! Apenas uma pessoa comum! (QUASE DESCONTROLADA) Uma frágil criatura humana!

MARIANO

Uma criatura humana, sim, mas eu lhe peço: quando a multidão vier... Se não quiser falar nada, não fale! Mas abençoe o povo! Basta um gesto! Um sorriso!

THELMA

(SOFRENDO) Sou pessoa comum! Não sinto dentro de mim qualquer inclinação religiosa ou mística!

MARIANO

Os pescadores precisam desse incentivo. Será uma decepção se a senhora não atender o pedido deles! Sacrilégio, ou não, Deus perdoará! Por favor, abençoe o meu povo!

THELMA

Será uma farsa! Uma encenação!

MARIANO

Aquino me disse uma coisa que me convenceu! Não é o santo que faz o milagre, é a fé que as pessoas têm! Por isso, não importa que seja... até mesmo uma mentira... se isso vai trazer felicidade para muita gente! Meu povo vê na senhora, uma entidade de luz! É somente isso que conta!

THELMA

Se é essa a opinião do senhor...

MARIANO

Minha opinião não importa neste momento.
(PROCURANDO MANTER-SE COM SERENIDADE) Quero que
receba os pescadores. Que abençoe a todos. É só isso que peço!

THELMA

Estou muito confusa!

MARIANO

Pense bem!

THELMA

(MAIS CALMA) Como poderia negar alguma coisa?
Fizeram tanto por mim!

MARIANO

Agradeço muito! Se eu estiver errado, que Deus me
castigue!

ENOQUE

(APARECENDO EM CENA) Uma multidão vem se
dirigindo para cá. O que é que deu nesse povo, pai

velho? Parece que todo mundo endoideceu!

MARIANO

Pois que venha!

ENOQUE

O senhor não vai fazer nada? Não vai impedir? Não vai dizer que a mulher é tão santa quanto qualquer um de nós?

MARIANO

Não vou!

ENOQUE: (PERPLEXO) Não vai?

MARIANO

Já disse que não!

ENOQUE

(PARA THELMA) A senhora sabe o que está acontecendo?

MARIANO

Deixe ela sossegada! A moça quer receber os pescadores! Vai dar a benção que eles querem!

ENOQUE

Isso é tapeação! (PARA THELMA) A senhora sabe que não é santa! Por que está se passando por isso?

THELMA

Não será por falta de uma benção que sua gente vai ficar desiludida! Deus não condenaria esse gesto!

MARIANO

Ouviu o que ela disse? Agora, cale a sua boca!

ENOQUE

Não acredito em santidade, dona! Mas o povo desta colônia é fanático! Se insistir nisso, estará se arriscando! Criando uma ilusão difícil de desmanchar!

MARIANO

O futuro pertence a Deus!

THELMA

(AFLITA) Meu Deus, eu não posso! Não consigo!

ENOQUE

(INSISTINDO) E depois que voltar a ser uma pessoa normal? Decidir retornar para o seu meio? Será que esta gente, para quem a senhora se passou por santa não irá se sentir enganado?

MARIANO

(GRITANDO) Deixe a moça em paz!

ENOQUE

Se eu levar a senhora a balança, o encarregado conseguirá uma condução até a vila! A gente procura o delegado e ele nos mandará à capital. Lá, a senhora será tratada por médicos do governo. Em pouco tempo estará curada! Se lembrando de tudo!

THELMA

Quero ir... Quero ficar! Tenho medo de tudo! De viver sem saber quem sou! Da realidade que desconheço! Sinto-me

sozinha, na escuridão, em meio a uma tempestade!

ENOQUE

Protegerei a senhora com a minha vida!

THELMA

(AFLITA) Seu Mariano, por favor, me ajude! Que devo fazer?

MARIANO

Não posso dizer mais nada! A senhora vai ter de decidir!
Consulte o seu coração e encontrará a resposta!

ENOQUE

Vamos embora, não perca tempo!

THELMA

Não posso, Enoque! Não devo ir!

ENOQUE

Pense bem!

THELMA

(ANGUSTIADA) Um pressentimento muito forte dentro de mim manda-me ficar!

ENOQUE

Isso não está certo! Não está certo!

MARIANO

(INTERCEDENDO FIRME) Agora basta, rapaz! Ela já resolveu! Não insista! Tá avexando a moça!

ENOQUE

Não resolveu nada! O senhor decidiu por ela! Sabe que estou mostrando o melhor caminho!

MARIANO

(FORTE) Melhor caminho para quem? Para você?

ENOQUE

Pra mim?

MARIANO

Pensa que não entendo porque essa questão toda? Entendo, sim! Quer ir embora desta colônia a qualquer custo! Acha que a mulher é a solução para realizar essa ideia! Acredita que a família dela lhe dará abrigo! Se estiver enganado? Se a realidade for diferente do que imagina?

ENOQUE

(DESCONTROLANDO-SE) O senhor não gosta de mim, pai velho! Sou espinha na garganta! Só porque nunca me interessei em aprender a ler! Aquino sempre teve seu apoio em tudo! É o filho querido!

MARIANO

Enoque!

ENOQUE

Eu é que não quero mais conversa! (SAI, INDIGNADO).

MARIANO

(INDO EM PERSEGUIÇÃO DE ENOQUE) Volte aqui! (SAI TAMBÉM DE CENA).

THELMA

(SOZINHA, PÕE AS MÃOS NA CABEÇA) O que está acontecendo comigo? Por que essa falta de memória? (AO LONGE COMEÇA A SER OUVIDO O BATER DE ATABAQUES. AQUINO SURGE À PORTA).

AQUINO

(GENTILMENTE) Como está se sentindo?

THELMA

(LEVE SOBRESSALTO) É você?

AQUINO

Desculpe! Assustei a senhora?

THELMA

Ah, não!

AQUINO

Onde está pai velho?

THELMA

Saiu!

AQUINO

Aconteceu alguma coisa?

THELMA

Um pequeno atrito entre Enoque e seu pai por minha causa!

AQUINO

Qual o motivo?

THELMA

Seu irmão não quer que eu me exponha diante dos pescadores!

AQUINO

Enoque não entende o quanto isso é necessário!

THELMA

Estou cheia de dúvidas!

AQUINO

Li certa vez a história de uma mulher que comandou os franceses numa guerra contra a Inglaterra. Era uma camponesa! O povo dela estava escravizado e não tinha motivação para reagir. Um dia ela ouviu vozes! Achou que era ordem divina! Poderia ter sido uma ilusão, um delírio! Quem sabe? Mas a mulher acreditou nesses desígnios e transformou-se em Santa Joana! À frente das tropas, ela não lutava, mas incentivava o exército! A visão daquele espírito de luz levantou o povo e deu-lhe coragem! E a França se libertou! A senhora é a nossa Santa Joana! Por favor nos guie!

THELMA

Santa Joana morreu na fogueira! Qual o destino que me espera? (PAUSA PROFUNDA) Não importa! Quem não conhece nada do próprio passado, não pode se preocupar com o futuro! Estarei com vocês!

AQUINO

Não imagina o bem que está nos fazendo!

THELMA

Estou me sentindo melhor! (SORRI) Quando vai me mostrar a colônia? Prometeu, não lembra?

AQUINO

Amanhã eu a levarei para que conheça nossas praias! Verá como são calmas! Vedes! A gente olha, assim, e pensa que o mar é profundo! Que nada! Anda quase meia légua com a água batendo nos peitos! Depois, vêm os arrecifes! É como um aviso! Ali, o mar afunda. É um paredão tão grande, que ninguém toma pé! A gente chama de fim do mundo!

THELMA

(SOBRESSALTO) Fim do mundo!

AQUINO

Depois dos arrecifes, é perigoso cair nágua. Tem muita correnteza. Por questão de metros de distância, a gente tem a vida de um lado e a morte de outro!

THELMA

Assustador!

AQUINO

Qualquer dia, vou de jangada com a senhora até os arrecifes. (EMBARAÇADO) Imagino que já deve ter ideia de como é o local! (TRANSIÇÃO) Os pescadores ficaram assombrados com seu aparecimento por estas bandas. Quase sempre, quando uma jangada não retorna da pescaria, é difícil encontrar o corpo do infeliz. As correntezas não deixam nada vir para cá. A gente fica matutando: como é que a senhora chegou viva! Só sendo milagre!

THELMA

Gostaria de ver os arrecifes. Quem sabe, não será a chave para que eu recupere a memória!

MARIANO

(ENTRANDO) Ainda bem que você está em casa!

AQUINO

Vim avisar que está chegando uma verdadeira romaria!

MARIANO

Eu vi! Parece até procissão! Trazem flores e velas!

AQUINO

Assisti à preparação, no terreiro da Jurema!

THELMA

Estou com medo!

AQUINO

Mantenha a calma! Quando estiver diante do povo, diga algumas palavras! Aconselhe que se organize, que acredite no trabalho! Que tenha esperança no futuro!

THELMA

Vou tentar!

AQUINO

Dará certo, a senhora vai ver!

THELMA

Espero que sim. (OS BATUQUES TORNARAM-SE MAIS INTENSOS).

MARIANO

Estão chegando

THELMA

(LEVANTA-SE E PÕE A MÃO NA CABEÇA, COMO SE UMA DOR AGUDA LHE FERISSE OS OUVIDOS) Minha cabeça!

AQUINO

(AFLITO) O que está sentindo?

THELMA

(SOFRENDO) Os tambores!

MARIANO

Os toques e os cânticos vão ficar cada vez mais fortes!

THELMA

(SOFRENDO) Eu não suporto! Doí-me a cabeça!

AQUINO

(PREOCUPADO) Por favor, fique firme! Estarei do seu lado!

THELMA

(FORA DE SI) Não quero morrer! (FORTE) Não quero morrer!

AQUINO

(PERPLEXO) Que está acontecendo, pai velho? (SEGURA THELMA, DESESPERADO, E GRITA PARA MARIANO) Venha ajudar aqui!

THELMA

(CAI POR TERRA, COMO SE ESTIVESSE EM TRANSE) Está tudo escuro! Tenho medo! Meu pai! Não me deixe morrer! Eu não quero morrer! (MARIANO APROXIMA-SE DELA).

MARIANO

(TENTANDO ACALMÁ-LA) Minha filha, volte a realidade!

THELMA

(TREMENDO DE FRIO) Está frio! Muito frio! (THELMA DESFALECE NOS BRAÇOS DE MARIANO).

AQUINO

(AFLITO) Que vamos fazer?

MARIANO

Manter a calma! (DEITA A JOVEM NA CAMA DE VARAS. ENTRAM ENOQUE E MANOEL DA RITA. OS ATABAQUES ESTÃO CADA VEZ MAIS PRÓXIMOS. OUVEM-SE AO LONGE, O CANTO DE IEMANJÁ).

ENOQUE

(INDO NA DIREÇÃO DA CAMA DE VARAS) Que houve?

MARIANO

Desfaleceu!

ENOQUE

A multidão está aí fora! Um bando de desvairados! Como é que ela vai abençoar essa gente agora?

AQUINO

(PREOCUPADO) Da maneira como os pescadores estão ansiosos, podem até invadir nossa casa!

ENOQUE

(FORTE) A culpa é sua! Olhe no que deu! Não foi você que espalhou que ela era santa?

AQUINO

Não me provoque! Sabe que não espalhei coisa nenhuma!

ENOQUE

Mas podia ter desmentido! Que nada! Deu a entender que também acreditava nessa estória! (NUM DESABAFO) Agora, resolva o problema! Mande o pessoal pra casa! Você não é sabido? Não é letrado?

MARIANO

(INTERVINDO) Cale a boca! Está vendo a situação difícil e ainda quer piorar tudo...

ENOQUE

Está bem! (A MULTIDÃO, NA FRENTE DA CASA, COMEÇA A GRITAR).

MULTIDÃO

Queremos ver a santa! Queremos a santa! (OUVE-SE O CÂNTICO DE IEMANJÁ).

MANOEL DA RITA

É melhor tomarem uma decisão!

MARIANO

(PARA AQUINO) Pegue um pano bem molhado e traga aqui! (O RAPAZ APANHA, NUM PREGO EXISTENTE NA PAREDE, UM PANO ALI PENDURADO. MOLHA-O BASTANTE, RETIRANDO A ÁGUA DO POTE COM O CANECO DE BRAÇO. RETORNA A MARIANO, QUE COLOCA O PANO MOLHADO NO ROSTO DA MULHER, DIRIGE A PALAVRA A AQUINO) Esfregue o pulso dela! (O RAPAZ OBEDECE).

ENOQUE

(VAI ATÉ A PORTA E GRITA PARA A MULTIDÃO) Vão para as suas casas! A mulher não pode falar com vocês! Ainda está doente!

MULTIDÃO

Queremos ver a santa! Queremos ver a santa! (ENOQUE
RETORNA. MANOEL DA RITA DELE SE APROXIMA).

MANOEL DA RITA: Vou até lá! Tentarei explicar ao pessoal!

ENOQUE

Pois vá logo!

AQUINO

(OLHANDO FIXAMENTE A MULHER, ENQUANTO
FRICCIONA-LHE O PULSO) Nada ainda, pai velho! Ela nem se
move! (OS ATABAQUES PARAM DE TOCAR).

MARIANO

Continue passando o pano molhado no rosto dela!

ENOQUE

(APROXIMANDO-SE) Parece que desta vez ela não torna!

AQUINO

(IRRITADO) Bota essa boca de agouro pra lá!

ENOQUE

(AFASTANDO-SE ATÉ A PORTA) O toque parou! Parece que Manoel da Rita vai conseguir convencer o pessoal!

AQUINO

(COM ALEGRIA) Ela se moveu!

ENOQUE

(OLHANDO A RUA) Manoel da Rita está voltando!

AQUINO

(EXCITADO) Se moveu, pai velho! Está querendo acordar!

MARIANO

Graças a Deus!

MANOEL DA RITA

(SURGINDO DE REPENTE) O pessoal não desiste! Quer ver a santa de qualquer maneira!

ENOQUE

(CHEIO DE REVOLTA) Que santa? Aqui não tem santa nenhuma! Diabos! O que é que deu nessa gente?

THELMA

(ACORDANDO) Ah!

MARIANO

(ATRAÍDO PELA REAÇÃO DE THELMA) Silêncio!

MANOEL DA RITA

(FELIZ) A santinha está despertando!

THELMA

(RECUPERANDO OS SENTIDOS) Que aconteceu?

AQUINO

A senhora está bem?

THELMA

(ERGUENDO-SE) Um pouco tonta! (DESVIANDO A ATENÇÃO PARA OS TAMBORES E OS CÂNTICOS QUE

RECOMEÇAM FORTES) Ainda estão lá fora?

AQUINO

Querem vê-la de qualquer maneira! Será que conseguiria andar até a frente da casa?

THELMA

Acho que sim!

MULTIDÃO

Queremos a santa! Mostrem a santa!

MARIANO

(PARA AQUINO) Vá com ela! A moça ainda não está bem!

THELMA

Fique tranquilo, estou melhor! (SÚBITO) Meu Deus! Eu me lembro! Eu sei quem sou!

AQUINO

(AFLITO) Pois não diga! Por favor não diga! Ninguém

quer saber! A senhora é a nossa santa! A esperança desta colônia! É só isso o que importa!

ENOQUE

(AVANÇA, INTERVINDO VIOLENTAMENTE) Não vê que ela está começando a se lembrar? Acabe com essa mentira! Vamos embora daqui!

AQUINO

(PARA THELMA, DESESPERADO) Por favor... A senhora prometeu!

MARIANO

(GRITA A PLENO PULMÕES) Parem com isso! Deixem que ela decida!

MULTIDÃO

(OS LAMENTOS DAS PESSOAS, NO LADO DE FORA, TORNARAM-SE MAIS FORTES E IMPACIENTES) Queremos a santa! Queremos a santa!

MANOEL DA RITA

(CARINHOSAMENTE) Minha santa! A senhora vai sair? O pessoal só quer ver o seu rosto, nada mais!

THELMA

(DECIDINDO-SE) Vou falar com eles!

ENOQUE

(NUMA EXPLOSÃO) Não vou ficar aqui para ver isso! (SAI, CHEIO DE REVOLTA).

THELMA

Nos segundos que passei desacordada, experimentei um horrível pesadelo! Sonhei que toda a colônia queria me matar, mas ninguém tinha coragem de chegar perto de mim! Então, os pescadores armaram um grande semicírculo, segurando cada qual, a mão do outro, os homens avançavam lentamente e se fechavam em minha perseguição. Isso me fazia correr, sempre mar a dentro! Estava aterrorizada! Em dado instante, a multidão conseguia me alcançar... Eu era empurrada para trás. Foi terrível! Vi-me jogada além dos arrecifes e tragada pelo abismo!

MARIANO

(TENTANDO ACALMÁ-LA) Foi a agonia que passou,
minha moça, quando lutava para não morrer afogada!

THELMA

É! Foi a agonia que passei!

AQUINO

Por favor não se esqueça, o pessoal tem a senhora na
conta de uma santa! Não tire a ilusão dessa gente!

MULTIDÃO

Queremos a santa! Queremos a santa!

MANOEL DA RITA

(AFLITO) O que é que se faz com esse povaréu todo,
plantado na frente da casa? Ninguém quer ir embora!

THELMA

(PARA AQUINO) Vá anunciar que vou sair!

AQUINO

(CORRE ATÉ A PORTA) Silêncio! Silêncio (PARAM OS BATUQUES E A ALGAZARRA) A santa vai falar com vocês! (MURMÚRIO SE ELEVA. DESTA VEZ, É DE ALEGRIA) Prestem atenção! A moça está fraca e não vai demorar no sereno! (AQUINO RETORNA AO INTERIOR DA CASA E SE DIRIGE A THELMA) Pronto! Pode ir agora!

THELMA

Está bem! (COMEÇA A ANDAR EM DIREÇÃO A PORTA. TODOS FICAM A OBSERVÁ-LA. A CENA ESCURECE. UM FACHO DE LUZ AZUL CAI SOBRE A MULHER. O CANTO DE IEMANJÁ SOBE. A VOZ DE THELMA SE PROJETA ALTO) O homem que não reage à servidão, que se acomoda à miséria e não combate a tirania, não merece a liberdade nem tem o direito de viver! Deus ajuda, a quem se ajuda! (AS LUZES SE APAGAM. MÚSICA SOBE DE INTENSIDADE. A CORTINA FECHA).

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

Permanece o mesmo cenário. É dia. Estão em cena Manoel da Rita e Mariano. Ambos conversam, denotando preocupação. O velho solta largas baforadas do cachimbo. Está sentado num tamborete. Manoel da Rita, de pé, esfrega nervosamente as mãos.

MARIANO

Quando foi isso?

MANOEL DA RITA

Hoje, pela manhã... Sabe como é essa gente. Está sempre de olho grudado! Por onde os dois vão, fica todo mundo na espreita! E eles passeiam como se estivessem sozinhos no mundo!

MARIANO

O que eu acho uma imprudência! Aquino sabe o que pensam a respeito dessa mulher!

MANOEL DA RITA

Pois foi assim. Muita gente viu. Os dois estavam na
jangada, conversando, de repente se abraçaram!

MARIANO

Na vista de todos!

MANOEL DA RITA

Nem notaram nossa presença!

MARIANO

Continue!

MANOEL DA RITA

Então se beijaram! Boca com boca! (NERVOSO) Daí por
diante, aconteceu. Eu não queria ver, mas vi, com estes olhos!

MARIANO

Viu o que?

MANOEL DA RITA

Ele tirou a roupa da santa e montou em cima como se ela

fosse uma qualquer! Como se fosse uma rameira, uma catraia!
(AFLITO) Compreende?

MARIANO

(MUITO SÉRIO) Meu Deus!

MANOEL DA RITA

Todo mundo ficou horrorizado! Ninguém tinha coragem de dizer uma palavra! Era como se a gente tivesse assistindo alguém cometer um crime de morte!

MARIANO

E depois?

MANOEL DA RITA

Naquele momento começou a cair do céu uma chuva fina. Chuva que não passava. Mas o céu não tinha nuvens! O céu estava aberto! O tempo estava limpo!

MARIANO

Por aqui não chuveou!

MANOEL DA RITA

Pois é! Por aqui não chuveou! (TRANSIÇÃO. AFETADO)
Mas aquela não era uma chuva comum! O céu estava chorando!
Os pingos iam caindo e o sol queimava feito fogo! Enquanto isso,
os dois, abraçados, não se importavam com nada!

MARIANO

Isso é uma desgraça!

MANOEL DA RITA

Naquela hora, seu Mariano, ela não parecia uma santa!
Mas, sim, uma cadela no cio, tanto se enroscava nos braços dele!
(TRANSIÇÃO) Aí a gente foi saindo de mansinho!

MARIANO

Quantas pessoas estavam com você?

MANOEL DA RITA

Quatro, comigo! O Julinho, o Amaro José e a Clotilde. Foi
uma dificuldade pra velha não botar a boca no mundo naquela
hora! A mulher ficou desesperada! É ela quem manda flores todo
dia pra santa!

MARIANO

Não demora, a colônia toda vai tomar conhecimento do ocorrido! Se a gente puder evitar que isso aconteça...

MANOEL DA RITA

A essa altura, não tem mais jeito!

MARIANO

Ela precisa sair daqui com urgência!

MANOEL DA RITA

Não acredito que vá embora de vontade própria! Da maneira como os dois estão envolvidos, seu filho não irá deixar que ela parta! Aquino é uma pessoa de opinião!

MARIANO

Se ela ficar, pode acontecer o pior! Vá que a história se espalhe! Ou que já esteja na boca do povo! Os mais fanáticos não vão aceitar a situação. A gente é forçado a reconhecer que, desde que a moça apareceu por essas bandas, as coisas têm melhorado!

MANOEL DA RITA

É por isso que eu falo. Do mesmo modo que hoje o pessoal agradece a boa influência dela, amanhã poderá se voltar contra, se acontecer alguma coisa de ruim!

MARIANO

Tem razão! Uma fase de má pescaria, um desastre qualquer, alguma coisa ruim que venha a ocorrer agora... pode parecer aos mais fanáticos um castigo e... vão jogar a culpa em Aquino! (DECIDIDO) Não há porque esperar! Temos de tomar providências!

MANOEL DA RITA

Mas, como, seu Mariano?

MARIANO

(PAUSADO E FIRME) Você irá a vila de Jangada para não levantar suspeita! Saindo agora, à tardinha já estará de volta. Chegando lá, procure as autoridades. Conte a eles sobre a moça que apareceu quase morta e sem memória. A polícia deve ter ciência de algum desastre ou desaparecimento. Com certeza, virá buscá-la. Não fale a ninguém sobre o que vai fazer! Essa

mulher indo embora daqui, a colônia ficará livre da ameaça!
Compreendeu bem?

MANOEL DA RITA

Compreendi, seu Mariano!

MARIANO

Fará o que pedi?

MANOEL DA RITA

(COM UMA CERTA DÚVIDA) Se o senhor acha que o caminho é este, eu farei!

MARIANO

Então, não demore! Se alguém perguntar onde vai, diga que está saindo pra pescaria!

MANOEL DA RITA

Sim, senhor! Até a volta, seu Mariano! Fique descansado!

MARIANO

Até a volta! (MANOEL DA RITA SAI) Deus me ajude para

que não esteja cometendo um engano! (ENTRAM AQUINO E THELMA).

AQUINO

(APROXIMANDO-SE DE MARIANO, SEM SER PERCEBIDO)

Está falando sozinho, pai velho?

MARIANO

(VOLTA-SE, NUM LEVE SOBRESSALTO. TENTA DISSIMULAR) Não vi vocês chegarem!

THELMA

Passamos por Manoel da Rita! Ia tão apressado que nem nos viu! Parecia preocupado!

MARIANO

Discutiu com a mulher por causa de cachaça! É um bom homem, mas vive bebendo demais!

AQUINO

Não me pareceu que tivesse bêbado!

MARIANO

(FUGINDO AO ASSUNTO) Vou pra dentro arrumar umas coisas! (MARIANO SAI DE CENA).

THELMA

Que será que ele tem? Parece diferente!

AQUINO

Precisa se acostumar com pai velho! Ele é assim mesmo!

THELMA

Não imagina o quanto estou feliz!

AQUINO

Verdade?

THELMA

Muito feliz!

AQUINO

Então, ficará comigo?

THELMA

É o que mais quero!

AQUINO

Para sempre?

THELMA

Enquanto viver!

AQUINO

(TRISTE) Quem me garante que o seu passado não a roubará de mim? A vida é tão cheia de surpresas!

THELMA

Se depender da minha vontade, isso não acontecerá! O mundo lá fora só me trouxe agonia e desespero!

AQUINO

Estaria mais seguro se não tivesse recuperado a memória! Desculpe! Não deveria ter dito isso, mas é o que sinto!

THELMA

Compreendo!

AQUINO

Refiro-me às lembranças! Elas são sempre uma ameaça!

THELMA

Se eu quisesse esquecer o passado, você me ajudaria?

AQUINO

Faria qualquer coisa!

THELMA

Pois bem! Aquela que fui não existe mais! Nesta colônia nasceu uma nova mulher!

AQUINO

Pois que seja assim! (SORRI, COM UMA CERTA EUFORIA)
Todo recém-nascido precisa de nome. Como quer ser chamada?

THELMA

Escolha você!

AQUINO

Certa vez li um romance. Contava a estória de amor de uma princesa e um pescador. Foi presente de um marujo que aportou por aqui num barco de pesca! Eu era menino e o encarregado da balança, na época, me ensinava as primeiras letras e a contar! Era um homem bom! Infelizmente foi transferido e nunca mais voltou! Dizem que morreu! O romance se chamava “Thelma, a princesa da Noruega”. Também, foi o único que me chegou às mãos! (PENSATIVO) Já faz bastante tempo! Aquele nome nunca me saiu da cabeça! Que tal se eu a chamasse de Thelma?

THELMA

A partir de agora, serei Thelma, a sua princesa! Você, o meu homem do mar! (ABRAÇAM-SE. MARIANO SURGE DO INTERIOR DA CASA. O CASAL PRESSENTE A PRESENÇA DO VELHO E SE RECOMPÕE).

MARIANO

(APROXIMANDO-SE) Foi bom que ainda estivessem aqui! Quero que saibam que estou bastante preocupado!

AQUINO

Preocupado, pai velho? Por que?

MARIANO

Alguma coisa está me avisando! Não gosto disso!

AQUINO

Avisando o que?

MARIANO

Que existe alguma coisa errada com vocês dois!

THELMA

Entendo, seu Mariano! O senhor precisa saber...

MARIANO

Que não está mais sem memória? (PAUSA) Isso eu sei.
Mas há outra coisa que não estão levando em consideração!

THELMA

Eu e Aquino nos amamos e planejamos viver juntos. O
senhor não pode ser contra!

MARIANO

O obstáculo não sou eu!

AQUINO

Se não é contra, então está tudo bem!

MARIANO

Existe uma ameaça! Vocês sabem!

AQUINO

(AFLITO) Eu não sei, pai velho! Onde está essa ameaça?

MARIANO

Em toda parte! Em vocês! Nesta colônia! É como se fosse uma nuvem agourenta!

AQUINO

(DEMONSTRANDO IMPACIÊNCIA) Bote essa boca pra lá!
Parece que está chamando desgraça!

MARIANO

Estou prevenindo! Você brincou com coisa muito séria...

AQUINO

Quer deixar de mistério e ir logo ao assunto!

MARIANO

Você transformou esta moça numa coisa sagrada, num símbolo! Os pescadores acreditam na santidade dela! E essa crença mudou tudo por aqui! Muita gente faz promessa, penitências, acende velas nos pegís e manda flores! Por absurdo que seja, o céu parece ter atendido aos anseios desse povo! A colônia voltou a pescar! O lugar voltou a vida, esperança... (CHEIO DE IRA) E de repente...

THELMA

(PERCEBENDO A INTENÇÃO DE MARIANO) De repente...

MARIANO

Vocês destroem a ilusão que criaram! E de um jeito tão grosseiro! Não guardaram nem as aparências! Não respeitaram a crença dessa gente!

AQUINO

Ora, ela não é santa!

MARIANO

(GRITA) Eu sei! (PAUSADO E SOLENE) Sempre soubemos, não é? Mesmo assim, consentimos que se espalhasse essa mentira vergonhosa!

AQUINO

Era para o bem da colônia!

MARIANO

E agora, você destrói tudo em benefício de quem? Da colônia? Não! Por uma atração passageira?

THELMA

(REAGINDO) Não é atração passageira! É amor!

MARIANO

(COM DESDÉM) Amor...

AQUINO

(BUSCANDO JUSTIFICAR-SE) Quando os pescadores entenderem que vou me casar, haverá festa, pai velho! Toda a

colônia estará feliz! Sabe porquê? Porque Thelma ficará, para sempre, com a gente, trazendo sorte para todos!

MARIANO

Até que poderia ser assim, se vocês não tivessem se entregado, diante dos olhos de todo mundo, a relações imorais!

THELMA

(ASSUSTADA) Diante dos olhos de todo mundo?

MARIANO

Vários pescadores viram tudo! Saíram aterrorizados como se presenciassem uma desgraça!

THELMA

Meu Deus!

MARIANO

Escute, moça! Para o seu próprio bem. Sei que foi usada, que se passou pelo que não é por insistência nossa. Nada justifica o que fizemos, mas existia uma razão! A senhora assumiu o risco. (PESADAMENTE) Agora, diante do que houve, é melhor que vá embora! Desapareça o quanto antes desta

colônia! Saia, sem que ninguém tome conhecimento da sua partida!

AQUINO

(DESESPERADO) Isso nunca!

MARIANO

O fanatismo dessa gente pode se transformar em ódio, quando entender que foi enganada!

AQUINO

Não exagere, pai velho! Eu conheço o meu povo!

MARIANO

Conhece mesmo? O relacionamento de vocês será considerado sacrilégio! (SOLENE) Se alguma coisa ruim acontecer de agora por diante, será entendida como um castigo das entidades sobrenaturais!

AQUINO

Sabemos que isso é bobagem!

MARIANO

Está enganado! Não imagina o quanto é sério! (PAUSA) É melhor para todos nós que ela vá embora!

AQUINO

(DESESPERADO) Não! Ninguém a tirará de mim!

MARIANO

(FRIAMENTE) Agora é tarde, em breve as autoridades estarão aqui! Mandei Manoel da Rita à vila!

AQUINO

(GRITA DESCONTROLADO) O que foi que o senhor fez?

MARIANO

Você ouviu!

AQUINO

Pois não permitirei que isso aconteça! (SAI DE CENA, COMO UM LOUCO).

MARIANO

Aquino, espere! (VAI ATRÁS DO FILHO, SAINDO
TAMBÉM).

THELMA

(AFLITA) Meu Deus, que foi que fiz! O sonho era muito bonito para ser verdadeiro! (ANDA, DESORIENTADA) Não posso ser encontrada pelas autoridades! (ENOQUE SURGE E PASSA A OBSERVÁ-LA) Preciso ir embora! Mas, como?

ENOQUE

(REVELANDO-SE) Eu posso ajudar a senhora! Já lhe disse isso! Se quiser partir, não perca tempo!

THELMA

(PRECIPITADAMENTE) Sim, eu quero! (TRANSIÇÃO) Mas será perigoso! Não tenho direito de envolvê-lo!

ENOQUE

(INGÊNUO) Que perigo pode haver? Conheço todos neste lugar! Eles me respeitam! Se alguém vier a me odiar por

que lhe dei fuga, que importa? Não quero mesmo ficar! Meu objetivo é ir embora!

THELMA

Há muita coisa que você desconhece! (SOLENE) O perigo de que estou falando, não está nesta colônia!

ENOQUE

Quer me explicar isso, dona?

THELMA

Escute! Sou uma pessoa marcada, condenada! Se eles me pegarem, me matam!

ENOQUE

(CONFUSO) De que está falando? Quem são essas pessoas?

THELMA

Vocês vivem longe da chamada civilização, isso aqui é um à parte. Dificilmente entenderá.

ENOQUE

(INSISTINDO) Por que não tenta explicar? Quem teria interesse em matar a senhora?

THELMA

O governo!

ENOQUE

O que?

THELMA

A polícia! A repressão! Sou o que eles chamam de agente subversivo! De inimigo político do governo!

ENOQUE

Agente subversivo?

THELMA

Faço parte de um grupo de pessoas que combate a ditadura militar! É como se fosse um bando de foras da lei! O governo nos persegue, tortura, mata! Os corpos dos nossos camaradas são enterrados em cemitérios clandestinos ou

atirados ao mar! Mas não somos bandidos! Lutamos por uma sociedade mais justa, por um mundo melhor!

ENOQUE

(ESFORÇANDO-SE) Por um mundo melhor...

THELMA

Meu pai era médico, oficial da marinha! Homem bom, saudável, um intelectual! Profundo conhecedor do mar. Sonhava com uma sociedade que desse oportunidade a todos! Um mundo sem fronteiras, sem dominação imperialista gringos, sem a ganancia dos donos do dinheiro! Uma sociedade onde não existissem ricos e pobres... Onde todos se tratassem como irmãos, fossem felizes e pudessem viver com liberdade e justiça. Foi expulso da Marinha por causa dos seus ideais, e passou a ser perseguido!

ENOQUE

Por que o governo manda prender e matar alguém que só deseja o bem para o semelhante?

THELMA

O sistema representa o que há de mais perverso! Não desejamos, apenas, um mundo melhor: Lutamos por ele! Se não temos armamento, combatemos com palavras! Infelizmente estas são as únicas armas de que dispomos! Nossa tarefa é mostrar a verdade ao povo, despertar a compreensão de pessoas iguais a você! Fazer com que os excluídos entendam que não são eles os culpados pela miséria e pobreza em que vivem! Mas porque os gananciosos, que têm todo o poder e o dinheiro, não se interessam que o povo se desenvolva! Se o pobre deixar de ser pobre e tornar-se remediado, quem é que vai continuar trabalhando de graça, para que os exploradores continuem a ter a riqueza nas mãos? (TRANSIÇÃO) Eu e meu pai fomos presos porque combatíamos este sistema cruel! (COM EMOÇÃO) Sofremos torturas infames! Você não pode imaginar!

ENOQUE

A senhora foi presa? Foi torturada?

THELMA

(COM EMOÇÃO) Violentada, seviciada, humilhada como mulher e como ser humano!

ENOQUE

(PERPLEXO) É isso que o governo faz com quem é contra ele?

THELMA

Vivemos tempos difíceis! O povo odeia a ditadura. Só que não pode expressar este sentimento! (MÁGOA E REVOLTA) A nação foi esmagada, subjugada!

ENOQUE

O que aconteceu com a senhora? Como veio aparecer nestas bandas?

THELMA

Certa noite, fomos amarrados e tivemos vendados os nossos olhos. Tiraram-nos da prisão e nos jogaram num veículo... podia ser um camburão desses usados pela polícia! Rodamos durante algum tempo. Foram minutos de angústia. Não podíamos imaginar o que estava por acontecer. (PAUSA SIGNIFICATIVA) Quando o carro parou, transferiram-nos para o que imaginei ser uma embarcação de médio porte. Aí, não tive mais dúvidas: o fim estava próximo!

ENOQUE

(FASCINADO PELA ESTÓRIA) E depois?

THELMA

Navegamos a madrugada e o dia inteiro. Ao anoitecer, arrancaram as vendas que nos cobriam os olhos e desataram nossos pulsos. Dera-nos água e pão como alimento. Faziam isso, diziam eles, por um ato de caridade! (EMOÇÃO) Mas riam, sarcasticamente, enquanto nos apontavam as metralhadoras!

ENOQUE

Isso tudo aconteceu com a senhora? Se alguém me contasse não acreditaria!

THELMA

Foi aqui, no alto mar, que mandaram que saltássemos! Éramos cinco. (À MEDIDA QUE NARRA O ACONTECIMENTO, VAI SE EMOCIONANDO). Eu, meu pai, e três companheiros! Estes não sabiam nadar. Eram muito jovens e estavam aterrorizados. Eu e meu pai tínhamos a vantagem da experiência. Cresci navegando e nadando ao lado dele! Procuramos boiar, amparando-nos um ao outro. Os três rapazes não tiveram a

mesma sorte. Em poucos segundos, eram tragados pelas águas. Antes do barco ir embora, ouvimos, ainda, em nossa direção, algumas rajadas de metralhadora. Depois, só o barulho das águas, o céu e a vastidão líquida.

ENOQUE

Como chegou à praia?

THELMA

Durante muito tempo ficamos de mãos dadas, para não nos afastarmos um do outro. O mar foi nos levando até os arrecifes. Ali é que foi trágico. Enquanto tentávamos desesperadamente segurar-nos às pedras, as correntezas nos puxavam para o abismo. Meu pai lutou até o fim para me colocar em segurança! Estava debilitado! (TRISTE) Sua resistência não foi suficiente para que salvasse a sua própria vida!

ENOQUE

Imagino a aflição que passou! Mesmo com a minha experiência, acho um milagre que tenha se salvado. Sabe, eu e Aquino perdemos nosso pai verdadeiro ali, nos arrecifes!

THELMA

(CONTENDO A EMOÇÃO) Dos arrecifes até a praia, a distância ainda era imensa. Mas eu sentia terra nos pés e a água era mansa. Lutava comigo mesma para não desfalecer! Tinha de resistir para continuar viva. Andei muito. Não sei por quanto tempo. De repente, perdi os sentidos!

ENOQUE

Deve ter ficado horas desacordada!

THELMA

Agora que sabe tudo, não há mais razão para seguir ao meu lado. (COM VOZ SUMIDA) Compreende que quase nada poderei fazer por você na cidade?

ENOQUE

(PENSATIVO) Nada poderá fazer por mim! Mas eu vou arriscar! A senhora sofreu tanto, porque desejava um mundo melhor para todos! O mínimo que cada um pode fazer, numa hora como esta, é retribuir tentando salvar a sua vida! Vou arrumar algumas coisas! Sairemos agora! (ENCAMINHA-SE PARA O INTERIOR QUANDO MARIANO APARECE À PORTA).

MARIANO

Enoque! (THELMA E ENOQUE VOLTAM-SE PARA MARIANO) O que vai fazer?

ENOQUE

(FIRME) Estou resolvido, pai velho!

MARIANO

Por que não esperam as autoridades?

ENOQUE

(COM AR DECIDIDO) Não queremos ver ninguém!

MARIANO

Manoel da Rita logo chegará à vila. Até o amanhecer, o jipe do Distrito deverá passar por aqui. Se você quer ir com ela, pelo menos poupará o sacrifício da caminhada!

THELMA

Não pode ser, pai velho! Algum dia o senhor saberá a razão!

MARIANO

Se querem assim, então se apressem. Não deixem que seu irmão veja vocês saírem. Ele está transtornado! (ENOQUE VAI AO INTERIOR DA CASA. THELMA APROXIMA-SE DO VELHO).

THELMA

Obrigada por tudo o que fez por mim!

MARIANO

Não há de que!

THELMA

Perdoe-me, pelas contrariedades que causei!

MARIANO

É o destino que determina o que acontece! Ninguém tem culpa de nada! Espero que reencontre o seu caminho e que Deus proteja os meus filhos!

THELMA

Deus protegerá!

MARIANO

(RESPIRA FUNDO) Que assim seja!

THELMA

Quero que saiba: Aquino foi o sonho melhor, o mais lindo e verdadeiro que tive na vida! Eu o amo! A imagem dele jamais me sairá da memória!

MARIANO

Quando tudo passar, quem sabe, um dia...

THELMA

(DISTANTE) Quando tudo passar...

MARIANO

(PREOCUPADO) Aquino saiu como um louco para impedir Manoel da Rita! Não pude alcançá-lo! Deus queira que não haja acontecido nada de ruim!

THELMA

O senhor mesmo diz, se é destino... (LÁ FORA HÁ RUMORES DE VOZES).

VOZES

Seu Mariano! Seu Mariano!

MARIANO

Que será? (PARA THELMA) Fique aqui, volto já! (SAI).

THELMA

(AFLITA) Não demore, por favor!

ENOQUE

(VOLTANDO DO INTERIOR DO QUARTO, COM UMA PEQUENA SACOLA) Pronto, vamos embora!

THELMA

Espera!

ENOQUE

Esperar por que?

THELMA

Alguma coisa está se passando lá fora. Ouvimos gritos. Chamavam por seu Mariano. Ele pediu que esperássemos!

(ENOQUE VAI ATÉ A PORTA A FIM DE VERIFICAR. VOLTA-SE).

ENOQUE

(CURIOSO, PORÉM TENSO) Várias pessoas estão conversando com pai velho! (OLHA MAIS UMA VEZ) Gesticulam! Parece que é coisa séria! Pai velho está se afastando, apressado! (AFLITO) Espere por mim! Vou ver o que está acontecendo!

THELMA

Não vá!

ENOQUE

Não me demoro! (SAI. THELMA CORRE À PORTA. OBSERVA. RETORNA AO MEIO DA CENA. SÚBITO, SURGE AQUINO. ESTÁ MOLHADO, ARFANTE).

AQUINO

(NUM SUSSURRO) Thelma! A moça vira-se, sobressaltada) Ninguém mais vai levá-la daqui!

THELMA

(ASSUSTADA) Aquino, que aconteceu?

AQUINO

(PAUSA DRAMÁTICA) Manoel da Rita ia se afastando na jangada, chamei por ele, não quis me ouvir. Então, nadei como um desesperado. Consegui alcançar o infeliz. Pedi por tudo que voltasse! (DESCONTROLADO) Ele reagiu! Não me atendeu!

THELMA

(ALCANÇANDO A REALIDADE) Você o matou!

AQUINO

Eu não queria, juro que não queria!

THELMA

Pobre Aquino! Quanto mal eu causei a vocês!

AQUINO

(HÁ UMA EXCITAÇÃO DOENTIA, QUASE LOUCURA)
Agora, ninguém mais virá buscá-la nesta colônia!

THELMA

(EM PRANTOS) Não! Aqui, não há mais lugar para nós dois! Vou embora!

AQUINO

Jamais sairá daqui! Não poderei viver sem a sua presença!

THELMA

Procure entender, Aquino! Aconteceu a primeira desgraça por minha causa!

AQUINO

Não se culpe. Eu mataria o mundo inteiro pra não perdê-la! (SOFRENDO) Sempre vivi de sonhos. Amava esta colônia e tinha um sonho difícil de realizar, até que você apareceu! Depois disso, tudo passou a ter sentido! Você me revelou o paraíso! Não me condene, agora, ao inferno!

THELMA

Poderíamos partir juntos! Mas não seria fácil! (LAMENTANDO-SE) Não vou arrasta-lo para um abismo ainda maior. Pretendia contar-lhe tudo sobre a minha vida, mas você não quis saber!

AQUINO

Não vá embora!

THELMA

(AFLITA) Vamos esquecer o que houve entre nós! Salve o seu futuro!

AQUINO

Futuro? Que futuro posso ter, se você não estiver ao meu lado? Sou um assassino!

THELMA

Não há testemunhas! Você mesmo disse!

AQUINO

Existem duas! A primeira, minha consciência! Deus é a segunda! Como poderei escapar? (OLHA-A COM PROFUNDA EXPRESSÃO DE TRISTEZA) Não vá!

THELMA

Minha presença não vai ajudá-lo nesse momento! Apenas tornará as coisas mais difíceis!

AQUINO

Matei para que permanecesse junto de mim!

THELMA

(DESESPERADA) Ah, meu Deus! Como convencê-lo?

AQUINO

(APROXIMA-SE DA MOÇA, INTEIRAMENTE
TRANSTORNADO) Não me deixe! Não me deixe!

THELMA

Daria a própria vida para não vê-lo sofrer!

MARIANO

(APARECENDO) Não devem demorar mais! (NOTANDO A
PRESENÇA DE AQUINO) Você aqui?

AQUINO

Por que essa surpresa?

MARIANO

(CHEIO DE IRA) Foi você, não foi? Diga! (SILÊNCIO DOS

DOIS) Os pescadores recolheram o corpo de Manoel da Rita.
Ninguém sabe quem o matou! (PAUSA) Mas eu sei! (GRITA) Foi
você!

THELMA

(FORTE) Não!

AQUINO

(DEPRIMIDO) Que adianta negar?

MARIANO

(SOFRENDO) Meu filho! Um assassino!

THELMA

Seu Mariano, por caridade! Ele está sofrendo!

MARIANO

(DOR) Todos estamos! Manoel da Rita dirigia-se à vila,
atendendo a um pedido meu! Sou culpado também! Talvez o
maior... desde o início...

AQUINO

O senhor, pai velho... Porque fez isso? Não tinha nada que jogar aquele desgraçado no meu caminho! (OUVEM-SE OS ATABAQUES DO TERREIRO DE MÃE JUREMA) Os malditos tambores! (LÁ FORA, AMEAÇA CHOVER. UM RELÂMPAGO CORTA O CÉU, SEGUIDO DE TROVÃO) Fiz tudo pra que ele desistisse! Pra que voltasse!

MARIANO

Em breve, toda a aldeia estará aqui. A união pecaminosa de vocês já se tornou voz corrente! Os pescadores estão desesperados, porque a senhora, enviada pela Rainha do Mar, não resistiu à tentação do demônio!

THELMA

Isso é ignorância, estupidez! Não fosse essa maldita mistificação, seu filho não seria agora um criminoso!

MARIANO

Nada de bom é gerado da mentira! Devia ter evitado desde o início, mas confiava em Aquino! Sempre foi equilibrado,

inteligente! O único nesta colônia que sabia ler e escrever!
Apoiei a história toda porque as intenções eram boas!

AQUINO

Pare com essas lamentações, pai velho!

MARIANO

A morte de Manoel da Rita é um castigo do céu para todos nós. Não devemos nos iludir. De agora em diante tudo vai desandar nesta colônia!

AQUINO

(AQUINO ESTÁ PROFUNDAMENTE TRANSTORNADO. LÁ FORA, OS ATABAQUES CONTINUAM A TOCAR, AGORA COM MAIS INTENSIDADE. O JOVEM IMPACIENTA-SE. VAI ATÉ A PORTA) Porque esses toques? Hoje não é dia de terreiro!

MARIANO

(SENTA-SE, ENFRAQUECIDO, NA CAMA DE VARAS)
Pedem clemência à Senhora das Águas! Todo mundo está reunido na Jurema! O corpo de Manoel da Rita foi levado pra lá!

AQUINO

Daqui a pouco todo mundo estará bêbado. Aquela maluca vai dizer uma porção de bobagem! (PRA MARIANO)
Ninguém viu o que aconteceu, pai velho! Ninguém!

MARIANO

Embora tenha me prometido o contrário, Manoel da Rita, antes de sair na jangada. Contou tudo à mulher. A Rita quando viu o marido morto, botou a boca no mundo! Foi a primeira a acusar você! (TRANSIÇÃO) Esta colônia sempre foi pacata! Todo mundo é como se fosse irmão! O defunto não tinha inimigo! Era homem bom... Um filho de Deus!

AQUINO

Estou perdido! (AFLITO) Fiquei louco, pai velho! Naquele momento, não podia me controlar! Só pensava nela!

MARIANO

(PESADAMENTE) Outras pessoas estão a caminho da vila! As autoridades logo tomarão conhecimento do que aconteceu! Não há como esconder! (PAUSA. BASTANTE CANSADO) Quer saber o resultado de tudo isso, meu filho? A

moça voltará para a cidade... e você irá passar bom tempo na prisão!

THELMA

(DESESPERADA, BUSCA TOMAR O CONTROLE DA SITUAÇÃO) De que adianta torturarem-se deste jeito? Aconteceu! Resta-nos, agora, enfrentar a realidade! (TRANSIÇÃO) Vamos fugir, Aquino! Conheço pessoas que poderão esconder a gente!

AQUINO

Como poderia viver longe desta colônia?

MARIANO

Pior será na cadeia! (OLHANDO A RUA) Se querem partir, vão embora! Juntem os troços de que precisam e corram! Um minuto perdido e será tarde demais!

THELMA

É verdade!

AQUINO

Está bem! (VAI ENCAMINHAR-SE PARA O INTERIOR DA CASA, QUANDO ENOQUE APARECE NA PORTA DA RUA).

ENOQUE

Podemos ir! (AQUINO VIR-SE PARA O IRMÃO, SEM NADA ENTENDER) O pessoal do terreiro está vindo pra cá! (THELMA, NÃO SABE O QUE DIZER. ENOQUE APROXIMA-SE DE MARIANO) O caboclo da Jurema anunciou coisas horríveis! Falou que a colônia está amaldiçoada! Que a única forma de acalmar os espíritos, é devolver a mulher ao mar!

MARIANO

Imaginava que isso acontecesse!

ENOQUE: Querem afogá-la, dona! Que está esperando?

AQUINO

(APROXIMANDO-SE) Thelma vai partir comigo!

ENOQUE

(SURPRESO) Combinamos que eu iria com ela! Já preparei tudo! Zé Bezerra, que não acredita na Jurema,

prometeu levar nós dois na carroça dele até a colônia de Santo Antônio! É longe, mas se a carroça rodar a noite toda, ao amanhecer estaremos chegando! A gente fica uns dias na casa do Bezerra e quando as coisas estiverem mais calmas, se toma tenência e segue caminho!

AQUINO

(FURIOSO, PARA THELMA) Então, era assim? Enquanto estrago minha vida, pra que fique comigo, resolve partir às escondidas com meu irmão?

THELMA

Deixe-me explicar, Aquino! Quando decidi partir, estava apavorada! Morri de medo de ser descoberta pela polícia! Enoque se ofereceu para me acompanhar! (TRANSIÇÃO) Como imaginar que você seria capaz de matar, por minha causa?

ENOQUE

(PERPLEXO) Então foi mesmo você?

AQUINO

(DESCONTROLANDO-SE) Matei. E tornarei a matar qualquer um que tentar afastá-la de mim!

THELMA

Vamos fugir os três! (OS TOQUES DOS TAMBORES PARECEM MAIS FORTES. COMEÇAM A SER OUVIDOS, AO LONGE, VOZES QUE SE APROXIMAM).

ENOQUE

Compadre Zé Bezerra só poderá esconder a senhora! Não sou suspeito, logo não haverá perigo para mim! Mas, se Aquino partir em meu lugar, é mesmo que assinar confissão! Ficando, pode insistir que é inocente! Ninguém viu nada! É só não mostrar fraqueza! Se todos viajarmos... Aí, dona, nem Aquino nem a senhora terá salvação. Eu também serei envolvido! Amanhã a polícia varrerá esta região à procura de nós três!

AQUINO

Sei o que querem! (PARA THELMA) Acha que estou perdido e me abandonam como um troço que não tem mais valia!

ENOQUE

Se prenderem você, logo será solto! Sabe disso! Mas se a moça for apanhada, darão sumiço nela! Na cidade grande

algumas pessoas poderão escondê-la em lugar seguro! Foi isso o que ela disse! (PARA THELMA) Não é verdade, dona?

THELMA

Eu não o abandonarei, Aquino!

AQUINO

Conversa! (DESCONTROLADO, PARA THELMA) Não pense que vai embora sem mim! Conheço as ideias do meu irmão! A intenção dele é outra!

MARIANO

(INTERVINDO NO DIÁLOGO DOS DOIS) As palavras de Enoque fazem sentido, meu filho! Deixe que eles sigam viagem! Seu pai velho, enquanto viver, estará do seu lado! Não há tempestade, que não traga calma depois!

AQUINO

(TOTALMENTE DESEQUILIBRADO) Ela vai comigo! Pego a jangada na praia... Em um minuto estaremos no mar! A Rainha das Águas nos dará proteção!

MARIANO

(TENTANDO DEMOVÊ-LO) Com esse tempo fechado?
Não passarão dos arrecifes! Serão feitos em pedaços nas pedras!

AQUINO

(AQUINO SACA A PEIXEIRA E SEGURA A MULHER PELOS
BRAÇOS) Irá comigo, somente comigo! O mar não se atreverá em
nos fazer mal. A moça possui poderes, pai velho! Muitos
Poderes! Minha jangada nos levará até a Noruega onde Thelma
é princesa de um reino encantado! Lá teremos paz e seremos
felizes!

MARIANO

(PREOCUPADO) Aquino, solta a mulher!

ENOQUE

(LÁ FORA, O MURMÚRIO DAS VOZES TORNA-SE MAIS
INTENSO) Meu irmão, você sabe o destino da gente. Se você
prefere assim, procure se esconder por uns dois dias. Depois, irá
encontrar-se com a moça na casa de Zé Bezerra! De lá, vocês
tomarão o destino que quiser. Eu voltarei pra colônia, pra junto
do pai velho!

AQUINO

Não acredito em você!

ENOQUE

Ouçá os batuques! A algazarra que se aproxima! Será que não entende! Os pescadores vêm buscar a mulher! Eles vão afogá-la no mar! Você quer que isso aconteça?

AQUINO

(ALUCINADO) Ninguém a tirará de mim! Matarei um por um! Até mesmo você, se me impedir! (THELMA, APAVORADA, SOLTA-SE DE AQUINO E CORRE PARA ENOQUE. ESTE, SEGURA A MÃO DA MULHER E VAI SAIR COM ELA, IGNORANDO A AMEAÇA DO IRMÃO. AQUINO, DE ARMA EM PUNHO, SALTA NA FRENTE DOS DOIS. TRAVA-SE, ENTRE OS IRMÃOS UMA BREVE LUTA CORPORAL. ENOQUE DOMINA AQUINO, QUE SE FERRE MORTALMENTE COM A PRÓPRIA FACA. SEU CORPO CAI LENTAMENTE POR TERRA. ENOQUE RECUA PERPLEXO. EM SEGUIDA, CORRE E AJOELHA-SE AO LADO DO CADÁVER. MARIANO E THELMA ESTÃO ESTÁTICOS, PARALISADOS DE TERROR. AS VOZES TORNAM-SE BEM PRÓXIMAS).

VOZES

Queremos a santa! Entreguem a mulher! (THELMA ENCARA, ASSUSTADA, O VELHO MARIANO, EM CUJA FISIONOMIA SE REVELA UM CANSAÇO MORTAL E MÍSTICA RESIGNAÇÃO).

MARIANO

Agora é tarde, minha filha! Está escrito! Tinha de acontecer! (RELÂMPAGO E TROVÃO. VOZES E TAMBORES).

VOZES

Queremos a santa! Entreguem a santa!

THELMA

O que vai acontecer comigo?

MARIANO

(SOLENE) Eles não tocarão num fio do seu cabelo! Vão empurrá-la mar a dentro, até que seja tragada pelo abismo! Se for da vontade da Rainha das Águas, será devolvida sã e salva a esta colônia! Caso isto ocorra, toda a tragédia estará esquecida!

As pessoas farão cantigas e batuques. As mulheres jogarão flores sobre as águas e a senhora viverá!

THELMA

(PARA MARIANO) O meu sonho! Sei exatamente o que vai se passar! (OLHA O CORPO DE AQUINO) Querido, eu o amei, perdoe-me! (AVANÇA ATÉ A PORTA E GRITA PARA MARIANO) Se eles querem a minha vida, não vamos desapontá-los! (TOMA UMA POSTURA ALTIVA E SORRI) Uma santa deve morrer com certa dignidade! (SAI LENTAMENTE DE CENA, SOB RELÂMPAGOS E TROVÕES. ENOQUE CHORA, AJOELHA-SE JUNTO AO CORPO DO IRMÃO, ENQUANTO MARIANO, DE PÉ, TEM O OLHAR PERDIDO, DISTANTE. O PANO CAI LENTAMENTE).

PEDRO ONOFRE DE ARAÚJO

BECO DAS ALMAS PERDIDAS

UM DRAMA DE RETIRANTES NORDESTINOS

EM XX ATOS

SÃO PAULO, 1960

BECO DAS ALMAS PERDIDAS

Uma família de nordestino, constituída do casal e três filhas moças chegam a São Paulo. Fugindo da seca, vendera a pequena propriedade que possuíam no sertão alagoano e, agora, na grande metrópole, em busca de melhores condições, espera refazer a vida. A iniciativa da retirada do velho torrão deu-se em decorrência de uma carta que recebera de um conterrâneo que não poupava elogios às possibilidades de trabalho existentes. Partira, vencendo, estrada a fora, os solavancos do pau-de-arara, regrando a comida para economizar o pouco dinheiro que escondera prudentemente no bolso da cueca, destinado a comprar um barraco em qualquer bairro popular.

Acolhido alguns dias pelo conterrâneo que lhe escrevera, logo percebeu que a realidade era bastante diferente daquela que lhe fora apresentada. Contudo, não se deixou esmorecer. Teria de enfrentar o fato consumado. Com a sobra do dinheiro da venda da propriedade adquiriu pequeno barraco no sapé de um morro, na periferia da cidade. O ambiente era dos piores. Vizinhos proliferavam prostituição, jogatina e outras atividades

ilegais. Mas os novos moradores desconheciam este fato. A situação financeira não permitira escolher coisa melhor. Começa a peregrinação do chefe da família em busca de trabalho. Nenhuma perspectiva se apresenta. Atraído pela beleza e juventude das filhas do nordestino, o proprietário de um bar e armazém, localizado no térreo de velho sobrado que durante a noite se transforma em prostíbulo, aproxima-se do recém chegado oferecendo-lhe seus préstimos. O nordestino fica impressionado com as gentilezas do desconhecido. Este, por sua vez, levado por intenções outras, estimula Tião Cheiroso, um gigolô que trabalha para a “Organização”, a seduzir as filhas de Zé do Norte.

Nesse processo lento de conquista da confiança da família, consegue com o chefe mafioso a quem serve, poderoso bicheiro e traficante, um emprego para Zé do Norte, como vigia noturno em estabelecimento no centro da cidade. Em poucos dias, Zé do Norte vê-se promovido, pela seriedade que demonstrara no serviço, a segurança do escritório do chefe. Enquanto isso, Tião Cheiroso consegue firmar namoro com Marili, a mais velha das filhas do nordestino. Evento imprevisível, no entanto, altera a rotina das três irmãs. Um marginal é perseguido e baleado pela polícia. Sem que ninguém o perceba, consegue adentrar-se, pela janela do barraco, no quarto das

moças, pequena água furtada existente na parte superior da rústica construção e ali esconder-se. A estrada, uma subida íngreme, em certa altura, nivela a janela da água furtada, ao rés do chão, o que facilitara a passagem do bandido ao interior do quarto.

Ao se recolherem ao modesto aposento, as jovens se depararam com o ferido. Por insistência de Lucinha, irmã do meio, as demais aceitam cuidar dele, sem que a mãe e o pai tomem conhecimento. Combinam que, antes do amanhecer, já em segurança, o ferido deveria seguir seu destino, livre da perseguição da polícia. Graças a um atávico sentimento, cimentado no inconsciente coletivo do sertão nordestino, por razões históricas, bandido sempre fora compreendido como vítima das injustiças dos poderosos, a serviço dos quais, a polícia sempre se mantivera. Lucinha sentira-se atraída pelo moço, desde o primeiro momento que o vira. Isso pesou fortemente na decisão da jovem. Ventania, cognome do bandido, graças aos cuidados recebidos de Lucinha e suas irmãs consegue forças para evadir-se. A partir deste momento, floresce entre a moça e o marginal, um romance proibido. Passam a se encontrar em segredo. Enquanto isso, Marili, a irmã mais velha, entrega-se às mãos de Tião Cheiroso. O gigolô descobre o romance proibido de Lucinha, na noite em que Creusa, a filha mais nova, completa

15 anos. Zé do Norte recebe alguns vizinhos, no terreiro, pra comemorar o aniversário da filha. Enquanto bebem cerveja e comem quitutes que a dona da casa preparara. Lucinha abre, furtivamente a janela do seu quarto para que o namorado entre. Tião Cheiroso, que tudo observa, alerta Zé do Norte, diante de todos. O nordestino flagra o bandido no quarto da filha. O moço tenta evadir-se. Há troca de tiros entre ambos. Os dois morrem. As mulheres agora estão sozinhas. Tião Cheiroso é expurgado, de maneira insólita, daquele agrupamento familiar. O dono do armazém e do lupanar exacerba em amabilidades para com as mulheres. A mãe, extremamente fragilizada, cai em depressão. As filhas, não vislumbrando outra alternativa para a sobrevivência, se prostituem.

PERSONAGENS

Zé do Norte - 45 anos

Dona Rosa - 42 anos

Marili - 25 anos

Tião Cheiros - 30 anos

Lucinha - 20 anos

Creusa - 14 anos

Manoel Sinhô - 50 anos

Ventania - 25 anos

Transeuntes, mulheres; boêmios notívagos; policiais militares e marinheiros.

PRIMEIRO ATO

O espaço onde a peça se desenvolve está dividido em dois planos: o primeiro, compreende a parte baixa do tablado e o proscênio; o segundo, a faixa média onde se ergue um praticável que toma toda a largura do palco. Este passadiço elevado começa, à esquerda média, com socalco de oitenta centímetros e sobe, em leve inclinação, até a direita média, onde, então atinge a altura de dois metros aproximadamente. O elemento cenográfico será concebido a partir destes dois níveis, projetando-se num terceiro elevado apenas de efeito visual. O cenário representa uma rua de residências pobres, encravada na encosta do morro. O proscênio indica a borda do precipício, enquanto que a parte baixa do palco sugere minúsculo platô no meio da encosta. Este platô está ocupado por uma construção improvisada, da qual apenas pequena parte é vista, estendendo-se da esquerda ao meio do palco. A parte visualizada compõe um conjunto de dois compartimentos, também postos em dois níveis. No primeiro nível, vemos uma sala precariamente mobiliada, com mesa e alguns tamboretas; o segundo, interligado ao primeiro por uma escada tosca de madeira serrada, é um pequeno sótão transformado em quarto, cujo piso

mantém, no ponto em que se situa, a mesma altura do praticável, que forma a estrada, na faixa média do palco à direita baixa, representa o minúsculo terreiro do barraco, de onde, subjetivamente, desce o precipício a partir da “quarta parede”, aqui mencionada apenas como referencial, vez que poderão ser utilizadas escadas que ligam o piso da plateia ao palco, como se fossem aquelas escadarias de cimento, íngremes e perigosas, que normalmente existem na subida de algumas favelas. O elevado que corta a cena ao meio, de um lado para outro, sugere estreita rua calçada de paralelepípedos. No terreiro do barraco, apresentado no primeiro plano, o acesso à rua faz-se por uns degraus cavados no próprio terreno. Ao lado destes, vindo da rua, vê-se um pedaço de cano de meia polegada de diâmetro, transformado em bica-d’água, a projetar-se no terreiro sobre um pequeno e improvisado tanque de lavar roupas. Compõe, ainda, este terreiro, um banco comprido de madeira e alguns arbustos que vicejam na encosta. À altura do meio do palco, subindo no sentido dos fundos da cena até a alta média, projeta-se tortuoso beco onde se alinham barracos miseráveis, que se perdem no alto do morro, afinilando-se na perspectiva do infinito. Inúmeras dessas moradias, minúsculos pontos, exemplo de uma arquitetura desesperada e ilógica, que desafia as próprias leis da física, eis a favela, encravada no morro, universo onde a nossa

estória irá se desenvolver. À frente desse panorama de fundo, limitando-se com a rua e a esquina do beco que sobe a encosta, ergue-se um prédio onde, durante o dia, funciona o bar e, à noite, a boate com suas luzes avermelhadas. Na esquerda, há um poste de onde pende uma luminária de luz fraca e difusa. O ciclorama, ao fundo, mostra o céu azul. Zé do Norte e Dona Rosa, sua mulher, carregando nos ombros trouxas de roupas e objetos de casa atravessam a rua, descem o barranco e chegam ao terreiro. O homem vai à frente. Seguido pela companheira. As filhas irão aparecer em seguida.

ZÉ DO NORTE

(OLHANDO OS ARREDORES) Chegamos!

DONA ROSA

(DESAPONTADA) É aqui?

ZÉ DO NORTE

(AJUDANDO-A A DESCER OS DEGRAUS) Você vai gostar!
O barraco é grande!

DONA ROSA

(OLHA PARA BAIXO, NA DIREÇÃO DA PLATEIA) Como é alto! Chega a dar vertigem!

ZÉ DO NORTE

(OLHANDO O BARRANCO) A gente acostuma! De mais, não é por muito tempo! Quando as coisas melhorarem, a gente procura outro lugar!

DONA ROSA

(DISTANTE) É! (SENTA-SE NO BATENTE DA ENCOSTA) A cidade, vista de cima, é muito bonita..., mas é triste!

ZÉ DO NORTE

Triste?

DONA ROSA

Parece um cemitério! Os prédios e arranha-céus dão a ideia de grandes catacumbas! É muito triste!

ZÉ DO NORTE

(CONSOLANDO-A) Ora, não fique assim! Eu também me sinto como peixe fora d'água!

DONA ROSA

(BUSCANDO OLHAR A ESTRADA) E as meninas? Por que essa demora? Já deviam ter chegado! (NERVOSA, TENTA SUBIR OS DEGRAUS DO BARRANCO. O MARIDO A IMPEDE. ELE MESMO CORRE AO MEIO DA RUA, E APURA A VISTA. DONA ROSA, IMPACIENTE, O INTERPELA) Está vendo alguma coisa?

ZÉ DO NORTE

Parecem três tartarugas, subindo a ladeira! (DESCE AO TERREIRO) Foi duro, mulher! Deixar a minha terra, para aventurar a vida neste fim de mundo! Nunca passei por uma situação tão difícil como esta!

DONA ROSA

(LEVANTA-SE E VAI À PORTA DO BARRACO) Não vai entrar?

ZÉ DO NORTE

Deixe aquelas lesmas chegarem! Podem passar direto! (A MULHER ENTRA. COLOCA A MALA E UM SACO DE OBJETOS NO CHÃO E SE PÕE A EXAMINAR CADA DETALHE DO INTERIOR DO BARRACO. LÁ FORA, AS MOÇAS SURGEM NA ESTRADA, ACOMPANHADAS POR TIÃO CHEIROSO. O MALANDRO MOSTRA-SE GENTIL, PROPONDO QUERER AJUDÁ-LAS A TRANSPORTAR A BAGAGEM, O QUE LHES RETARDAVA OS PASSOS NA ÍNGREME SUBIDA).

MARILI

(PARA TIÃO CHEIROSO) É ali que a gente vai ficar?

TIÃO CHEIROSO

Vamos ser vizinhos!

MARILI

(TOMANDO DAS MÃOS DO RAPAZ A MALA QUE ELE AJUDARA A TRANSPORTAR) O senhor mora perto daqui?

TIÃO CHEIROSO

Digamos que um dos meus locais de trabalho fica próximo!

ZÉ DO NORTE

(ZÉ DO NORTE E DONA ROSA SAEM AO TERREIRO. AO VER AS FILHAS, O NORDESTINO INTERROMPE A CONVERSA DELAS, GRITANDO) Pensei que não iam mais chegar!

TIÃO CHEIROSO

(PARA ZÉ DO NORTE) É o novo morador? Seja bem-vindo!

ZÉ DO NORTE

Obrigado por ter ajudado as meninas!

TIÃO CHEIROSO

(RISO MAROTO PARA MARILI) Foi um prazer! (AS MOÇAS DESCEM A ENCOSTA EM DIREÇÃO AO TERREIRO. TIÃO CHEIROSO ENCAMINHA-SE AO SOBRADO. NESTE MOMENTO APARECE, À PORTA DO ESTABELECIMENTO, MANOEL SINHÔ, DONO DO BAR, ATRAÍDO PELA CURIOSIDADE. TIÃO CHEIROSO E MANOEL SINHÔ

GESTICULAM COMO SE CONVERSASSEM. SEGUNDOS DEPOIS, INGRESSAM NO SALÃO, DESAPARECENDO DE CENA).

LUCINHA

(SENTANDO-SE NO BANCO DO TERREIRO) Que ladeira!
Meu coração está querendo sair pela boca!

CREUSA

(DESCOBRINDO A BICA D'ÁGUA, LAVA AS MÃOS E O ROSTO) Viva, temos água!

LUCINHA

Claro, sua boba, você não está mais no sertão!

CREUSA

(COM DESDÉM) É. Estou em São Paulo! (AS MOÇAS ENCAMINHAM-SE, AOS RISOS, PARA O INTERIOR DA CASA. SAEM DE CENA. DONA ROSA VAI AO TERREIRO).

DONA ROSA

(DIRIGINDO-SE A ZÉ DO NORTE) Ficou pensativo, de repente!

ZÉ DO NORTE

Matutando!

DONA ROSA

Sobre o que?

ZÉ DO NORTE

Tudo!

DONA ROSA

Arrependimento?

ZÉ DO NORTE

Ainda não faz um mês, a gente estava tentando vender a propriedade por qualquer dinheiro. Queria vir para São Paulo e aqui estamos!

DONA ROSA

É, aqui estamos!

ZÉ DO NORTE

Olhava o mundo daqui de cima, e pensava sobre o que
você disse!

DONA ROSA

O que foi que eu disse?

ZÉ DO NORTE

Que a cidade parecia um cemitério!

DONA ROSA

Maluquice minha!

ZÉ DO NORTE

Pode parecer, de longe, um cemitério! Mas a verdadeira
vida é lá em baixo! A riqueza, o conforto, tudo o que alguém
pode querer! Estas coisas estão ali, naquelas catacumbas!

DONA ROSA

Ainda prefiro o sertão vestido de verde! O gado
ruminando no curral! Os pássaros cantando na caatinga! Eu sou

bicho do mato, meu velho! E bicho do mato não sabe viver
noutro lugar!

ZÉ DO NORTE

Pois nós temos que aprender a viver! O sertão está
morto!

DONA ROSA

Sempre houve seca! Seca que parecia o fim do mundo!
(DISTANTE) Mas quando vinha a chuva... e ela demora, mas
chega... tudo ficava verde, bonito...

ZÉ DO NORTE

Um dia a gente volta, minha velha! Fique certa! A gente
volta!

DONA ROSA

Sei não! Mas não se preocupe comigo! Deus dá o
cobertor conforme o frio!

ZÉ DO NORTE

Aqui vou ter chance de trabalhar! Trabalhar muito!
Quando tiver dinheiro suficiente, a gente retorna! Meu padrinho

Cícero vai permitir! Pode acreditar! (MANOEL SINHÔ E TIÃO CHEIROSO SAEM DO BAR, ATRAVESSAM A RUA E SE DIRIGEM AO BARRACO).

TIÃO CHEIROSO

(PARA ZÉ DO NORTE) Vizinho! (ZÉ DO NORTE SE VIRA)
Podemos nos aproximar?

ZÉ DO NORTE

(GENTIL) Façam o favor! (OS DOIS HOMENS DESCEM A ENCOSTA E SE DIRIGEM PARA ZÉ DO NORTE).

TIÃO CHEIROSO

(INSINUANTE) Chamo-me Sebastião! Os amigos me apelidaram de Tião Cheiroso! (RI) Gosto de estar bem perfumado! Notou isso, não é?

ZÉ DO NORTE

(SEM ENTUSIASMO) Cada um tem seu gosto!

MANOEL SINHÔ

Desculpe a intromissão! Sou proprietário do bar da esquina! Como o senhor está chegando agora... O que eu quero

dizer é que, se precisar de alguma coisa, não se acanhe!

ZÉ DO NORTE

(CUMPRIMENTANDO OS VISITANTES) Muito agradecido!
No momento não preciso de nada, não senhor! Mas não vou me esquecer do seu oferecimento!

MANOEL SINHÔ

Está chegando do Norte?

ZÉ DO NORTE

Sou de Alagoas, sim senhor! De uma cidadezinha chamada Olivença, lá no sertão! Faz dez dias que cheguei! Um conhecido me conseguiu este barraco! Comprei com o resto das economias!

DONA ROSA

(DEMONSTRANDO CANSAÇO) Com licença que vou pra dentro. Tem muita coisa pra arrumar!

ZÉ DO NORTE

Pode ir! (DONA ROSA SAI. ZÉ DO NORTE, CHEIO DE ACANHAMENTO) Essa é a minha mulher, Rosa! Esqueci de

apresentar. Vão me desculpendo!

TIÃO CHEIROSO

(MANEIROSO, TOMANDO A DIANTEIRA) Não tem importância! As três moças são filhas?

ZÉ DO NORTE

São filhas, sim senhor!

MANOEL SINHÃO

(GRACEJANDO) Tião é um moço fino, mas muito curioso!
(QUERENDO SER MAIS ÍNTIMO) Dizem que o sertanejo de Alagoas é homem valente! Gente de palavra! É verdade!

ZÉ DO NORTE

(EMBARAÇADO) Somos de paz! Pessoa violenta existe em todo canto! Alguma coisa que acontece é por conta da política, da miséria, da injustiça... Ou então, quando alguém é desmoralizado! (SÉRIO) A honra ainda tem muito valor na minha terra!

MANOEL SINHÃO

Já arranhou trabalho?

ZÉ DO NORTE

A partir de amanhã vou começar a procurar!

MANOEL SINHÔ

Eu poderia lhe ajudar nisso, se quiser!

ZÉ DO NORTE

(DESCONFIADO, DEMONSTRANDO INTERESSE) Ajudar?
Porque?

TIÃO CHEIROSO

Manoel Sinhô conhece muita gente importante!

MANOEL SINHÔ

(MANEIROSO) Não quero que pense que estou querendo me intrometer onde não devo! Mas tenho simpatia por nordestino! (SORRISO FRANCO) Principalmente, alagoano! Afinal de contas, uma recomendação é o mínimo que posso fazer!

ZÉ DO NORTE

Mas se não me conhece, como vai me recomendar? Não sei se devo aceitar uma coisa dessa!

MANOEL SINHÔ

(AFÁVEL) Gente direita se conhece logo! Quero lhe oferecer uma cerveja, para comemorar sua chegada!

ZÉ DO NORTE

(INDECISO) Precisa não! Tenho de ajudar na arrumação da casa!

MANOEL SINHÔ

(ESBANJANDO GENTILEZA) Ora, venha! A despesa é minha! O senhor precisa de trabalho e é conversando que se entende!

ZÉ DO NORTE

Se o senhor insiste! (OS TRÊS SE AFASTAM, SOBEM O BARRANCO, ATRAVESSAM A RUA E DESAPARECEM NO INTERIOR DO SOBRADO. DONA ROSA, DESCONFIADA, CHEGA À PORTA E OBSERVA SILENCIOSAMENTE OS HOMENS SE AFASTANDO.

NESTE INSTANTE, LUCINHA E CREUSA IRROMPEM ÀS CARREIRAS PORTA À FORA. CREUSA, A MAIS JOVEM, BUSCA ARREBATAR DAS MÃOS DA IRMÃ, UMA FOLHA DE PAPEL. LUCINHA RI, DESCONTRAIIDAMENTE, ENQUANTO SE ESQUIVA, GIRANDO EM TORNO DE DONA ROSA QUE, IMPOTENTE PARA CONTER A BRINCADEIRA DAS FILHAS, ESBRAVEJA).

DONA ROSA

Parem com isso! Lucinha! Creusa! Já disse, tenham modos!

CREUSA

(CONTRARIADA E AFLITA) Me entregue a carta!

LUCINHA

Venha buscar! (ESQUIVA-SE DA IRMÃ QUE, EM VÃO, BUSCA REAVER A CARTA).

CREUSA

Me entregue o papel, sua metida!

DONA ROSA

(REPREENDENDO AS FILHAS) Coisa bonita! Mal chegam e já estão mostrando as unhas! Querem que a vizinhança pense que são mal educadas? (LUCINHA OBEDECE E DEIXA A IRMÃ ARREBATAR-LHE O PAPEL AMASSADO DAS MÃOS) Que papel é esse, Creusa?

CREUSA

Nada, mãe! (A MENINA, DE POSSE DO PAPEL, RETORNA, ÀS CARREIRAS. AO PASSAR PELA PORTA, CRUZA COM MARILI).

MARILI

(ASSUSTADA, DESVIANDO-SE DA IRMÃ) Ficou maluca?

DONA ROSA

(PARA LUCINHA) Que papel era aquele?

LUCINHA

Uma carta!

DONA ROSA

Carta?

LUCINHA

Para o namorado!

DONA ROSA

Namorado?

LUCINHA

Que ela arranjou em Santana!

MARILI

(APROXIMANDO-SE) Por que não deixa a menina em paz?

DONA ROSA

Não sabia que tinha namorado!

LUCINHA

(PARA MARILI) Não acha que ela é criança para pensar nisso?

MARILI

Nunca namorou, na idade dela?

DONA ROSA

(PARA LUCINHA) Quem é o rapaz? (SILÊNCIO DAS FILHAS) Bom, já que vocês não dizem, ela mesma me contará essa estória! (SAI PARA O INTERIOR DO BARRACO. NA PORTA DO BAR, SURGE TIÃO CHEIROSO. O MALANDRO, AO NOTAR AS DUAS MOÇAS NO TERREIRO, ATRAVESSA A RUA E DELAS SE APROXIMA).

MARILI

(REPREENDENDO A IRMÃ) Por sua causa, a mãe agora vai azucrinar a cabeça da menina! Você é muito ruim, sabia?

TIÃO CHEIROSO

(INSINUANDO-SE) Alô, jovens! Por acaso interrompo assunto importante entre as duas lindas irmãs?

MARILI

(LUCINHA SORRI, MARILI BUSCA SER GENTIL) Não interrompe, não!

TIÃO CHEIROSO

(DESCENDO A ENCOSTA) Então poderemos conversar um pouquinho, não é verdade!

LUCINHA

O senhor não estava com pai? Onde ele ficou?

TIÃO CHEIROSO: No bar, com Manoel Sinhô! (PROCURANDO IMPRESSIONAR AS MOÇAS) Sabe, seu José é um homem de sorte! Manoel Sinhô gostou dele à primeira vista. Isso é bom sinal!

LUCINHA

Por que?

TIÃO CHEIROSO

Manoel Sinhô é pessoa influente! Conhece muitos figurões da alta roda! Se seu pai está precisando de trabalho, com a ajuda do Manoel Sinhô, isso será a coisa mais fácil do mundo!

MARILI

(FELIZ) Que bom, não é?

TIÃO CHEIROSO

(MOSTRANDO OS EDIFÍCIOS, EM BAIXO) Vocês ainda não conhecem a cidade, não é? Ainda não foram à praia! (AS JOVENS MOVIMENTAM NEGATIVAMENTE A CABEÇA) Gostariam de ir comigo um dia desses?

MARILI

Pai não ia deixar!

TIÃO CHEIROSO

Sou pessoa séria! De confiança! (SORRI) E solteiro!

LUCINHA

Bem que eu gostaria!

MARILI

Quem sabe, mais pra frente... Quando a gente se conhecer melhor! (ZÉ DO NORTE E MANOEL SINHÔ APARECEM À PORTA DO SOBRADO) Pai já está vindo! Vou ter de entrar! Até logo!

TIÃO CHEIROSO

Quando poderei vê-la de novo?

MARILI

Breve! (VAI RETIRAR-SE. VOLTA-SE, COM UM SORRISO)
Amanhã, está bem? (ZÉ DO NORTE SE DESPEDE DE MANOEL
SINHÔ E RETORNA AO BARRACO. TIÃO CHEIROSO SOBE O
BARRANCO E AMBOS SE ENCONTRAM NO MEIO DA RUA. AS
MENINAS ENTRAM EM CASA. DONA ROSA ESTÁ ARRUMANDO A
SALA, QUANDO AS FILHAS ATRAVESSAM A CENA. A VOZ FORTE
DA MÃE AS FAZ PARAR).

DONA ROSA

Esperem! (AS MOÇAS VOLTAM-SE. LÁ FORA, TIÃO
CHEIROSO CUMPRIMENTA ZÉ DO NORTE).

TIÃO CHEIROSO

Foi um prazer conhecer o senhor! (APERTAM AS MÃOS.
AMBOS SE AFASTAM. TIÃO CHEIROSO SEGUE RUA À FORA,
DESAPARECENDO PELA ESQUERDA MÉDIA. ZÉ DO NORTE DESCE
O BARRANCO E SE PROJETA NO TERREIRO DA RESIDÊNCIA).

MARILI

Diga o que é mãe!

DONA ROSA

Aquele rapaz!

LUCINHA

Que tem ele?

DONA ROSA

Não me pareceu boa coisa!

MARILI

(REAGINDO) Ora!

DONA ROSA

Estava toda derretida!

LUCINHA

(BRINCALHONA) O cheiroso gamou na Marili!

MARILI

(PARA A IRMÃ) Deixe de dizer besteira!

LUCINHA

Não é verdade? (INTENCIONAL) Até convidou você para conhecer a cidade!

MARILI

(ABORRECIDA) Qualquer dia a sua língua cai da boca!
(SAI, ACOMPANHADA POR LUCINHA).

DONA ROSA

(GRITANDO) Tenham cuidado na vida!

ZÉ DO NORTE

(APARECENDO) Cuidado com o que?

DONA ROSA

(DESCONVERSANDO) Nada demais!

ZÉ DO NORTE

Estava repreendendo as meninas!

DONA ROSA

Não gostei da prosa daquele conversador!

ZÉ DO NORTE

É moço muito educado!

DONA ROSA

Que tanto conversava com o dono do bar?

ZÉ DO NORTE

(COM ENTUSIASMO) O homem é prestativo! Disse que poderia me arranjar trabalho, se eu estivesse precisando!

DONA ROSA

(UM CERTO TOM DE MOFA) Precisando?

ZÉ DO NORTE

Agradei. Falei que tinha uma coisa em vista!

DONA ROSA

E tem?

ZÉ DO NORTE

Não!

DONA ROSA

E por que recusou?

ZÉ DO NORTE

Não fica bem aceitar favor de quem a gente não conhece!

DONA ROSA

É esse o motivo?

ZÉ DO NORTE

Sabe o que é, Rosa! Esmola grande, cego desconfia! Sei lá... Ficou tão cheio de chove não molha... Sem querer dizer que serviço era...

DONA ROSA

É, meu velho... Se você ficou desconfiado, é porque não ia dar certo mesmo!

ZÉ DO NORTE

(PENSATIVO) Pode ser cisma de sertanejo, coisa de bicho do mato!

DONA ROSA

Fiz um cafezinho, você quer?

ZÉ DO NORTE

Quero! (DONA ROSA APANHA A CHALEIRA E UMA XÍCARA E SERVE O CAFÉ AO MARIDO. SENTA-SE AO LADO DELE, EM SILÊNCIO. TRANSPARECEM EM SEU ROSTO SINAIS DE PREOCUPAÇÃO. NO QUARTO DA ÁGUA FURTADA SURGE MARILI. A MOÇA SENTA-SE NA CAMA E COMEÇA A ARRUMAR OS CABELOS. CREUSA IRROMPE NO QUARTO, MOSTRANDO UM PAPEL À IRMÃ).

CREUSA

Quer me corrigir esta carta?

MARILI

Para o namorado?

CREUSA

Para quem mais poderia ser?

MARILI

De que adianta, se não as coloca no correio?

CREUSA

Estou juntando as cartas que escrevo! Quando puder, remeto todas no mesmo dia! Meu namorado vai ter muito o que ler!

MARILI

(RECEBENDO O PAPEL. EXAMINA-O DETIDAMENTE. EM BAIXO, DONA ROSA SE LEVANTA E APANHA A CHALEIRA) Deixe ver!

ZÉ DO NORTE

Um pouquinho! (DONA ROSA TORNA A ENCHER A XÍCARA) Amanhã cedo vou descer a cidade! Onde houver construção pelo caminho, vou visitando. Numa delas, com certeza, acharei trabalho!

DONA ROSA

Deus queira!

MARILI

(APÓS EXAMINAR A CARTA ESCRITA PELA IRMÃ) TEM UMA PORÇÃO DE ERROS, MAS ESTÁ BONITA! (APANHA A CANETA E SE PÕE A REDIGIR) Depois você passa a limpo!

DONA ROSA

(LEVANTANDO-SE) Por que não vai descansar agora? Amanhã será um dia muito cansativo!

ZÉ DO NORTE

Vou fumar um pouco! Matutar sobre a vida! Depois descanso! (DONA ROSA SAI DE CENA, DEIXANDO O MARIDO ENVOLTO EM PENSAMENTOS).

CREUSA

(RECEBENDO O PAPEL) Obrigada! (EXAMINA A CARTA, DEPOIS ENCARA A IRMÃ, EXCLAMANDO DE CHOFRE) Sabe, eu gosto muito de você! (MARILI SORRI CHEIA DE TERNURA.

CREUSA TORNA-SE SÉRIA DE REPENTE) Acho que gamou naquele perfumado, não foi?

MARILI

(ASSUSTADA) Por que pergunta isso?

CREUSA

Responda!

MARILI

(Gesticula afirmativamente) Gostei dele!

CREUSA

(DESAPONTADA) Você merece coisa melhor! (SAI ABRUPTAMENTE).

A cena escurece. Quando o palco torna a iluminar-se, a cena é noturna. O céu, cheio de estrelas, confunde-se com o morro, onde as luzes bruxelantes dos barracos parecem igualmente estrelas salpicando o morro. Na rua, há movimentação de homens e prostitutas. Uma melodia romântica ecoa. A música é aquela normalmente tocada em casas de prostituição. O bar está fechado, mas as janelas do

primeiro andar encontram-se abertas e iluminadas com lâmpadas vermelhas. Um casal se abraça e se beija na calçada do sobrado. O barraco de Zé do Norte está às escuras. Algumas pessoas, entre elas Tião Cheiroso, aproximam-se acompanhadas de alguém que traz um violão sobre o ombro. Todos se sentam no barranco que dá para o terreiro do barraco e ali passam a entoar uma canção apaixonada. Neste momento, a água furtada se ilumina. Marili, que estava deitada, levantara-se e acendera a luz. Observa fascinada, a cantoria dos boêmios notívagos. Reconhece Tião Cheiroso entre eles. O rapaz, tendo observado a janela do quarto de Marili entreaberta, busca destacar-se. Acena para a jovem. Neste momento, Creusa acorda, levanta-se e vai à janela. Postando-se ao lado da irmã.

CREUSA

É ele, Marili! Está acenando para cá! Vamos abrir bem a janela!

MARILI

(IMPEDINDO) Não, ficou maluca?

CREUSA

Ele já notou que você está olhando, sua boba! Gostou dele, não gostou?

MARILI

Não sei!

CREUSA

Ele é bonito!

MARILI

Você disse que não ia com a cara dele!

CREUSA

Mudei de opinião!

MARILI

Vá dormir! Vá!

CREUSA

(ABRE BEM A JANELA, MOSTRANDO-SE, JUNTAMENTE COM MARILI) Ele está acenando! (MARILI RESPONDE,

TIMIDAMENTE, AO ACENO. DO TERREIRO, TIÃO CHEIROSO CHAMA-A COM UM GESTO) Ele está chamando você! Por que não vai lá em baixo?

MARILI

Endoidou, foi? Se pai souber me mata! (AFASTA-SE DA JANELA E SENTA-SE NA CAMA).

CREUSA

Ele está dormindo!

MARILI

(SORRI) Por mim, até que eu iria!

CREUSA

Então vá!

MARILI

Guarda segredo?

CREUSA

Não confia em mim?

MARILI

Confio, mas...

CREUSA

Juro por Deus! (CARINHOSA) Você corrige as minhas cartas! Não diz que sou criança para namorar! Por isso, gosto de você. Agora, se não confia em mim, o problema é seu!

MARILI

(ACARICIA O ROSTO DA IRMÃ) Está bem. Vou falar com ele, não demoro!

CREUSA

Eu fico vigiando! Qualquer coisa, faço um sinal!

Marili desce pé ante pé, passa pela sala, abre a porta e sai. Tião Cheiroso corre ao encontro dela. O grupo se dispersa. O violonista põe-se, na esquina do sobrado, a dedilhar seu violão. O casal fica sozinho, no terreiro. Da água furtada, Creusa observa discretamente. Súbito, Lucinha aparece no quarto. Ao notar-lhe a presença, Creusa fecha rapidamente a janela. Lucinha deixa aflorar um riso malicioso e se aproxima de Creusa.

LUCINHA

Ouvi toda conversa! (PARA CREUSA) Abra a janela!

CREUSA

Não! Vá embora!

LUCINHA

Só se for para acordar o pai!

CREUSA

Você não faria isso

LUCINHA

Duvida?

CREUSA

Não vai acordar ninguém!

LUCINHA

Então, abra a janela! (CREUSA NÃO ATENDE. LUCINHA EMPURRA A IRMÃ QUE SE COLOCARA À FRENTE, E DESCERRA A JANELA. OLHA MARILI E TIÃO CHEIROSO, AO PÉ DA ESCADINHA

CAVADA NO BARRANCO, CONVERSANDO, CADA VEZ COM MAIS INTIMIDADE).

TIÃO CHEIROSO

Que bom você ter descido!

MARILI

Não vou demorar! É arriscado! (TIÃO CHEIROSO ENLAÇA MARILI E DÁ-LHE UM BEIJO. A PRINCÍPIO, A MOÇA RELUTA, MAS LOGO SE ENTREGA).

LUCINHA

(EXCITADA) Estão se beijando, olha só!

CREUSA

(AFLITA) Vá embora! Deixe ela em paz!

LUCINHA

Tão pequena e tão alcoviteira! É porque Marili corrige suas cartas? (PROVOCANDO-A) Bobagem! Você não tem namorado, mesmo! Sei que é fantasia!

CREUSA

(REAGINDO) Tenho namorado, sim senhora! Um dia ele vem me buscar!

LUCINHA

(RISO DE GALHOFA) Nem sequer sabe o que é um beijo!
(OLHA PELA JANELA. VOLTA-SE, ARRASTA A IRMÃ PELO BRAÇO E MOSTRA) Veja como um namorado de verdade faz com a namorada! Ele colocou a mão entre as pernas de Marili!

CREUSA

(DESESPERADA) Pare com isso!

LUCINHA

(EXCITADA, SENTA-SE NA CAMA) Vem olhar!

CREUSA

(PROCURA FECHAR A JANELA) Deixe ela em paz, sua peste! Deixe ela em paz!

LUCINHA

(ZOMBANDO DA IRMÃ) Menina boba! Não acredito que

tenha namorado! (DESNUDA OS SEIOS E MOSTRA A IRMÃ)
MULHER, SOU EU! OLHA! NÃO TEM INVEJA? (EM TOM DE
MÚSICA) Menina boba, nem peito tem!

Creusa sai, em prantos. Lá fora, o casal avança em caricias, enquanto Lucinha, na água furtada, assiste à cena. As luzes se apagam em resistência. Quando o palco volta a iluminar-se, é dia e Dona Rosa está no terreiro, lavando a roupa, que é estendida em varais no canto do palco. Manoel Sinhô sai do armazém, atravessa a rua e se aproxima do terreiro. Cumprimenta a mulher.

MANOEL SINHÔ

Bom dia!

DONA ROSA

(PARANDO O TRABALHO) Bom dia

MANOEL SINHÔ

Seu Zé está em casa?

DONA ROSA

Saiu!

MANOEL SINHÔ

Que pena!

DONA ROSA

Queria falar com ele?

MANOEL SINHÔ

Conversar um pouco!

DONA ROSA

Foi à cidade, procurar trabalho!

MANOEL SINHÔ

Parece que ele não levou a sério o meu oferecimento!

DONA ROSA

Zé ficou agradecido!

MANOEL SINHÔ

E porque não aceitou a minha ajuda?

DONA ROSA

(CORDIAL) Acanhamento! Ele é assim mesmo! Estava conhecendo o senhor naquele momento... Não ficava bem tirar proveito!

MANOEL SINHÔ

Entendo! “Seu” Zé é uma pessoa séria!

DONA ROSA

É sim senhor! Cheio de cerimônia! Também fiquei agradecida!

MANOEL SINHÔ

(DESCENDO A ENCOSTA ATÉ O TERREIRO) Escute, dona Rosa, eu não sou daqui, sei o quanto é duro a gente se encontrar, de repente, num lugar estranho, sem ter ninguém conhecido em que possa se apoiar num momento de dificuldade!

DONA ROSA

É verdade!

MANOEL SINHÔ

A intenção foi somente ajudar! A senhora compreende. Cidade grande é assim mesmo... Vá que o seu marido não encontre logo trabalho... O meu oferecimento continua de pé!

DONA ROSA

(PARA O SERVIÇO PARA DAR MELHOR ATENÇÃO) Sim, senhor!

MANOEL SINHÔ

O que eu quero dizer, é que a senhora não se deixe passar privação! (MUDANDO O RUMO DO ASSUNTO) Trabalhei bastante tempo nas salinas do Rio Grande do Norte. Areia Branca é a cidade onde nasci. Pois bem... Quando cheguei aqui, sofri muito até estabilizar a vida. Fiz uma porção de coisas! Foram seis longos anos, até eu me arrumar como cambista de jogo do bicho.

DONA ROSA

A vida é muito difícil mesmo!

MANOEL SINHÔ

Mas a gente sobrevive! Quebra a cabeça aqui, quebra a cabeça ali, um dia acerta! (APROXIMA-SE DA MULHER E SENTA-SE NA BORDA DO TANQUE) O jogo do bicho abriu meus caminhos! Somente agora mudei de ramo!

DONA ROSA

Onde morava, o Jogo do bicho era proibido!

MANOEL SINHÔ

(ANIMADO) Aqui também é! Mas a certas coisas proibidas que as autoridades fecham os olhos! Sabe porquê? Pelo benefício que trazem à população! Jogo do bicho é uma delas!

DONA ROSA

Me desculpe, mas que benefício pode trazer o Jogo do bicho?

MANOEL SINHÔ

Emprego! São milhares de famílias que vivem do Jogo do bicho! Até a polícia também tira a sua parte!

DONA ROSA

(ESPANTADA) Verdade?

MANOEL SINHÔ

Quando comecei, era só a banca num pé de escada! Aí, juntei dinheiro e comprei este bar! Mas, pra ser sincero... A gente sempre precisa de alguém que dê a mão! No meu caso, o Conde me ajudou muito!

DONA ROSA

Conde?

MANOEL SINHÔ

Compadre Conde tem muitas boates, aqui em São Paulo, mas o jogo do bicho é o forte dele! Pra falar a verdade, não sou dono por inteiro desse negócio, apenas meeiro! Em compensação, não me preocupo com crédito, fornecedores de bebida... E o que é mais importante... segurança!

DONA ROSA

O senhor Conde deve ser muito bom para o senhor!

MANOEL SINHÔ

(ENTUSIASMADO) Um pai! (SOLENE) Era o Conde, a pessoa a quem eu pretendia recomendar o “seu” Zé! Ele dá muito valor a nordestino, sabe? (LUCINHA APARECE, VINDO DO INTERIOR DA CASA E, SORRATEIRAMENTE, PÕE-SE A ESCUTAR A CONVERSA) Algumas pessoas tem certo preconceito comigo, por causa do meu negócio!

DONA ROSA

(DESCONFIADA) Preconceito, porque?

MANOEL SINHÔ

A senhora sabe... A minha boate é uma casa de mulheres...

DONA ROSA

(SEM ENTENDER) De mulheres?

MANOEL SINHÔ

Prostituição! É como se diz... É isso!

DONA ROSA

(FAZ O SINAL DA CRUZ) Ave Maria!

MANOEL SINHÔ

É um negócio que vem desde o começo do mundo! Coisa desconsiderada! Mas, como o jogo do bicho, só traz benefícios!

DONA ROSA

(NA DEFENSIVA) O senhor me desculpe, mas não sei que benefício pode trazer! Além do mais, é um pecado!

MANOEL SINHÔ

Pecado que Jesus perdoou, Dona Rosa, não é mais pecado! Se lembra de Madalena!

DONA ROSA

Quem sou eu pra julgar ninguém!

MANOEL SINHÔ

Não vê as mulheres que frequentam a minha boate? As mais equilibradas têm carro, apartamento na cidade... E conta bancária!

DONA ROSA

(IMPACIENTE) É?

MANOEL SINHÔ

Pra senhora ver como são as coisas!

DONA ROSA

(PROCURANDO LIVRAR-SE DA CONVERSA INCONVENIENTE) O senhor me desculpe, seu Manoel, a prosa está boa, mas tenho que entrar! Vou cuidar do almoço!

MANOEL SINHÔ

Não queria tomar seu tempo, Dona Rosa! (VAI RETIRAR-SE) Olhe, não se esqueça, a minha atividade pode não ser lá muito honesta, mas o meu oferecimento é! Não se acanhe, ouviu? Qualquer coisa, estou às ordens!

DONA ROSA

Obrigada! (MANOEL SINHÔ VAI EMBORA, DESAPARECENDO DE CENA PELO INTERIOR DO SOBRADO. DONA ROSA, AO APROXIMAR-SE DA PORTA DO BARRACO, DEFRONTA-SE COM LUCINHA) Que está fazendo aqui?

LUCINHA

(CÍNICA) Ouvindo a conversa! (DONA ROSA VAI EM FRENTE, PASSA PELA FILHA E SE PRECIPITA NO INTERIOR DO BARRACO. LUCINHA SEGUE OS PASSOS DA MÃE) Quer dizer que toda mulher que trabalha na boate tem carro, apartamento próprio e dinheiro no banco? (MARILI E CREUSA APARECEM NA SALA).

DONA ROSA

(QUE FINGIU NÃO OUVIR AS PALAVRAS DE LUCINHA, DIRIGE-SE A CREUSA E A MARILI) Onde vocês vão?

MARILI

Descer a ladeira! Conhecer um pouco a redondeza!

DONA ROSA

Não se afastem muito!

CREUSA

A gente não demora. Quero somente ver onde fica a agência dos correios!

DONA ROSA

Vai colocar alguma carta?

CREUSA

Só para saber onde é!

DONA ROSA

Cuidado na vida! Vocês não estão em Alagoas! Não deem conversa a ninguém, ouviram? (AS MOÇAS SAEM AO TERREIRO. LUCINHA INTERCEPTA A PASSAGEM DE MARILI).

LUCINHA

Como foi ontem à noite? Divertiu-se muito?

MARILI

(SEM SE PERTURBAR) Bastante!

LUCINHA

Vi tudo pela janela! Você parecia uma prostituta!

MARILI

(CONTENDO-SE) E você morrendo de inveja!

CREUSA

(AFLITA) Vamos embora!

LUCINHA

Posso saber onde vão?

CREUSA

Você é surda? Aos correios!

LUCINHA

(ATACANDO) Já tem dinheiro? Está progredindo, Marili!
Foi o pagamento de ontem? Logo terá carro e apartamento!

MARILI

(AFASTA-SE NUM ROMPANTE) Por que você não fecha a
latrina da sua boca?

LUCINHA

Como conseguiu dinheiro? Diga!

CREUSA

(AFLITA) Ninguém tem dinheiro, idiota! A gente só vai dar um passeio!

LUCINHA

(IRÔNICA) Passeio!

MARILI

(JÁ NO MEIO DA RUA) Vamos, Creusa! Não dê conversa a ela! (CREUSA DEIXA LUCINHA E SEGUE AO ENCONTRO DE MARILI. SOBE OS DEGRAUS DO BARRANCO. AS DUAS IRMÃS DESAPARECEM DE CENA, DESCENDO A ESTREITA LADEIRA. LUCINHA FICA OLHANDO A DIREÇÃO QUE AMBAS TOMARAM).

LUCINHA

Presunçosa! Só porque é mais velha! Se pai soubesse o que ela fez ontem à noite, esta casa vinha a baixo!

DONA ROSA

(QUE SAÍRA AO TERREIRO A TEMPO DE OUVIR AS ÚLTIMAS PALAVRAS PROFERIDAS PELA FILHA) Que aconteceu ontem à noite?

LUCINHA

(ASSUSTADA) Nada, mãe!

DONA ROSA

O que está escondendo?

LUCINHA

Não aconteceu nada!

DONA ROSA

Pensa que sou surda? Que não ouvi você resmungando?

LUCINHA

A senhora está escutando demais! (VAI PARA O INTERIOR DA CASA).

DONA ROSA

(SEGUINDO A FILHA) O que foi que Marili fez ontem a noite de tão mal assim? (IRRITADA) Estou falando com você!

LUCINHA

(VOLTANDO-SE) Já disse que nada! A gente brigou!

DONA ROSA

Não estou gostando de seus modos! (LUCINHA VAI SAIR QUANDO DONA ROSA A INTERROMPE) Ainda não terminei! (A MOÇA VIRA-SE MAIS UMA VEZ, COM IMPACIÊNCIA) Porque se comporta dessa maneira? O que está acontecendo?

LUCINHA

(TENTA DISSIMULAR) Marili se julga muito importante. Só me olha por cima dos ombros! (DÁ DE OMBRO) Não gosto disso!

Ouvem-se estampidos de tiros e vozes aflitas vinda da rua. Pessoas passam, apressadas, atravessando a cena de um lado para o outro. No sobrado, algumas mulheres aparecem nas janelas. Manoel Sinhô chega à calçada. Retorna ao interior do sobrado, fechando, a seguir, as portas do estabelecimento. Um moço vestido de calção e sujo de sangue transpõe a rua, a correr, desaparecendo pela direita. Portando armas, policiais seguem em perseguição dele. Neste instante Manoel Sinhô abre uma das portas do sobrado e grita para os policiais.

MANOEL SINHÔ

Por ali! Correu naquela direção! (OS POLICIAIS ACENAM PARA MANOEL SINHÔ, SAINDO PELA DIREITA. CURIOSOS COMEÇAM A SE REUNIR E DEPOIS SE DISPERSAM. LUCINHA CHEGA APRESSADA AO BARRANCO. MANOEL SINHÔ ATRAVESSA A RUA E SE DIRIGE À JOVEM).

LUCINHA

Quem é ele?

MANOEL SINHÔ

Um bandido!

LUCINHA

Será que os policiais vão conseguir?

MANOEL SINHÔ

Difícilmente o safado escapa dessa!

DONA ROSA

(GRITA PARA LUCINHA) Lucinha, venha pra dentro! (A JOVEM OBEDECE, RETORNANDO AO TERREIRO).

LUCINHA

(IMPRESSIONADA) Coitado! Ele vai morrer, mãe! Tão moço! (VAI PARA DENTRO DE CASA. MANOEL SINHÔ, DO MEIO DA RUA, FALA PARA DONA ROSA).

MANOEL SINHÔ

Espero que não tenha se assustado!

DONA ROSA

Me assustou mesmo! (RETORNA À CASA. MANOEL SINHÔ E ALGUNS CURIOSOS ESTÃO AINDA NO MEIO DA RUA, QUANDO OS POLICIAIS RETORNAM. DIANTE DE MANOEL SINHÔ).

MANOEL SINHÔ

Não encontraram o bandido? Deve ter descido o barranco! Vão cercar lá em baixo, que encontram com ele! (OS POLICIAIS DESCEM LIGEIRAS, A LADEIRA, SAINDO DE CENA. EM SEGUNDOS, TUDO ESTÁ NOVAMENTE DESERTO. MANOEL SINHÔ RETORNA AO INTERIOR DO SOBRADO. AS MULHERES QUE SAÍRAM ÀS JANELAS, DELAS SE AFASTAM. NA CASA DE ZÉ DO NORTE, LUCINHA SENTA-SE NUM TAMBORETE, PENSATIVA,

ENQUANTO DONA ROSA OCUPA-SE EM ARRUMAR ALGUNS
OBJETOS).

LUCINHA

Ele era tão bonito!

DONA ROSA

Ele quem?

LUCINHA

O bandido!

DONA ROSA

Ora!

LUCINHA

O que teria feito de errado, pra polícia querer ele morto?

DONA ROSA

Quem sabe! Neste mundo, a gente colhe o que planta!

LUCINHA

(PREOCUPADA) Quando passou correndo, houve um instante em que julguei que olhou pra mim! Foi tão rápido... e, no entanto o rosto dele ainda está na minha lembrança!

DONA ROSA

É melhor você esquecer isso! Vai ficar impressionada!
(LUCINHA SAI. DONA ROSA PERMANECE NO MEMO LUGAR, OCUPADA COM SEUS AFAZERES. NA ÁGUA FURTADA, A JANELA É ABERTA À FORÇA. DE REPENTE, POR ELA ENTRA O MARGINAL, EMPUNHANDO UM REVÓLVER. QUASE NO MESMO INSTANTE, LUCINHA IRROMPE NO QUARTO. AO VER O MOÇO CAMBALEANTE À SUA FRENTE, ASSUSTA-SE, MAS NÃO REAGE. APAVORADA. QUER FUGIR, MAS ELE A IMPEDE).

VENTANIA

Nem uma palavra senão você morre!

LUCINHA

(ASSUSTADA) Eu não falo nada! Não falo nada! Prometo!

VENTANIA

Não quero fazer mal a ninguém! Somente me esconder!
Quando a noite chegar, me mando!

LUCINHA

Está bem! Mas, por favor não me machuque!

VENTANIA

Depende de você!

LUCINHA

(RECUPERANDO A CALMA) O senhor está sangrando
muito!

VENTANIA

(Senta-se na cama) Os covardes me balearam! (COM A
ARMA APONTADA PARA A JOVEM) Não é grave! Dessa eu
escapo!

LUCINHA

Posso chamar a mamãe? A gente faz um curativo!

VENTANIA

Quer me entregar, não é?

LUCINHA

Não, eu juro!

VENTANIA

Você não sai daqui! (SOLTA UM GEMIDO E DEIXA O CORPO TOMBAR SOBRE A CAMA. A MOÇA CORRE ATÉ JUNTO DELE. NÃO SABE O QUE FAZER, SE GRITA PEDINDO SOCORRO OU SE AJUDA O MARGINAL. CREUSA E MARILI APARECEM NA RUA, VINDAS NA DIREÇÃO DO BARRACO. AS MOÇAS DESCEM A ENCOSTA).

CREUSA

Mamãe! (DONA ROSA VAI AO ENCONTRO DAS FILHAS) A senhora viu? A polícia atirou num bandido, quase na nossa frente!

MARILI

(AINDA PERPLEXA) Foi horrível! Quase desmaiei!

DONA ROSA

(CENSURANDO) Se estivessem em casa, não teriam passado por esse vexame!

CREUSA

Ninguém podia adivinhar!

DONA ROSA

De hoje em diante, acho melhor não saírem sozinhas! A gente mora num local perigoso! (VENDO O BANDIDO DESACORDADO, LUCINHA DESCE ATÉ A SALA E CHAMA DISCRETAMENTE AS IRMÃS).

LUCINHA

Marili, Creusa! Quero mostrar uma coisa! (AS MENINAS SAEM DA SALA E SOBEM AO QUARTO. CREUSA E MARILI SE ASSUSTAM AO VER O HOMEM DESACORDADO).

CREUSA

(ASSUSTADA) Meu Deus! Que é isso?

MARILI

(APROXIMANDO-SE, CAUTELOSA) É o bandido!

LUCINHA

Precisa de ajuda! Está sangrando! Se a gente não fizer alguma coisa, ele morre!

MARILI

Nunca tratei ferimento de bala. Se fosse um corte. Mamãe pode ajudar! Vamos chama-la!

LUCINHA

Somente a gente deve saber disso! Mamãe pode estragar tudo! Se a polícia descobre, acaba de matar o coitado!

MARILI

E se ele morrer aqui? O que é que a gente vai fazer?

LUCINHA

(AFLITA) Ele não vai morrer!

MARILI

Não tem outro jeito! Vou avisar a mãe!

LUCINHA

(COMO UMA FERA) Você não vai. Se avisar a ela, eu conto ao pai o que aconteceu ontem à noite, entre você e o Cheiroso!

MARILI

Você não faria isso!

LUCINHA

(TRANSTORNADA) Então, se atreva!

MARILI

(RECUANDO) Está bem! Mas isso não está certo, ouviu? Você pode complicar a vida de todo mundo nesta casa!

LUCINHA

(DECIDIDA) Isso é problema meu!

MARILI

(ENCARA A IRMÃ, NUM BREVE SILÊNCIO. DIRIGINDO-SE A CREUSA) Vá lá embaixo e traga uma bacia. Se tiver álcool ou aguardente, traga também. Quero uma vasilha com água bem quente! (A MOÇA VAI SAIR) Espere! (CREUSA PARA E SE VOLTA) Se mãe tiver por perto e perguntar alguma coisa, diga que vamos fazer as unhas dos pés! Veja pra que ela não desconfie de nada!

LUCINHA

(COMPLETANDO A RECOMENDAÇÃO) Cuidado com a língua, ouviu? Se você botar tudo a perder, sua irmãzinha querida é quem vai pagar o pato! (CREUSA OLHA PARA LUCINHA EM SILÊNCIO, E SAI DE CENA).

MARILI

Arranje um pano limpo que sirva de atadura! (LUCINHA OBEDECE. DONA ROSA ESTÁ NO TERREIRO RECOLHENDO UMAS PEÇAS DE ROUPA NO VARAL. CREUSA APARECE NA SALA, APANHA A BACIA E UMA GARRAFA DE ÁLCOOL NA PRATELEIRA. VAI AO FOGÃO E DESPEJA O LÍQUIDO DA CHALEIRA NA BACIA. EM SEGUIDA, SAI DE CENA, LEVANDO A BACIA D'ÁGUA E A GARRAFA. DONA ROSA RETORNA À SALA E PÕE AS ROUPAS

SOBRE A MESA, NO MOMENTO EM QUE LUCINHA IRROMPE NO QUARTO. A MENINA COLOCA OS OBJETOS QUE TROUXE AO PÉ DA CAMA. MARILI SENTA-SE PERTO DO RAPAZ E, AJUDADA POR LUCINHA, RETIRA DELE A CAMISA ENSANGUENTADA. COM UM PANO MOLHADO, PASSA A LIMPAR O TÓRAX E O FERIMENTO DELE. O RAPAZ ESTREMECE, MAS CONTINUA DESACORDADO. A MULHER LOCALIZA O FERIMENTO. FALA COM CERTA EUFORIA) A bala atingiu o peito, quase de raspão, e saiu pelo outro lado. Parece que não é tão sério. Perdeu muito sangue, mas acho que não vai morrer por causa disso!

LUCINHA

Graças a Deus! (AMBAS COMEÇAM A FAZER O CURATIVO, ENVOLVENDO O PEITO DO BANDIDO COM FORTES ATADURAS, RASGADAS DO LENÇOL. AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Amanheceu. O cenário é o mesmo. Dona Rosa arruma a mesa para o café. Zé do Norte aparece em cena, vindo do interior da casa. Atravessa a sala de jantar e se dirige ao terreiro. Vai ao tanque e molha o rosto. Está sem camisa. Senta-se à mesa e serve-se de um pouco de café. Ergue-se, apanha a camisa e vai retirar-se.

DONA ROSA

Porque não come um pedaço de pão?

ZÉ DO NORTE

Basta café! É só pra tirar o amargo da boca!

DONA ROSA

Já vai descer?

ZÉ DO NORTE

Tenho de chegar cedo, se quiser o emprego!

DONA ROSA

É de certeza?

ZÉ DO NORTE

(INSEGURO) Tem uma pessoa na frente, mas o homem
foi com minha cara!

DONA ROSA

Deus queira!

ZÉ DO NORTE

(SOMENTE AGORA NOTANDO A AUSÊNCIA DAS FILHAS)
As meninas ainda estão dormindo?

DONA ROSA

Ainda!

ZÉ DO NORTE

Notou o silêncio que fizeram esta noite?

DONA ROSA

Deve ter sido ainda o cansaço da viagem, o susto de

ontem! Um homem foi baleado quase em frente a nossa casa e elas viram tudo!

ZÉ DO NORTE

Elas não devem bater perna por aí! Tem muita gente perversa neste mundo!

DONA ROSA

(ANIMANDO O MARIDO) Vá procurar seu emprego! Das nossas filhas, cuido eu! (Acompanha o marido até o terreiro).

ZÉ DO NORTE

Até logo minha velha! Continue rezando para que eu tenha sorte!

DONA ROSA

Deus o proteja! (ACENA PARA O MARIDO, QUE SOBE A ENCOSTA E DESAPARECE ESTRADA À FORA. LUCINHA IRROMPE NA SALA. APRESSADAMENTE, ENCHE A CANECA DE CAFÉ, PEGA UM PEDAÇO DE PÃO E RETORNA AO QUARTO. NESTE EXATO MOMENTO, ROSA VOLTA AO INTERIOR DA CASA. A MULHER SENTA-SE, ESPALHA SOBRE A MESA O RESTO DO FEIJÃO QUE TEM NUMA LATA E PÕE-SE A CATAR OS GRÃOS. ENQUANTO

ISSO, BEBE, VAGAROSAMENTE, O CAFÉ DE QUE ANTERIORMENTE SE SERVIRA. NA ÁGUA FURTADA, O BANDIDO CONTINUA DORMINDO. ESTÁ ENFAIXADO PELOS CURATIVOS FEITOS NA NOITE ANTERIOR. LUCINHA ADENTRA-SE, TRAZENDO CAFÉ E PÃO. COLOCA-OS SOBRE A MESINHA, JUNTO A CABECEIRA, E SE APROXIMA. VENTANIA DESPERTA, SUBITAMENTE. A MOÇA RECUA ASSUSTADA. O RAPAZ SENTA-SE NA CAMA. FICA EM SILÊNCIO POR ALGUNS SEGUNDOS, TENTANDO COMPREENDER A SITUAÇÃO, DEPOIS FALA).

VENTANIA

Amanheceu! Eu devia ter ido embora pela madrugada!
(OLHANDO OS CURATIVOS) Quem fez isso?

LUCINHA

Dormia tão tranquilo que tive pena de te acordar!

VENTANIA

(DESCONFIADO) Seus pais, onde estão?

LUCINHA

Eles não sabem de nada!

VENTANIA

Fala a verdade?

LUCINHA

Juro!

VENTANIA

(OLHANDO DETIDAMENTE A JOVEM) Coloquei minha vida nas suas mãos! Poderia ter me denunciado! Porque não o fez?

LUCINHA

Não queria que lhe acontecesse nenhum mal! Parecia tão fraco, desprotegido! O povo estava dizendo que é um bandido perigoso! (SORRI) Vendo você deitado, dependendo de mim... Parecia mais um menino grande! (DECIDIDA) Aí, eu resolvi proteger você!

VENTANIA

E se eu fosse perigoso mesmo?

LUCINHA

Naquele momento, não era! Foi o que valeu pra mim!

VENTANIA

Não cuidou sozinha dos meus ferimentos!

LUCINHA

Minhas irmãs me ajudaram! Marili tem mais prática do que eu. Foi quem fez os curativos!

VENTANIA

Marili?

LUCINHA

É a mais velha! Creusa a caçula, vai fazer quinze anos!

VENTANIA

(PREOCUPADO) Onde elas estão?

LUCINHA

Dormindo! Ficamos acordada a noite toda. Não tenha cuidado! Está seguro aqui! Quando anoitecer, poderá ir embora.

Pai foi procurar trabalho e mãe nunca sobe! São as escadas, sabe? Fica muito cansativo pra ela!

VENTANIA

Estou agradecido, sabe? Agradecido mesmo! Se os tiras me pegassem, eu não chegaria vivo na delegacia! A intenção deles era me apagar! Sabe como é... Queima de arquivo! Sei de coisas... Está entendendo?

LUCINHA

Não entendo dessas coisas. Mas não precisa explicar! (SORRI, DESLUMBRADA) Quando você estava correndo da polícia para este lado, meu olhar se encontrou com o seu! Aí, eu pensei, ele não pode ser tão mal! Uma pessoa que tem um olhar daquele não pode ser tão bandido!

VENTANIA

Não se iluda! Não sou santo! Sou bandido mesmo, mas por sobrevivência! Claro, eu não lhe causaria mal, entende? Principalmente, depois do que fez comigo!

LUCINHA

(SORRIDENTE) Eu sei! Parece até que sempre soube...
Mesmo antes de conhecer você!

VENTANIA

(ENCARA A JOVEM, EM SILÊNCIO) Pois então, quero
saber da sua vida... De onde vem...

LUCINHA

Não tenho muito o que dizer! Eu e minha família estamos
chegando do Nordeste. Conhece Alagoas?

VENTANIA

Não! Ficam sempre sozinhas em casa?

LUCINHA

É o jeito!

VENTANIA

Tranco um negócio por aí, sabe? Não muito legal! A
polícia sempre fechou os olhos, mas de uns tempos pra cá,

passou a dar em cima! Eu engrosssei e pintou sujeira! Não posso ser visto.

LUCINHA

Que vai fazer, quando for embora?

VENTANIA

(SILÊNCIO) Desaparecer por uns tempos! Espera que o vento sopra mais brando!

CREUSA

(ENTRANDO COM MARILI) Está melhor?

MARILI

(REPREENDENDO A IRMÃ) Fale baixo! Parece uma arara!

VENTANIA

O ferimento não é sério, mas preciso procurar um médico! Pode infeccionar! O que vocês fizeram foi legal! Não vou me esquecer disso!

LUCINHA

Se houvesse um meio da gente ajudar...

VENTANIA

Tenho um amigo que trabalha perto daqui! Uma de vocês poderia avisar a ele onde estou!

LUCINHA

(EMBARAÇADA) A gente ainda não conhece nada nesta cidade! Nem ninguém! A única pessoa com quem se conversa, vez ou outra, é o Manoel Sinhô!

VENTANIA

Esse homem não vale nada! É pau mandado do Conde!

CREUSA

Quem é o conde?

VENTANIA

O manda chuva da área! Quem quiser viver em paz, por essas bandas de São Paulo, tem de pedir a benção ao Conde! Já trabalhei pra ele! Não gosto de ser capacho de ninguém, sabe!

Aí, cáí fora! Agora ele me persegue! Jurou que me mataria! A polícia daqui come na mão do desgraçado! (RESPIRA FUNDO) Mas eu não tenho medo. De vez em quando apareço no território dele, só pra mostrar que estou vivo! Foi esse calhorda do Manoel Sinhô que deu o serviço e botou a polícia em cima de mim.

LUCINHA

E ele manda na polícia?

VENTANIA

Muitos policiais estão na folha de pagamento do Conde. Manoel Sinhô é um dos testas de ferro do bicheiro! É o que dá força ao seu vizinho! Todo mundo sabe disso!

MARILI

Conhece o Tião?

VENTANIA

Quem?

CREUSA

O namorado de Marili! Ele poderia ajudar?

VENTANIA

(ERGUE-SE, DE SÚBITO) Contar alguma coisa a ele é mesmo que me entregar ao Conde! (PARA MARILI, AMEAÇADOR) Não vai fazer isso, não é?

MARILI

(ASSUSTADA) Não! Não vou! Fique calmo!

VENTANIA

(PARA CREUSA) A pessoa que conheço trabalha numa oficina perto dos correios! Não é difícil de achar!

CREUSA

Sei onde fica!

MARILI

(AINDA TRÊMULA) Ontem estivemos nos correios!

VENTANIA

A oficina fica na mesma rua. Tem uma placa bem grande, não há como errar! Você procura mestre Zuza, entrega o bilhete e espera a resposta!

CREUSA

Vou com Marili! (PARA A IRMÃ) Não é?

MARILI

(TENSA) Vai, sim!

CREUSA

E se mãe não deixar?

MARILI

A gente dá um jeito! (VAI A MESINHA E APANHA CANETA E PAPEL) Faça logo o bilhete, ande! (VENTANIA ESCREVE O BILHETE, ENTREGANDO-O, EM SEGUIDA, A MARILI).

VENTANIA

Cuidado pra que ninguém desconfie!

MARILI

Não tem perigo! (MARILI E CREUSA SAEM DO QUARTO. AO PASSAREM PELA SALA, SÃO INTERCEPTADAS POR DONA ROSA).

DONA ROSA

Onde vão?

CREUSA

Aos correios!

DONA ROSA

(TENTANDO IMPEDI-LAS) Seu pai recomendou que não batessem pernas por aí! Lembrem-se de ontem!

MARILI

Bobagem mãe! A gente volta logo! (SEM ESPERAR RESPOSTA, AS MOÇAS SOBEM O BARRANCO, DESAPARECENDO DE CENA).

DONA ROSA

(RESMUNGA) Estão muito soltas, essas meninas! (VOLTA A ESTENDER AS ROUPAS LAVADAS. ENQUANTO ISSO, NO QUARTO, VENTANIA MOSTRA EVIDENTES SINAIS DE CANSAÇO).

LUCINHA

Porque não dorme um pouco? Está fraco! Vou deixar

você só! (VAI SAIR, MAS O BANDIDO A IMPEDE).

VENTANIA

(INSEGURO) Não. Você não vai!

LUCINHA

Por que não confia em mim? Se quisesse lhe fazer mal, já teria feito! Acontece, que se eu não descer, é bem fácil a mãe ficar curiosa e subir. Aí, complica, não é?

VENTANIA

Veja o que vai fazer!

LUCINHA

Fico aborrecida com tanta desconfiança!

VENTANIA

Também gosto da sua companhia! Mas se precisar sair...

LUCINHA

Eu não demoro!

VENTANIA

(OLHANDO LUCINHA DETIDAMENTE) Sabe que é uma moça muito bonita?

LUCINHA

(CONTENTE) Você acha?

VENTANIA

De verdade!

LUCINHA

(RI) Você também é bonito! Só está abatido!

VENTANIA

Logo ficarei bom!

LUCINHA

(DEMONSTRANDO UMA CERTA TRISTEZA) Quando for embora, nunca mais vou encontrar você, não é?

VENTANIA

Gostaria de me ver outra vez?

LUCINHA

Gostaria!

VENTANIA

(SÉRIO E TRISTE) Não seria bom pra você!

LUCINHA

Por que? (ENVERGONHADA) É casado?

VENTANIA

Não!

LUCINHA

Tem alguma mulher na sua vida?

VENTANIA

Tive uma namorada, mas acabou!

LUCINHA

(ESPERANÇOSA) Fala sério?

VENTANIA

Sempre falo sério!

LUCINHA

Gostaria de se encontrar comigo outra vez?

VENTANIA

Se for do seu gosto!

LUCINHA

Claro que é do meu gosto! (SAI CORRENDO E DESAPARECE DE CENA. REAPARECE NO COMPARTIMENTO INFERIOR E SE PROJETA NO TERREIRO. APROXIMA-SE DE DONA ROSA. A MULHER SUSPENDE O SERVIÇO E SE DIRIGE A FILHA).

DONA ROSA

(ENXUGANDO AS MÃOS NO AVENTAL) Está com uma vidinha boa! Acordando ao meio dia!

LUCINHA

Estou doente!

DONA ROSA

É? Está pálida!

LUCINHA

Dormi quase nada!

DONA ROSA

O que aconteceu deve ter impressionado você! É isso!
(RETORNANDO AO TRABALHO) Suas irmãs não ligaram muito!
Estão batendo pernas na rua novamente!

LUCINHA

(DISSIMULANDO) Foram aos Correios?

DONA ROSA

Disseram! Mas essa estória está me cheirando a desculpa! Marili tem dado muita trela àquele tal de Cheiroso! Não gosto da cara dele! Tem jeito de aproveitador! Vai ver, os dois estão se encontrando. Mas o que está me aborrecendo mesmo, é ela usar a menina como alcoviteira!

LUCINHA

(DEFENDENDO VEEMENTEMENTE AS IRMÃS) A senhora também vê mal onde não existe! Marili não é moça de se encontrar escondido com namorado!

DONA ROSA

Está defendendo sua irmã? Que mudança! Só viviam se devorando, uma à outra!

LUCINHA

Também não é assim! (TIÃO CHEIROSO, SAI DO BAR E SE ENCAMINHA AO BARRACO. LUCINHA CHAMA IMEDIATAMENTE A ATENÇÃO DE DONA ROSA) Olhe lá na rua! O Tião Cheiroso está vindo para cá! Eu tinha razão, ou não tinha?

DONA ROSA

(OLHA O MOÇO QUE SE APROXIMA) Sei não... Alguma coisa me diz que tem coelho nesse mato!

TIÃO CHEIROSO

Bom dia!

DONA ROSA

(COM MÁ VONTADE) Bom dia!

TIÃO CHEIROSO

(QUERENDO SER AGRADÁVEL) Está se estafando, Dona Rosa! Que mulher trabalhadora!

DONA ROSA

Vida de pobre é essa mesmo!

TIÃO CHEIROSO

Marili está em casa?

DONA ROSA

Saiu!

TIÃO CHEIROSO

Foi à cidade com seu marido?

LUCINHA

(MENTINDO) Foi, sim senhor!

DONA ROSA

Não é verdade! Zé saiu logo cedo! Foi ver uma promessa de emprego! As meninas foram aos correios!

TIÃO CHEIROSO

Que coincidência! Eu ia mesmo descer o morro! Talvez me encontre com elas no caminho! (VAI SAIR, QUANDO LUCINHA O INTERPELA).

LUCINHA

(ANSIOSA) Espere! Faz tempo que desceram! Não devem demorar!

TIÃO CHEIROSO

Infelizmente tenho um compromisso! Até breve! (VAI RETIRAR-SE. MANOEL SINHÔ CHEGA À PORTA DO BAR E ACENA PARA TIÃO. O RAPAZ SEGUE AO ENCONTRO DELE).

LUCINHA

(PARA A MÃE) Não devia ter dito onde elas foram!

DONA ROSA

Que tem isso?

LUCINHA

Disse nesse instante que não simpatiza com o rapaz! Que não gosta que Marili se encontre com ele? Não entendo a senhora!

DONA ROSA

Gosto da verdade! Gente mentirosa pra mim não tem valor!

LUCINHA

Essa não!

DONA ROSA

(IMPACIENTE) Deixe de conversa mole, e vá olhar o feijão que está no fogo! (LUCINHA RETORNA, APRESSADAMENTE, AO INTERIOR DA CASA. EXAMINA A PANELA. NA RUA, MANOEL SINHÔ CONVERSA COM TIÃO CHEIROSO).

MANOEL SINHÔ

Vai à cidade?

TIÃO CHEIROSO

Vou.

MANOEL SINHÔ

Tenho uma palavrinha pra trocar com você!

TIÃO CHEIROSO

Pois não!

MANOEL SINHÔ

Preciso saber de uma coisa!

TIÃO CHEIROSO

É só perguntar!

MANOEL SINHÔ

(ENCARANDO-O SERIAMENTE) Quero que me diga a verdade! É sobre as filhas do nordestino!

TIÃO CHEIROSO

Que tem elas?

MANOEL SINHÔ

Já comeu alguma?

TIÃO CHEIROSO

Está duvidando da minha competência?

MANOEL SINHÔ

Era virgem?

TIÃO CHEIROSO

Não vai acreditar!

MANOEL SINHÔ

Fale! Era virgem?

TIÃO CHEIROSO

Completamente!

MANOEL SINHÔ

(ENTUSIASMADO) No primeiro dia! (BATE CORDIALMENTE NO OMBRO DE TIÃO) Cabaço arrancado no primeiro dia de papo! Sensacional! Logo teremos carne fresca no açougue! (TRANSIÇÃO) E as outras duas?

TIÃO CHEIROSO

Vamos devagar! Uma delas vai fazer quinze anos!

MANOEL SINHÔ

Conheço menina de doze que já pariu! (COM UM SORRISO MALICIOSO NOS LÁBIOS) Mercadoria nessa idade é que tem valor!

TIÃO CHEIROSO

Dê um tempo! O pessoal mal acabou de chegar!

MANOEL SINHÔ

Está diferente! Será que a nordestina mexeu com o seu coração?

TIÃO CHEIROSO

A conversa está boa, mas preciso descer a ladeira!
(CÍNICO) Minha futura noiva foi aos Correios com a irmã. Preciso encontrar-me com ela!

MANOEL SINHÔ

Gostou da alagoana, hein? (AS MOÇAS SURGEM NA ESTRADA) Pois você se atrasou! Elas já estão voltando!

TIÃO CHEIROSO

(VAI AO ENCONTRO DAS JOVENS) Ia descendo para me encontrar com vocês, mas Manoel Sinhô me segurou no papo!

MARILI

(DESLUMBRADA) Fomos a...

CREUSA

(INTERROMPE) Aos Correios! (PUXANDO A IRMÃ)
Vamos, Marili, pra casa!

MARILI

Vá na frente, chego já!

CREUSA

Não! Você vai comigo! Vamos pra casa!

MARILI

Já disse que vá na frente!

CREUSA

(ADVERTINDO-A) Cuidado com a língua, está entendendo?

MARILI

Estou! (LUCINHA, QUE ESTAVA ARRUMANDO A MESA, SOBE AS ESCADAS E VAI AO QUARTO, ONDE VENTANIA REPOUSA. NOTANDO A PRESENÇA DELA, O RAPAZ TEM UM LEVE SOBRESSALTO).

VENTANIA

Suas irmãs chegaram?

LUCINHA

Ainda não! (NO TERREIRO, CREUSA DESCE OS DEGRAUS DA RUA. DONA ROSA VAI AO ENCONTRO DA FILHA).

DONA ROSA

Veio sozinha? E Marili?

CREUSA

Aquela tartaruga vem atrás! (DEIXA A MÃE E SE
PRECIPITA NO INTERIOR DA CASA. DONA ROSA A ACOMPANHA).

TIÃO CHEIROSO

(PUXANDO-A PARA O SOBRADO) Vamos entrar! Quero
lhe mostrar como é bonita a boate!

MARILI

(INDECISA) Acho que não fica bem!

TIÃO CHEIROSO

A gente não demora! Quero que veja o salão de dança!

MARILI

(SORRINDO) Eu tinha uma vontade de saber como é!
Mas as pessoas podem pensar que sou mulher da vida!

TIÃO CHEIROSO

Quem vai ver? A esta hora não tem ninguém! Além do mais, você está comigo. É minha namorada! Duvido que alguém tenha coragem de pensar mal de você!

MARILI

Ao seu lado estou protegida! (LUCINHA VAI ATÉ A JANELA DA ÁGUA FURTADA. OLHA NA DIREÇÃO DO BAR, E NÃO EVITA UMA EXCLAMAÇÃO DE SURPRESA).

LUCINHA

Meu Deus!

VENTANIA

(ATENTO) Que foi?

LUCINHA

Marili!

VENTANIA

(ERGUENDO-SE) Que tem ela?

LUCINHA

(FECHANDO A JANELA) Nada! (DESCONVERSANDO) É essa demora! Deite-se, vamos!

VENTANIA

(DESCONFIADO) Porque fechou a janela?

LUCINHA

(NERVOSA) Já falei que não é nada!

VENTANIA

(FORTE) Você está mentindo! Que foi que viu?

LUCINHA

Pensei que fosse Marili, na janela do sobrado!
(VENTANIA ABRE CUIDADOSAMENTE A JANELA E OBSERVA. MARILI ESTÁ, EFETIVAMENTE, NO LOCAL MENCIONADO PELA IRMÃ, OLHANDO, ABISMADA, A PAISAGEM).

VENTANIA

(AGITADO) É ela, sim! Que está fazendo naquele lugar?

LUCINHA

(APREENSIVA) Não sei, mas, fique calmo! Vou busca-la, nem que seja pelos cabelos! (SAI EM DESABALADA CARREIRA. AO ATRAVESSAR A SALA, POR POUCO NÃO ESBARRA EM DONA ROSA).

DONA ROSA

(PRA LUCINHA) Ficou maluca? Que desembestamento é esse? (CREUSA, QUE ESTAVA NA SALA, VAI SUBIR AS ESCADAS, MAS É INTERCEPTADA PELA MÃE) Fique aqui e venha me ajudar!

CREUSA

Vou fazer xixi! Será que não posso?

DONA ROSA

(DEIXANDO-A DE LADO, CONFORMADA) Vocês são umas preguiçosas mesmo! Eu é que tenho que me danar, sozinha, no serviço da casa! (CREUSA, QUE SAÍRA DA SALA, REAPARECE NO QUARTO ONDE VENTANIA SE ENCONTRA. O HOMEM ESTÁ DE PÉ, IMPACIENTE, ARMA EM PUNHO).

VENTANIA

Que aconteceu?

CREUSA

Fique tranquilo! Não tem com o que se preocupar!

VENTANIA

Espero que sua irmã não tenha dado o serviço! Sabe, eu queria sair daqui, sem causar prejuízo a ninguém! Vocês foram legais! Mas se Marili me denunciou, não vou me entregar de graça!

CREUSA

(ASSUSTADA) Marili não faria uma besteira dessa!
(DÚVIDA) Espero que não tenha feito mesmo!

VENTANIA

Entregou o bilhete na oficina?

CREUSA

Entreguei!

VENTANIA

Se as coisas derem errado, é mais uma pessoa que vai se complicar por minha causa! (AMEAÇADOR) Sabe o que estou pensando? Que você está mentindo! Sua irmã foi passar o serviço para o Manoel Sinhô!

CREUSA

(AMUADA) Não gosto que me chamem de mentirosa! Entreguei a porcaria do seu bilhete! Marili só foi ao casarão, porque se encontrou com o namorado! Minha irmã não é de dedurar ninguém! (CHOROSA) Você está sendo injusto!

VENTANIA

Que foi que mestre Zuza disse?

CREUSA

Ficou desconfiado! Fez uma porção de perguntas. O que a gente achou que sabia e podia responder, respondeu!

VENTANIA

Ele vem me buscar?

CREUSA

A noitinha, entre seis e sete horas, um fusca vai parar aqui na frente. Você sai pela janela, com cuidado pra não ser visto, e entra no carro. O homem falou que o resto é por conta dele!

VENTANIA

Enquanto não souber exatamente o que sua irmã foi fazer no sobrado, não descanso!

CREUSA

Lucinha foi buscá-la!

VENTANIA

Tião Cheiroso é safado! Aquela boate não é lugar onde se leve uma moça de família! Sua irmã não conhece o tipo com que se meteu! O safado tem lábia pra conseguir o que quiser! Pode se aproveitar da inexperiência da sua irmã e, se puder, joga todo mundo na rua da amargura!

CREUSA

(MAGOADA) Você se acha melhor que ele?

VENTANIA

Só porque a polícia anda atrás de mim? Tenho motivos para ser o que sou. Não quero passar por santo, moça, mas, melhor que aquele cafajeste, eu me considero! (PAUSA) Pelo menos, respeito gente direita! (LUCINHA APARECE NA RUA, SEGUIDA POR MARILI. AMBAS SAEM DO INTERIOR DO SOBRADO E SE ENCAMINHAM PARA O BARRACO).

LUCINHA

Que é que você tem na cabeça?

MARILI

Meu namorado me chamou pra conhecer o salão! Fiquei curiosa!

LUCINHA

Disse alguma coisa a ele?

MARILI

Sobre o que?

LUCINHA

Não se faça de besta! Falou sobre o Ventania?

MARILI

Juro que não! (IMPRESSIONADA) Seu Manoel Sinhô me tratou com tanta gentileza! Parecia até que eu era alguém importante!

LUCINHA

(RESMUNGANDO) Importante!

MARILI

(ENTUSIASMADA) Mostrou tudo, serviu refrigerante, me levou aos quartos das moças... Que luxo!

LUCINHA

Quer dizer, que visitou o quarto das putas! (FURIOSA) Escolheu algum para você? Nem parece ser a irmã mais velha! É a mais retardada!

MARILI

(ENCERRANDO O ASSUNTO) Hoje estou muito tranquila, pra perder meu tempo batendo boca com você! (DEIXA-A E PASSA À FRENTE, PERDENDO-SE NO INTERIOR DA CASA).

LUCINHA

(GRITANDO) Quer ser uma delas? É isso o que quer?

DONA ROSA

(APARECE À PORTA) Afinal, o que é que está acontecendo com vocês? (PARA LUCINHA) Há pouco estava defendendo Marili, agora estão novamente brigando!

MARILI

(TIRANDO POR MENOS) Sabe como é Lucinha, mãe! Uma hora está pelos pés, outra hora, pela cabeça! (SENTA-SE NUM TAMBORETE. LUCINHA SOBE OS DEGRAUS E SURGE NO QUARTO, ONDE CREUSA, SENTADA, OBSERVA SILENCIOSAMENTE VENTANIA, TENSO E IMPACIENTE).

LUCINHA

(ENTRANDO) Pronto. (VENTANIA LEVANTA-SE) Ela já está em casa!

VENTANIA

Ela não falou nada? (AMEDRONTANDO-A) Esconder criminoso da polícia é crime! Se me pegarem, vocês serão prejudicadas!

LUCINHA

Minha irmã parece ser abestalhada, mas não é doida!

VENTANIA

(MAIS DESCONTRAÍDO) Agora, é só esperar que anoiteça!

LUCINHA

(PARA CREUSA) Acho que você deve descer! Não há razão para ficarmos as duas aqui!

CREUSA

Estou entendendo! Fiquem à vontade! (SAI. EM SEGUNDOS RESSURGE NO TÉRREO).

LUCINHA

Como está você, agora?

VENTANIA

Só vou respirar, quando estiver longe daqui! (LUCINHA FICA EM SILÊNCIO, DECEPCIONADA COM A RESPOSTA).

CREUSA

(PARA DONA ROSA) Já cheguei!

DONA ROSA

Vá lavar os pratos no tanque! Seu pai deve chegar logo e preciso arrumar a mesa!

CREUSA

(OLHA PARA MARILI, SENTADA À MESA) Porque não manda Marili?

DONA ROSA

(COM AUTORIDADE) Porque quis mandar você!

CREUSA

Droga! (CREUSA RECOLHE OS PRATOS, CHEIA DE MÁ VONTADE, E SAI AO TERREIRO. NO TANQUE, COMEÇA A EXECUTAR O SERVIÇO).

DONA ROSA

(PARA MARILI) Tem andado muito calada. O que está havendo?

MARILI

Nada, mãe!

DONA ROSA

(OLHA DEMORADAMENTE PARA MARILI) Vive pensativa, distraída... Você nunca foi assim!

MARILI

Impressão!

DONA ROSA

(VISIVELMENTE IRRITADA) É aquele conversador, não é?
Está lhe virando a cabeça!

MARILI

Vivo pensando, mesmo, é na nossa vida! Pai sozinho,
tentando sustentar a família! Eu já não sou criança! Sei ler e
escrever! (DECIDIDA) Estou querendo procurar trabalho!

DONA ROSA

É um pensamento certo! Mas tem de convencer seu pai!
Com a minha ajuda, não vai ser difícil!

VENTANIA

(ERGUE-SE. VAI ATÉ LUCINHA) Ficou calada, de repente!

LUCINHA

Só vai respirar direito quando deixar esta casa. Foi isso o
que falou! Minha companhia é tão desagradável assim?

VENTANIA

(SORRISO) Quis dizer que não me sinto seguro e isso é

verdade! Quanto a gostar da sua companhia... Puxa vida!
Encontrar você foi uma coisa maravilhosa! Pode acreditar!

LUCINHA

Fala sério?

VENTANIA

Por causa disso, estou quase agradecendo o tiro que
leve!

LUCINHA

(REPREENDENDO-O) Bate na boca! Não diz besteira!
(SORRI. TRANSIÇÃO) Vou ficar com saudade quando for embora!

VENTANIA

Eu também!

LUCINHA

(SINCERA) Você não me tocou! Não tomou liberdade! Foi
sempre respeitoso!

VENTANIA

Devia ter sido diferente?

LUCINHA

Claro que não!

VENTANIA

(SENTINDO-SE TONTO) Estou com frio! (VENTANIA DEITA-SE NA CAMA. LUCINHA APROXIMA-SE, PREOCUPADA. SENTA-SE AO LADO DELE, COM AR MATERNAL).

LUCINHA

Você fez muito esforço! Durma um pouquinho! (TOCA-O CARINHOSAMENTE).

VENTANIA

Se eu beijasse você agora, diria que sou aproveitador?
Que faltei com respeito?

LUCINHA

Eu ficaria feliz! (VENTANIA PUXA O ROSTO DE LUCINHA E AMBOS SE BEIJAM. UM BEIJO LONGO. LÁ FORA, ZÉ DO NORTE

SURGE NA RUA. CREUSA OBSERVA A APROXIMAÇÃO DO PAI E RETORNA, ÀS PRESSAS COM OS PRETOS LAVADOS).

CREUSA

Pai está chegando! (MARILI ERGUE-SE E, JUNTAMENTE COM A IRMÃ, ESTENDE A TOLHA SOBRE A MESA. ZÉ DO NORTE, DESCE AO TERREIRO E ENTRA EM CASA. AS FILHAS AFASTAM-SE, RESPEITOSAMENTE, ENQUANTO O HOMEM SENTA-SE NUM TAMBORETE, JUNTO À MESA. DONA ROSA VAI AO ENCONTRO DELE).

DONA ROSA

Está muito cansado! Como foi?

ZÉ DO NORTE

Andei a manhã toda! Bati nas portas de mais de dez construções! Não há vaga, é o que diziam!

DONA ROSA

Vai se lavar primeiro, ou quer comer agora? (ZÉ DO NORTE FICA PENSATIVO E NÃO RESPONDE. MARILI APROXIMA-SE DO PAI E TIMIDAMENTE LHE DIRIGE A PALAVRA).

MARILI

(TEMEROSA) Por que o senhor não aceita o oferecimento do homem do sobrado?

ZÉ DO NORTE

(ENCARA A FILHA EM SILÊNCIO. DONA ROSA APROXIMA-SE DO MARIDO E COLOCA UM PRATO À FRENTE DELE. SERVI-O DE FEIJÃO, ARROZ E UM POUCO DE CARNE. FINALMENTE, ZÉ DO NORTE ANIMA-SE A RESPONDER À PERGUNTA DE MARILI) Ainda estou pensando sobre isso!

DONA ROSA

Não se impaciente, meu velho! Deus vai mostrar o caminho!

ZÉ DO NORTE

Sempre soube que não era fácil!

DONA ROSA

Tenha paciência e fé em Deus, que o trabalho vai aparecer!

ZÉ DO NORTE

Espero que isso aconteça antes de acabar o nosso último tostão.

DONA ROSA

Pelo menos a gente tem um teto pra morar!

ZÉ DO NORTE

(COM CERTA MÁGOA NA VOZ) Isto é o que restou da nossa propriedade! (PENSATIVO) Até que era bom pedaço de terra, não era? Mas a vida estava muito difícil! Se não fosse aquela seca infeliz...

MARILI: Estava difícil a vida por lá!

DONA ROSA

Seca a gente sempre teve!

MARILI

O gado morrendo, mãe! Não tinha mais plantação! O barreiro era lama só! O senhor fez bem em vender, pai!

DONA ROSA

Mas, podia chover! Toda vez que a gente pensava que era o fim do mundo, o céu abria as torneiras! Com seca e tudo, por pior que fosse, sempre se sobreviveu! Desde que me entendo por gente, que é assim!

ZÉ DO NORTE

Não aprovou a nossa vinda, não é?

DONA ROSA

Nunca disse que era contra, nem a favor! Você é o homem da casa! É quem decide as coisas!

ZÉ DO NORTE

Pois devia ter dado opinião! Fiquei com a cabeça virada! Nesse diabo de lugar, nem trabalho alugado se encontra!

DONA ROSA

Vai conseguir, meu velho! Mas vamos deixar este assunto pra lá. Coma alguma coisa, que saco vazio não se põe em pé!

MARILI

Pai, me desculpe..., mas seu Manoel Sinhô se ofereceu!
A gente não está em condições de ter orgulho!

ZÉ DO NORTE

(PENSATIVO) Tenho medo de cair em negócio que não é direito! Ele pode ser atencioso, prestativo..., mas homem que vive do comércio de mulher dama... não pode ser boa coisa!

MARILI

Estamos em São Paulo! Tudo aqui é diferente! A profissão de uma pessoa não tem nada a ver!

ZÉ DO NORTE

(REPLICANDO EM TOM MODERADO) Que sabe da vida? Em qualquer lugar do mundo, a pessoa tem que se dar ao respeito! Eu seria incapaz de fazer uma coisa desonesta, por causa da situação em que estivesse!

DONA ROSA

(INTERFERINDO) Mude de conversa. Deixe seu pai descansar a cabeça!

ZÉ DO NORTE

(APÓS BREVE SILÊNCIO) Você também acha que devo procurar seu Manoel Sinhô, Rosa?

DONA ROSA

Você é que resolve!

ZÉ DO NORTE

Mas, me diga... O que você acha?

DONA ROSA

Não sei! No começo ele parecia uma pessoa simpática!
(PREOCUPADA) Mas agora, vendo você falar assim...

MARILI

Não custa nada descobrir o que o homem tem a oferecer!
Se for coisa troncha, o senhor inventa uma desculpa... Fica o dito pelo não dito!

ZÉ DO NORTE

(PENSATIVO) Vou matutar sobre o assunto!

DONA ROSA

(DESVIANDO A CONVERSA) Coma logo o seu feijãozinho! A comida está ficando fria! (A CENA ESCURECE. QUANDO O PALCO TORNA A ILUMINAR-SE, O TERREIRO DO BARRACO ESTÁ ENFEITADO DE BANDEIRINHAS, COMO NUM DIA DE FESTA. VEEM-SE DUAS MESAS E TAMBORETES REPLETOS DE BEBIDAS. NUMA DAS MESAS ESTÃO ZÉ DO NORTE E MANOEL SINHÔ. AO LADO, ALGUNS FIGURANTES, ENTRE OS QUAIS O BOÊMIO COM SEU VIOLÃO. NA OUTRA MESA, MAIS FIGURANTES. MARILI E TIÃO CHEIROSO CONVERSAM, AFASTADOS DOS DEMAIS. DONA ROSA SERVE OS CONVIDADOS, ENQUANTO LUCINHA A AJUDA NAS HONRAS DA CASA).

ZÉ DO NORTE

Não sei como agradecer tanta gentileza!

MANOEL SINHÔ

(NUMA ELOQUÊNCIA AFETADA) Você trabalha para a nossa empresa. Tem sido eficiente! É justo que no dia do aniversário de sua filha, a gente faça uma pequena comemoração! Afinal, quinze anos é uma idade muito bonita!

ZÉ DO NORTE

(PENSATIVO) Mesmo assim, não carecia essa coisa toda!
Sou pessoa simples! (MARILI, QUE ESTÁ CONVERSANDO COM
TIÃO CHEIROSO, SOLTA UMA GARGALHADA. ZÉ DO NORTE OLHA
DE SOSLAIO, SEM ESCONDER A CONTRARIEDADE).

TIÃO CHEIROSO

Quer mais um copinho de cerveja?

MARILI

Não! (QUASE EMBRIAGADA) Já estou ficando tonta!

DONA ROSA

(APROXIMA-SE DE MANOEL SINHÔ, COM UM PRATO DE
SALGADOS) Uns torresmos sequinhos, para ajudar na cerveja!

MANOEL SINHÔ

Adivinhou meus pensamentos! Para mim, não tem coisa
melhor! A propósito, Dona Rosa, onde está a aniversariante?

ZÉ DO NORTE

Vá dizer a Creusa que se apresse! Tano tempo pra se arrumar! Parece até que está se aprontando pra casamento! (MANOEL SINHÔ SORRI. DONA ROSA SE AFASTA E SE DIRIGE À LUCINHA).

DONA ROSA

Lucinha!

LUCINHA

Senhora!

DONA ROSA

Apresse sua irmã. Essa demora já é uma desfeita! (A MOÇA OBEDECE. DONA ROSA DIRIGE-SE À COZINHA, ENQUANTO A FILHA SOBE A ÁGUA FURTADA. CREUSA TERMINA DE ARRUMAR OS CABELOS, QUANDO A IRMÃ A INTERROMPE) Pai está chamando! Todo mundo quer ver você!

CREUSA

Estou com medo!

LUCINHA

Medo?

CREUSA

Nunca tive festa! Gente estranha...

LUCINHA

Pois devia estar satisfeita! Deixe de ser matuta!

CREUSA

Me ajude a colocar batom! Eu me lambuzo toda!
(Lucinha ri. A jovem fica amuada) Ah!

LUCINHA

(RETOCANDO A MAQUIAGEM DA IRMÃ) Você não
precisa de pintura! Tá uma gracinha!

CREUSA

Por que sempre me tratam como criança?

LUCINHA

Por que você é uma criança, ora!

CREUSA

(GRITA) Não sou criança!

LUCINHA

Está bem! Não vamos brigar no dia do seu aniversário!
Desça agora e arranje um namorado! Prove que não é mais
criança!

CREUSA

Eu tenho namorado!

LUCINHA

(COM IRONIA) Em Alagoas!

CREUSA

Pois é!

LUCINHA

A gente não vai mais voltar para o Nordeste!

CREUSA

Eu vou voltar!

LUCINHA

Agora que pai está começando a arrumar a vida? Vai ser difícil! De mais, se esse namoradinho existe mesmo, a essa altura já esqueceu você, sua boba!

CREUSA

(BASTANTE IRRITADA) Esqueceu não!

LUCINHA

(TENTANDO CONVENCÊ-LA) Todo dia você escreve carta para ele! Nunca vi resposta dele pra você! Acho que esse namorado só existe na sua imaginação!

CREUSA

(DESCONTROLADA) Vá embora! Me deixe em paz!

LUCINHA

(ADULADORA) Só estou falando isso para o seu bem! Agora desça e vá para sua festa! Você está muito bonita! (O BOÊMIO DO VIOLÃO TERMINA DE EXECUTAR UMA MÚSICA. CREUSA DESCE AS ESCADAS, ENCAMINHANDO-SE AO TERREIRO, ONDE A FESTA PROSEGUE. TIÃO CHEIROSO NOTA A CHEGADA

DA MENINA E SE AFASTA DE MARILI, DIRIGINDO A PALAVRA AOS PRESENTES).

TIÃO CHEIROSO

Palmas para a aniversariante! (TODOS SE VOLTAM PARA A MENINA. APLAUSOS GERAIS. CREUSA SORRI, SEM JEITO).

MANOEL SINHÔ

(ERGUENDO-SE) Parece uma princesa! (NESTE MOMENTO, ESGUEIRANDO-SE NAS SOMBRAS, VENTANIA PASSA PELA RUA. VAI NA DIREÇÃO DA ÁGUA FURTADA. TIÃO CHEIROSO VÊ A PASSAGEM DELE E SEGUE-O COM O OLHAR. O VULTO SE APROXIMA DO BARRACO. TIÃO CHEIROSO SOBE OS DEGRAUS DO BARRANCO, ESFORÇANDO-SE PARA OBSERVAR MELHOR. MARILI NOTA O QUE ESTÁ ACONTECENDO E CORRE PARA JUNTO DO NAMORADO. TENTA DISTRAIR-LHE A ATENÇÃO).

MARILI

Venha pra cá!

ZÉ DO NORTE

(PARA CREUSA) Vamos, cumprimente seu Manoel Sinhô!
(A MENINA APERTA A MÃO DO HOMEM, DEPOIS SE AFASTA SEM

DIZER QUALQUER PALAVRA. ZÉ DO NORTE PROCURA JUSTIFICAR O COMPORTAMENTO DA FILHA) É muito acanhada!

MANOEL SINHÔ

Quinze anos, seu Zé! É uma criança! Mais uns tempos aqui e ficará tão comunicativa, que o senhor não vai nem reconhecer! (MUDANDO DE ASSUNTO) Está gostando do emprego?

ZÉ DO NORTE

As pessoas de lá são muito atenciosas. No princípio estranhei trabalhar de noite. Passei minha vida toda na lavoura, do nascer, ao pôr do sol. De repente, trocar o dia pela noite, me deixou meio baratinado. Mas me acostumei. (ENTUSIASMADO) Mas confesso que ainda não tenho muita experiência!

MANOEL SINHÔ

Experiência se adquire. O Conde já me falou sobre o seu comportamento! Me agradeceu a indicação! Disse que o senhor é um homem confiável!

ZÉ DO NORTE

Obrigado! (OS TOCADORES COMEÇAM A ENTOAR, SOB O VIOLÃO, “PARABÉNS PRA VOCÊ”).

VENTANIA

(QUE ENTRARA PELA JANELA, ABRAÇA-SE COM LUCINHA) Não sabia, que tinha festa na sua casa!

LUCINHA

É bom porque fica todo mundo entretido lá fora e deixa a gente em paz!

VENTANIA

Não foi correto eu entrar no seu quarto! Alguém poderia ter visto!

LUCINHA

Faz uma semana que você não vem!

VENTANIA

Depois que seu pai passou a trabalhar durante a noite, ficou mais difícil! (RETIRA O REVÓLVER DA CINTA E O COLOCA

SOBRE A MESINHA DO QUARTO) Tenho pensado muito sobre a gente. Gostaria de ter você pra sempre junto de mim, mas não posso! Sou um homem perseguido pela polícia e pelos bandidos. A sua vida ia ser um inferno ao meu lado!

LUCINHA

A gente podia ir para outro lugar, onde ninguém conhecesse você! Eu abandonava a minha família. Que acha? (Palmas, lá fora) Vamos fugir daqui! (A MOÇA RETIRA A CAMISA DO NAMORADO. SEMINUS, ABRAÇAM-SE E SE DEIXAM CAIR NA CAMA, ENTREGANDO-SE À CARICIAS AMOROSA. NO PÁTIO, CREUSA, MAS DESCONTRAÍDA, DEMONSTRA FELICIDADE. ESTÁ MAIS COMUNICATIVA. A CERTA DISTÂNCIA, TIÃO CHEIROSO E MARILI DISCUTEM).

TIÃO CHEIROSO

O que aquele bandido está fazendo no quarto da sua irmã?

MARILI

Por favor, esqueça isso! A gente não tem nada a ver com a vida de Lucinha! Eu fui contra, mas, o que fazer? Os dois se gostam!

TIÃO CHEIROSO

Ventania é bandido procurado, inimigo meu, de Manoel Sinhô e do Conde! Considero isso uma traição!

MANOEL SINHÔ

(LEVANTA-SE COMO QUEM VAI FAZER UM DISCURSO. TODAS AS ATENÇÕES SÃO VOLTADAS PARA ELE) Minhas senhoras e meus senhores! Senhoritas... especialmente a homenageada que é a princesinha desta festa! Desejo, em meu nome, em nome do meu grande amigo, protetor de todos vocês, o Conde, muitas felicidades, não apenas para a jovem aniversariante, mas também, pra toda a sua encantadora família! Conde não pode comparecer! É um homem bastante ocupado e de muitas responsabilidades. Assim, me transferiu a incumbência de representa-lo, o que faço agora! Obrigado a todos! Vou ter de me retirar, mas a festa continua! (PALMAS).

ZÉ DO NORTE

(APERTANDO A MÃO DE MANOEL SINHÔ) Meus amigos... Quero dizer que devo muito a seu Manoel Sinhô! Devo a ele o emprego que tenho e muitas outras gentilezas, como a de fazer esta festinha na noite de hoje! Confesso que, por mim

mesmo, não teria condições! (CREUSA ESTÁ MUITO FELIZ E SE ABRAÇA COM MANOEL SINHÔ, EM AGRADECIMENTO).

TIÃO CHEIROSO

(AFASTA-SE DE MARILI E SE APROXIMA DE MANOEL SINHÔ, PEDINDO A PALAVRA) Meus senhores, sinto muito, mas, mesmo sem querer, vou estragar a festa! (MANOEL SINHÔ SOLTA-SE DE CREUSA E ENCARA O PARCEIRO, SEM ENTENDER. AS PESSOAS SE VOLTAM PARA TIÃO. FAZ-SE SILÊNCIO) É mesmo grave o que vou revelar! Espero que me desculpem! Seu Zé do Norte me perdoe! Mas, eu só tomo está atitude, porque é para o bem de todo mundo! (AS PESSOAS FICAM TENSAS E PRECUPADAS. MARILI APROXIMA-SE DE TIÃO CHEIROSO).

MARILI

(PRECUPADA) O que é que você vai fazer?

TIÃO CHEIROSO

(SEM LEVAR A NAMORADA EM CONSIDERAÇÃO) Todos conhecem o Ventania! Aquele criminoso e assaltante que a polícia baleou há quase seis meses nesta rua!

MARILI

(AFLITA) Tião, pelo amor de Deus!

TIÃO CHEIROSO

(ALTO E EM TOM DRAMÁTICO) Neste exato momento, Ventania encontra-se deitado com a filha de seu Zé do Norte, no quarto dela, nesta casa, fazendo o que cada um pode imaginar! (HÁ PERPLEXIDADE GERAL. ZÉ DO NORTE SENTE-SE COMO SE ESMAGADO POR UMA MONTANHA).

ZÉ DO NORTE

O que? (CREUSA CORRE EM DIREÇÃO À CASA, MAS ESBARRA EM DONA ROSA, QUE A SEGURA).

DONA ROSA

(FIRME) Onde você pensa que vai?

MANOEL SINHÔ

(RECUPERANDO A INICIATIVA E A VOZ) Queira explicar imediatamente o seu comportamento! Se isso for uma maluquice sua, você vai se dar muito mal!

TIÃO CHEIROSO

Estou falando a verdade! Vi, a poucos instantes, quando ele entrou pela janela! (MARILI, NUMA CRISE DE NERVOS E CHEIA DE ÓDIO, DESFECHA DUAS FORTES BOFETADAS EM TIÃO CHEIROSO. O TUMULTO SE ESTABELECE).

MARILI

Porque tinha de fazer uma desgraça dessa?

ZÉ DO NORTE

(NUM GRITO FORTE) Pare com isso! (MARILI RECUA. FAZ-SE SILÊNCIO NA CENA. ZÉ DO NORTE FALA CHEIO DE IRA) Está querendo me desmoralizar, cabra da peste!

TIÃO CHEIROSO

(RECUANDO) Já disse que estou falando a verdade! Se não acredita, vá lá conferir!

CREUSA

(FAZ MENÇÃO DE CORRER PARA O QUARTO, MAS DONA ROSA A IMPEDE, SEGURANDO-A FORTEMENTE. A MENINA RESISTE) Me solte, mãe! Me solte!

ZÉ DO NORTE

Pois vou conferir mesmo! Se for mentira o que o senhor falou, seu Tião, pode ir se despedindo da vida!

MARILI

Pai, não vá! Por favor não vá!

ZÉ DO NORTE

Você se cale!

MANOEL SINHÔ

(RETIRANDO O REVÓLVER DA CINTURA) Não vá descoberto, seu Zé! Tome o meu revólver! O homem é perigoso! (ZÉ DO NORTE ENCARA MANOEL SINHÔ, NUM BREVE SILÊNCIO).

ZÉ DO NORTE

Obrigado seu Manoel! Pelo menos nisso, eu não vou precisar do seu favor! Tenho minha própria arma! (ZÉ DO NORTE SAI NUM ROMPANTE SE ENCAMINHA AO INTERIOR DA CASA).

MARILI

(AFLITA) Não vá, pai! Não vá! (NUM GRITO

DESPERADO) Lucinha, Lucinha! (NA ÁGUA FURTADA, O BARULHO DESPERTA A ATENÇÃO DOS DOIS AMANTES).

VENTANIA

Está acontecendo alguma coisa! (VENTANIA LEVANTA-SE E SE VESTE RAPIDAMENTE. LUCINHA, AFLITA, BUSCA SE RECOMPOR. ABRE A JANELA E OLHA PARA FORA).

LUCINHA

Meu Deus!

O rapaz lança mão do revólver que deixara sobre a mesinha do quarto. Neste instante, Zé do Norte surge em cena. Ao ver o bandido, o nordestino aciona o gatilho, acertando Ventania. Mesmo ferido, este salta a janela, procurando fugir. Zé do Norte sai em perseguição dele, acertando-lhe mais um tiro. O bandido cambaleia. Antes de cair, acerta, em Zé do Norte, um disparo fatal. Ambos, mortalmente feridos, tombam ao solo. As pessoas que estavam no aniversário, outras, no sobrado, transeuntes, aproximam-se lentamente dos cadáveres, numa curiosidade mórbida. Sirene de polícia, longínqua, faz-se ouvir. As pessoas começam a debandar. Tião Cheiroso é um dos primeiros a evadir-se. O último é Manoel Sinhô. Em poucos

segundos, o palco está quase deserto. Dona Rosa corre para junto do marido. Lucinha, que também saltara a janela, para ao lado da mãe e olha, perplexa, sem acreditar no que vê, os dois homens estendidos no chão. Como um autômato, aproxima-se do corpo do amante. Observa-o, distante, em estado de choque. Creusa e Marili abraçam-se, chorando. O que há pouco era alegria, agora assume clima de tragédia. As luzes se apagam em resistência.

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

Quando a cortina abre, é dia. O barraco está deserto. Deserta também está a rua. À porta do sobrado surge Manoel Sinhô. O homem permanece parado, pensativo, um bom espaço de tempo. Alguns transeuntes passam. Cumprimentam-no. Tião Cheiroso surge pela direita, encaminhando-se ao sobrado.

TIÃO CHEIROSO

Bom dia!

MANOEL SINHÔ

Que novidade é essa? Faz dias que não aparece!

TIÃO CHEIROSO

Depois do que aconteceu, precisava dar um tempo!

MANOEL SINHÔ

E que quer aqui, esta hora da manhã?

TIÃO CHEIROSO

Rever a área! Saber notícias!

MANOEL SINHÔ

Está tudo do jeito que você queria!

TIÃO CHEIROSO

Não desejava que fosse daquela forma!

MANOEL SINHÔ

Eu te conheço!

TIÃO CHEIROSO

Pensei que o alagoano fosse mais certo no gatilho!
Que fazer? Oportunidades são raras!

MANOEL SINHÔ

Já estava começando a me acostumar com ele! E o
Conde, também! O chefe gostou do que aconteceu com
Ventania, mas lamentou a morte de Zé do Norte!

TIÃO CHEIROSO

Como o conde mesmo diz: Apenas uma baixa no efetivo!

Não é assim que ele enfrenta essa situação? Oportunidade igual àquela, a gente não ia encontrar, mesmo! Os amigos de Ventania não podem nos acusar da morte dele! (COM UM SORRISO IRÔNICO) Afinal, não tivemos nada a ver com o que aconteceu!

MANOEL SINHÔ

Você é muito cínico! (LEVE TOM DE CENSURA) Há longo tempo sabia que o bandido frequentava o quarto da menina! Por que somente naquela hora...

TIÃO CHEIROSO

Como eu falei, oportunidades são raras! Não entendo, esta cara de desaprovação? Tiramos duas pedras do caminho, e você ainda lucrou três promissoras candidatas ao seu plantel!

MANOEL SINHÔ

Você é um sacana! E Marili, a tua noiva?

TIÃO CHEIROSO

Noiva? (RI) Corta essa!

MANOEL SINHÔ

Não se interessa mais por ela?

TIÃO CHEIROSO

E deveria?

MANOEL SINHÔ

O serviço não está terminado! Vai ter de convencer as moças a virem pra cá! Não foi esse o nosso acordo?

TIÃO CHEIROSO

Como é que posso voltar àquela casa? Ninguém vai querer falar comigo!

MANOEL SINHÔ

O problema é seu! É pra isso que é pago!

TIÃO CHEIROSO

Espere aí! O Conde me paga para eu agenciar mulheres disponíveis! Não é o caso das moças daí da frente! Uma delas ainda é menor!

MANOEL SINHÔ

É mercadoria de maior valor comercial! Já olhou o corpinho dela? Os peitinhos brotando? (RI) Sei que olhou!

TIÃO CHEIROSO

Quem é o mais cínico?

MANOEL SINHÔ

É tudo negócio! Sabe quanto rende uma mercadoria daquela? O problema da virgindade você pode resolver! E não me venha com desculpa da menoridade!

TIÃO CHEIROSO

(PENSATIVO) Fazer com que Marili volte a confiar em mim, até posso tentar! Mas as outras...

MANOEL SINHÔ

A amante do Ventania está com o caminho aberto! Essa, eu convenço! Só falta a mais nova!

TIÃO CHEIROSO

E a velha? Está se esquecendo dela? Mulher séria, do jeito que é! Mesmo as moças! Não vai ser fácil! Uma coisa é uma garota se entregar a um homem por amor, porque se apaixonou por ele! Outra coisa, é ter vocação pra puta! Nascer para o ramo!

MANOEL SINHÔ

Pra cima de mim, porra! Quer me levar na conversa? Não pense que vai sair de fininho! Toda mulher é puta em potencial! É só despertar o instinto! E despertar os instintos dela, não é a tua profissão? Ou você não passa de um bunda mole?

TIÃO CHEIROSO

Minha intuição está me mandando cair fora! Quando não obedeco a esse instinto, sempre me dou mal!

MANOEL SINHÔ

(IRRITADO) Pois vá dizer isso ao Conde! Foi quem determinou que o trabalho tinha de continuar... Até, como compensação pela morte do Zé do Norte! O chefe tinha planos para ele!

TIÃO CHEIROSO

O Conde lhe disse isso?

MANOEL SINHÔ

Que é que você acha? (RISO MAROTO) O chefe tem casa, só com meninas de doze e treze anos! Sabe disso, não sabe? E

quem as frequenta é a alta burguesia! São deputados, delegados de polícia, figurões do governo... (AMEAÇADOR) É renda alta, cara! Muito alta! O Conde está de olho na menina! E ele não gosta de perder dinheiro!

TIÃO CHEIROSO

(RESIGNADO) Se é determinação do Conde...

MANOEL SINHÔ: Assim é que se fala! Você merece a boa vida que tem! Mas aconselho a não falhar!

TIÃO CHEIROSO

(OLHA EM SILÊNCIO, O BARRACO À FRENTE. VOLTA-SE PARA MANOEL SINHÔ) Parece que o barraco está vazio! Não há ninguém em casa!

MANOEL SINHÔ

Saiu todo mundo! A família foi à missa!

TIÃO CHEIROSO

Desde a morte do alagoano, não piso naquela casa! Mas, hoje vou aparecer! Quero dar os meus pêsames, chorar mágoas, pedir perdão! (TRANSIÇÃO) Tudo, por negócio! (OLHA MANOEL

SINHÔ, COM CERTA IRONIA) Em relação ao “grande” Manoel Sinhô, como está o relacionamento com elas?

MANOEL SINHÔ

Não me culpam de nada! Não há motivo para isso! Mas em relação a você... é diferente!

TIÃO CHEIROSO

Está vendo? Vai ser difícil!

MANOEL SINHÔ

Não disse que era fácil! (DONA ROSA E AS TRÊS FILHAS SURGEM NO COMEÇO DA ESTRADA. ESTÃO DE LUTO. MANOEL SINHÔ, AO NOTAR A APROXIMAÇÃO DAS MULHERES, FAZ UM SINAL PARA TIÃO CHEIROSO) Vamos entrar! (AMBOS ENTRAM NO SOBRADO. MÃE E FILHAS, CONSTERNADAS, DESCEM O BARRANCO. NO TERREIRO, ENCAMINHAM-SE AO INTERIOR DA CASA. CHEGANDO À SALA, A MULHER SENTA-SE NUM BANCO, PERMANECENDO EM SILÊNCIO. MARILI FICA AO LADO DA MÃE, ENQUANTO AS OUTRAS IRMÃS SOBEM AO QUARTO. NA ÁGUA FURTADA, LUCINHA JOGA-SE NA CAMA, EM PRANTOS. CREUSA A OBSERVA. NA SALA, MARILI DIRIGE, CARINHOSAMENTE, A

PALAVRA A DONA ROSA. A MULHER PARECE NÃO OUVI-LA.
MARILI ESTÁ AFLITA COM O ESTADO DEPRESSIVO DA MÃE)

MARILI

Mãe! Diga alguma coisa! (PAUSA) A senhora não fala... Não se alimenta! Está sempre assim, com os olhos distantes, como se andasse noutra mundo! (LEVANTA-SE, ENCAMINHA-SE AO FOGÃO. NÃO HÁ NADA NO FOGO. APANHA A CHALEIRA E PÕE ÁGUA PARA FERVER. OLHA A LATA DE CAFÉ. EXAMINA-A. ESTÁ VAZIA. EXCLAMA, AFLITA) Droga! Nem café tem mais em casa! Se não fosse os favores do seu Manoel Sinhô, a gente não teria nada para comer esses dias! (SENTA-SE. TIQUES NERVOSOS REVELAM-SE EM SEU ROSTO) Porque a senhora foi adoecer logo agora? O que vai ser da gente...neste lugar estranho? Que pode fazer uma mulher velha, doente, e três moças despreparadas... Sem conhecimento da vida... Jogadas num lugar como este? (SAUDOSA) Se ao menos a gente estivesse no Nordeste... Mesmo, no sertão, arrasado pela seca... (Pausa) Como sinto falta da nossa terra! Era uma terra pobre, uma vida sofrida..., mas era a nossa terra e a nossa vida! (DONA ROSA LEVANTA-SE VAGAROSAMENTE, COMO UM AUTÔMATO, VAI AO TERREIRO, EM DIREÇÃO AO SEU LUGAR HABITUAL: UM BANCO SOLITÁRIO DE MADEIRA. ALI, ENTREGA-SE AO MUTISMO INSANO A QUE SE

CONDENOU MARILI GRITA QUASE DESCONTROLADA) Mãe, me ouça por favor! (DEIXA-SE CAIR, BRAÇOS E CABEÇA, SOBRE A MESA, NUM GESTO DE TOTAL DESALENTO. PÕE-SE A CHORAR) Sou culpada de tudo! Tinha que me entregar ao primeiro cafajeste que aparecesse!

CREUSA

(APARECE NO QUARTO DA ÁGUA FURTADA SE DIRIGE A LUCINHA) Pensei numa coisa! (A MOÇA ERGUE-SE E ENCARA A IRMÃ) Porque a gente não vende o barraco e com o dinheiro volta para Alagoas?

LUCINHA

Voltar?

CREUSA

Por que não?

LUCINHA

Sem pai pra cuidar da gente? Com a mãe doente...?

CREUSA

E neste lugar, como a gente vai viver? Já pensou? Na

nossa terra pelo menos existem pessoas conhecidas, parentes!
(SONHADORA) O meu namorado!

LUCINHA

Você ainda não amadureceu, não foi? Mesmo depois de tudo o que passou!

CREUSA

Amadurecer? (IRÔNICA) Marili é madura! Você também se acha madura! E no que deu? Por que, que a gente está nesta situação? O que causou tudo isso? A minha meninice?

LUCINHA

Conheço minha culpa, não precisa lembrar! (QUER CHORAR).

CREUSA

(ARREPENDENDO-SE) Não quis dizer isso! Todas tivemos culpa! Mas, nosso lugar é no Nordeste! Aqui, nós somos peixe fora d'água!

LUCINHA

(RECOMPONDO-SE) Não guardo boa lembrança da minha terra! Sempre quis mudar de vida, me vestir bem, conhecer pessoas! Queria conhecer o Rio de Janeiro! Pai falava sempre de São Paulo... Das riquezas de lá..., mas meu sonho era o Rio!

CREUSA

Só vim porque não tinha outro jeito!

LUCINHA

Foi o destino. Eu tinha de conhecer Ventania! Pena que foi por tão pouco tempo!

CREUSA

(INDIGNADA) Você está lamentando a morte do assassino do nosso pai?

LUCINHA

Ventania matou pai, pra não morrer! Pai atirou primeiro! Duas vezes!

CREUSA

Quem você queria que estivesse vivo?

LUCINHA

(FORTE) Preferia que a desgraça não tivesse acontecido pra nenhum dos dois!

CREUSA

Mas aconteceu!

LUCINHA

(SOFRENDO) Eu ia fugir de casa! Correr mundo, com ele!

CREUSA

Mesmo sabendo que era um bandido?

LUCINHA

Eu o amava!

CREUSA

(MAIS COMPREENSIVA) Minha raiva maior é de Tião Cheiroso! Ele foi o causador de tudo! Só por maldade! (SAI DO

QUARTO, DEIXANDO A IRMÃ ENTREGUE À SUA TRISTEZA.
REAPARECE NA SALA, ONDE MARILI AINDA PERMANECE
DECLINADA SOBRE A MESA) Marili! (A MOÇA ERGUE O ROSTO)
Vamos vender este barraco e voltar para Maceió!

MARILI

Estava pensando nisso!

CREUSA

O que é que mãe acha?

MARILI

Mãe não diz nada! É como se não vivesse neste mundo!
(ERGUE-SE, VAI ATÉ O TERREIRO, SEGUIDA POR CREUSA) Olhe
como está! Parece uma estátua, com os olhos pregados no céu!

CREUSA

Meu Deus!

MARILI

Não sei o que fazer!

CREUSA

Vamos pintar uma placa “Vende-se este barraco”!
(APONTANDO A DESCIDA DO MORRO) A gente prega ali!

MARILI

Boa ideia!

CREUSA

Tenho uma taboa que pode servir! (OLHA AO REDOR,
COMO SE PROCURASSE ALGUMA COISA, DEPOIS SE VOLTA) Falta
a tinta!

MARILI

Quem sabe se Manoel Sinhô não arranja! Pincel, tem lá
dentro, na caixa de ferramentas que era do pai!

CREUSA

Vai falar com ele?

MARILI

Que é que você acha?

CREUSA

Nada de mais!

MARILI

(PENSATIVA) Manoel Sinhô pode até orientar o preço que a gente deve cobrar!

CREUSA

(ANIMADA) Então vai! Vai logo!

MARILI

Está bem! (MARILI SOBE O BARRANCO E SE ENCAMINHA AO SOBRADO. SAI DE CENA. ENQUANTO ISSO. CREUSA VAI ATÉ DONA ROSA. LUCINHA, NO QUARTO, ARRUMA OS CABELOS, PREPARANDO-SE PARA DESCER).

CREUSA

Mãe, a gente vai vender a casa e voltar para Alagoas! A senhora está de acordo, não está? (DONA ROSA QUEBRA O MUTISMO E ENCARA A FILHA. BALANÇA AFIRMATIVAMENTE A CABEÇA E VOLTA A OLHAR PARA A FRENTE) Marili foi conseguir um pouco de tinta com seu Manoel Sinhô pra gente pintar a

placa! (DONA ROSA ERGUE-SE, DE SÚBITO, E SE PÕE A OLHAR O SOBRADO. VOLTA-SE PARA CREUSA E A ENCARA COM UMA EXPRESSÃO DE CONTRARIEDADE) A senhora não aprova ela ter ido ao sobrado, é?

DONA ROSA

(MOVIMENTA AFIRMATIVAMENTE A CABEÇA, VOLTANDO A SENTAR-SE. COMO UM AUTÔMATO, DEIXA ESCAPAR ALGUMAS PALAVRAS) Voltar para Alagoas! (DAÍ POR DIANTE, NÃO ESBOÇA MAIS NENHUM GESTO).

CREUSA

(ANIMADA COM AS PALAVRAS PROFERIDAS PELA MÃE) A gente vai voltar, mãe! Se Deus quiser, a gente vai voltar! (LUCINHA SURGE NO TERREIRO E SE DIRIGE A CREUSA).

LUCINHA

Onde está Marili?

CREUSA

Foi ao sobrado, pedir um pouco de tinta ao seu Manoel Sinhô! Mãe está de acordo! Ela disse! (EUFÓRICA) Vamos escrever uma placa! “Vende-se esta casa”. Que tal?

LUCINHA

(NÃO RESPONDE. DEIXA A IRMÃ E SE DIRIGE ATÉ DONA ROSA) MÃE! FALE COMIGO! A SENHORA NUNCA MAIS ME DIRIGIU A PALAVRA! AGORA QUE A GENTE DECIDIU VOLTAR PARA ALAGOAS... NÃO QUERO IR SEM QUE ME PERDOE! (DONA ROSA NÃO SE MOVE).

CREUSA

Atenda, mãe! Lucinha não teve culpa, foi o destino!

LUCINHA

Só vou ter descanso quando a senhora falar comigo!
(DONA ROSA NÃO RESPONDE. LEVANTA-SE SEM OLHAR A FILHA E SE DIRIGE AO INTERIOR DA CASA) Mãe, me ouça, por favor!
(DONA ROSA SAI DE CENA. LUCINHA VOLTA-SE PARA CREUSA)
Viu só, como me trata? Ela tem ódio de mim!

CREUSA

Mãe está doente!

LUCINHA

É ódio! Sei que é ódio! Acha que sou culpada pelo que aconteceu ao pai!

CREUSA

(TENTANDO REANIMAR A IRMÃ) Se alguém deve ser condenado, é Tião, mais ninguém! Tire da cabeça esse remorso! Quanto a mãe, é doença mesmo! (MARILI SAI DO SOBRADO TRAZENDO, NA MÃO, PINCEL E UMA PEQUENA LATA DE TINTA. AO LADO DELA, VEM MANOEL SINHÔ).

MANOEL SINHÔ

Se quiser, mando pintar a placa! Fica mais bem feita e não terá de se sujar de tinta!

MARILI

Não precisa!

CREUSA

(APROXIMANDO-SE) Pelo visto, conseguiu a tinta?

MARILI

Seu Manoel, fez mais esse favor!

MANOEL SINHÔ

(EM TOM GENTIL) Vocês merecem tudo! (VENDO LUCINHA RETRAÍDA, ENCAMINHA-SE PARA ELA) Minha jovem, espero que esteja mais conformada!

LUCINHA

(FRIA) A gente não pode mudar o que está feito!

MANOEL SINHÔ

Infelizmente, não! Mas se pode amenizar as consequências da tragédia! Estava querendo mesmo ter uma conversa com você e Marili! (OLHA PARA CREUSA) Mas, sem a presença da menina!

MARILI

(ENTREGA A CREUSA A TINTA E O PINCEL) Leve pra dentro e guarde! Depois a gente pinta a placa!

CREUSA

(RECEBE O MATERIAL E VAI RETIRAR-SE) Com licença!
(AFASTA-SE. SAI PARA O INTERIOR DA CASA).

MARILI

(VOLTA-SE PARA MANOEL SINHÔ) Agora, pode falar, seu
Manoel!

MANOEL SINHÔ

(COM CERTA DIFICULDADE PARA SE EXPRESSAR) Não sei
como começar... Estou acanhado, sabe? Mas, nós três somos
adultos! Por isso sugeri que a menina donzela se afastasse! Ela
não deveria escutar o que tenho para dizer!

LUCINHA

(PREOCUPADA) Está me deixando nervosa! É coisa ruim?

MANOEL SINHÔ: Depende do ponto de vista! Pra muita gente,
tem sido bom!

MARILI

(SÉRIA) Vá direto ao assunto, por favor!

MANOEL SINHÔ

Antes, quero um compromisso de vocês!

LUCINHA

Compromisso?

MANOEL SINHÔ

Que não me interpretem mal, nem fiquem magoadas!
(TRANSIÇÃO) Se não aceitarem a proposta, é só dizer! Não
insistirei no assunto e a gente esquece o que foi falado!
Continuaremos amigos! Combinado?

MARILI

Por mim, está aceito!

LUCINHA

Por mim, também!

MANOEL SINHÔ

Vou ser honesto! Minha única preocupação é tirar vocês
da dificuldade em que se encontram! Quem tem pedra, dá

pedra, quem tem flores, dá flores, eu dou o que tenho! De mais, simpatizo muito com vocês!

MARILI

Obrigada!

MANOEL SINHÔ: (ABRINDO O JOGO) O finado Zé, que Deus o tenha, não pôde deixar nada, além deste barraco! Sequer pensão a viúva teve direito! Essas coisas são assim mesmo... Emprego novo... Se não fosse a bondade do Conde, que pagou as despesas do enterro, tudo tinha ficado mais difícil!

MARILI

É verdade!

LUCINHA

O senhor também tem nos ajudado muito!

MANOEL SINHÔ

(SENTINDO-SE MAIS ENCORAJADO) Mas, não o suficiente! Vocês querem vender o barraco para voltar para o Nordeste! Olhem, falando com franqueza, não aprecio a ideia! O dinheiro que vão conseguir com a venda, não pagará nem as

passagens! Mesmo que consigam chegar em Alagoas, sem dinheiro, sem propriedade... sem a proteção do pai... Que será de vocês? Vão viver da caridade pública, da ajuda de parentes?

MARILI

(COMEÇA A INQUIETAR-SE COM A CONVERSA) Nem parente remediado, a gente tem!

LUCINHA

Ficar vai ser pior seu Manoel!

MANOEL SINHÔ

Talvez, não!

LUCINHA

Que outra coisa podemos fazer?

MANOEL SINHÔ

Podem trabalhar na boate!

MARILI

(ASSUSTADA) Fazendo o que?

MANOEL SINHÔ

Não me entenderam?

MARILI

Seria bom que explicasse melhor!

MANOEL SINHÔ

Iriam fazer o que as outras mulheres fazem!

LUCINHA

(COM IRONIA AMARGA) Não entendeu ainda, Marili?
Seu Manoel está convidando a gente pra ser puta!

MANOEL SINHÔ

(TENTANDO SER CONVINCENTE) Deixem eu explicar uma coisa... Minhas mulheres vivem bem! Algumas delas, mais novas, mais inteligentes, chegam a ter carro e apartamento na cidade! Basta saber se dar valor, economizar, não se meter em romance sem futuro, não partir para as drogas ou outros vícios que tragam prejuízo... Mulher que consegue viver dentro desses princípios, em pouco tempo juntam dinheiro... Muitas até se casam depois! (AS MOÇAS ESTÃO ATÔNITAS) Vocês são bonitas,

novas, inteligentes... Com certeza vão se sair bem! (TRANSIÇÃO)
Mas não precisam dar a resposta agora! (COM ELOQUÊNCIA) Em pouco tempo terão dinheiro suficiente para tratar da sua mãe, melhorar de vida e... Se depois de tudo, ainda estiverem decididas a voltar para o Nordeste, podem ir... Terão dinheiro suficiente para começar nova vida!

MARILI

Sempre fomos pessoas pobres, mas, direitas! Da minha parte, errei muito quando confiei em Tião. Lucinha, também, ao se perder com Ventania! Mas foi por amor! Atração! Inexperiência! Estes homens foram os únicos que conhecemos!

MANOEL SINHÔ

Todas as mulheres que entraram nessa profissão tiveram sua primeira vez. A maioria era de moças sérias e pobres. Cada qual tem sua história! História de amor, de paixão, de tragédia, de descaminho mesmo! Para muitas foi difícil aceitar essa alternativa..., mas há uma coisa que se chama realidade! Elas não eram mais moças donzelas e precisavam sobreviver!

LUCINHA

Uma coisa é ser mulher de um homem só, mesmo sem casamento! Casamento para ser verdadeiro, começa na sinceridade do coração! (REPUGNADA) Mas se entregar a todo mundo, só por dinheiro... Vender o corpo como se fosse mercadoria?

MANOEL SINHÔ

Parece repugnante! Mas há momentos na vida, que a gente é obrigado a fazer o que não quer e abraçar o que odeia! Vender o corpo, com certeza, não é o maior dos pecados! Pode ser uma provação, uma renúncia... Um preço a pagar para continuar vivendo! Nunca, um pecado! Jesus perdoou Madalena, não perdoou? E quem era ela? Uma prostituta!

MARILI

(MARILI ESTÁ PERPLEXA) Nunca me imaginei passando por uma situação dessa!

MANOEL SINHÔ

Tudo na vida tem seu lado bom e mau! Esqueça a parte ruim, e considere apenas o tolerável! Por exemplo: vocês vão

poder cuidar da sua mãe, juntar dinheiro, dar a ela uma velhice menos infeliz! (MELODRAMÁTICO) Sabe, eu tenho muita pena de Dona Rosa! Mulher tão trabalhadora, tão honesta... Não merecia estar sofrendo! (SUSPIRO HIPÓCRITA) Mas vocês são filhas! Vocês é que sabem o quanto Dona Rosa é importante! Se fosse comigo, faria qualquer coisa por minha mãe! (CONTRITO) Que Deus a tenha!

LUCINHA

É duro reconhecer... Mas o senhor tem razão!

MARILI

Vou pensar, seu Manoel! O assunto me deixou assustada!

MANOEL SINHÔ

Não precisam responder agora! Qualquer que seja a decisão de vocês, serei sempre o mesmo amigo!

MARILI

Vamos pensar, não é, Lucinha?

LUCINHA

(TRISTE) Vamos pensar!

MANOEL SINHÔ

(VOLTANDO-SE) Olhem, não passem privações!
Qualquer necessidade, me procurem! Eu virei, imediatamente!
Não se acanhem, ouviram?

MARILI

Obrigada! (MANOEL SINHÔ AFASTA-SE, REGRESSANDO
AO BAR. AS DUAS MOÇAS FICAM PARADAS, SILENCIOSAS.
ENTREOLHAM-SE. NÃO SABEM O QUE DIZER. CREUSA, QUE
OBSERVAVA DE LONGE, APROXIMA-SE).

CREUSA

O que aconteceu?

MARILI

Nada!

CREUSA

Que segredo é esse?

MARILI

Não há segredo nenhum!

CREUSA

Eu vi como conversavam! Devia ser coisa muito séria!
Estão pálidas! Não acham que tenho direito de saber?

LUCINHA

Não tem idade pra tomar conhecimento de certos assuntos!

CREUSA

Como posso amadurecer, se me consideram criança? É minha vida também que está em jogo! Quero saber o que se passa!

LUCINHA

(CHAMANDO CARINHOSAMENTE A IRMÃ) Tem razão, minha irmã, venha comigo, vou tentar explicar!

MARILI

(REBELANDO-SE) Vai contar a ela?

LUCINHA

Porque não? Já é tempo de Creusa dar adeus às fantasias! (AS IRMÃS SAEM DE CENA, EM DIREÇÃO AO INTERIOR DA CASA. APROVEITANDO-SE DO AFASTAMENTO DE LUCINHA E CREUSA, TIÃO, QUE ESTAVA À ESPREITA, APROXIMA-SE).

TIÃO CHEIROSO

(DECLAMATÓRIO) Tesouro da minha vida!

MARILI

(VOLTANDO-SE) Tião?

TIÃO CHEIROSO

(DESCENDO O BARRANCO E SE PRECIPITANDO PARA JUNTO DE MARILI) Não suportei mais! Tinha de procurá-la!

MARILI

Saia da minha frente!

TIÃO CHEIROSO

Sei que está magoada!

MARILI

Eu o odeio!

TIÃO CHEIROSO

Só queria defender a honra da família! Tive medo que aquele bandido fizesse mal a sua irmã!

MARILI

(REAGINDO, COM FIRMEZA) Não sou tão idiota, quanto imagina! Sabia que Lucinha e Ventania se namoravam! Armou aquela cena de propósito!

TIÃO CHEIROSO

Foi um impulso, aconteceu!

MARILI

(FIRME) Vá embora!

TIÃO CHEIROSO

Eu te amo! Não posso viver sem você!

MARILI

Vá embora, já disse!

TIÃO CHEIROSO

(REPRESENTANDO) Me ouça! Nunca mais dormi direito! Minha vida tem sido um desassossego! Sua imagem está nos meus pensamentos em todos os instantes! Por várias vezes quis vir lhe falar, mas não tive coragem!

MARILI

Pois não devia ter vindo!

TIÃO CHEIROSO

O que houve entre nós, não pode se acabar assim!

MARILI

(RESISTINDO) Não insista! Você só trouxe desgraça para dentro desta casa!

TIÃO CHEIROSO

Quero remediar o que fiz! Dê-me uma chance!

MARILI

Eu o desprezo! (LUCINHA E CREUSA APARECEM À PORTA DO BARRACO E OBSERVAM A CENA).

LUCINHA

(GRITA, DE LONGE) Que este covarde está fazendo aqui?

MARILI

(PARA TIÃO) Vá embora, por favor!

CREUSA

(APROXIMANDO-SE) Você prometeu que não ia dar mais conversa a ele! Enlouqueceu, é?

TIÃO CHEIROSO

(TENTANDO, EM VÃO, JUSTIFICAR-SE) Estou pedindo desculpa pelo que aconteceu!

LUCINHA

(ATÔNITA) Desculpa? Se eu tivesse uma arma nas mãos, você teria a resposta que merece!

CREUSA

(AGRESSIVA) Desapareça, seu canalha!

TIÃO CHEIROSO

(RECUANDO) Tenham calma!

CREUSA

(LANÇA MÃO DE UMA VASSOURA, ENCOSTADA A UM CANTO, E COM ELA, AGRIDE TIÃO CHEIROSO) Você estragou minha festa de aniversário e causou a morte de pai!

TIÃO CHEIROSO

(DEFENDENDO-SE) Afaste-se de mim, atrevida!

CREUSA

(DESFECHA UMA VASSOURADA EM TIÃO) Fora daqui, seu cachorro da moléstia! (TIÃO REVIDA E EMPURRA A MENINA. CREUSA ESTENDE-SE NO CHÃO. LUCINHA AVANÇA, EM DEFESA DA IRMÃ, QUAL UMA PANTERA ENFURECIDA. DESFECHA-LHE BOFETADAS. TIÃO MAL CONSEGUE DEFENDER-SE).

LUCINHA

Apanha, covarde!

TIÃO CHEIROSO

(TENTANDO FUGIR DA AGRESSÃO) Vocês estão doidas!

MARILI

(AFLITA) Vá embora, Tião! (EM PRANTOS) Pelo amor de Deus, desapareça!

TIÃO CHEIROSO

(FINALMENTE, TIÃO CONSEGUE EVADIR-SE, SUBINDO, DE UM SALTO, O PEQUENO BARRANCO) Isso não vai ficar assim! Vocês me pagam! (SAI, ESTRADA A FORA, DESAPARECENDO DE CENA. MARILI NÃO CONSEGUE PARAR DE CHORAR).

LUCINHA

(TENTA ACALMAR A IRMÃ) Marili!

CREUSA

(ANIMANDO-A) Aquele cachorro não merece você,

Marili! (ACARICIA OS CABELOS DA IRMÃ) Não vale à pena, derramar lágrimas por ele!

MARILI

Sei que não presta, que causou a morte de pai..., mas foi o primeiro homem que conheci!

LUCINHA

Ventania também foi meu primeiro homem! Mas parei de chorar! A estrada é muito comprida e a gente tem de olhar pra frente!

MARILI

Que estrada? Não vejo nenhuma!

LUCINHA

Aquela que aparecer! E acho que escolhi a minha!

CREUSA

(SEGURANDO A MÃO DA IRMÃ) Vamos para dentro!
(MARILI SAI DE MÃOS DADAS COM CREUSA) Faz de conta, que hoje não aconteceu nada! Temos uma placa para pintar!

MARILI

(Com voz sumida) Temos uma placa para pintar! (AS DUAS JOVENS ENTRAM EM CASA. LUCINHA VEM POR ÚLTIMO. AS LUZES SE APAGAM EM RESISTÊNCIA. QUANDO O PALCO SE ILUMINA, ESTÁ DESERTO. SOMENTE CREUSA, NA SALA, CORTA ALGUNS LEGUMES PARA A REFEIÇÃO. CONCLUÍDA A TAREFA, COLOCA OS ALIMENTOS NUMA PEQUENA PANELO, DEIXANDO A FACA SOBRE A MESA. APANHA ALGUMAS PEÇAS DE ROUPA, AMONTOADAS NUM CANTO, E SAI AO TERREIRO, EM DIREÇÃO AO TANQUE. COMEÇA A LAVAR AS ROUPAS, QUANDO DELA SE APROXIMA TIÃO CHEIROSO).

TIÃO CHEIROSO

Alô, menina!

CREUSA

(ASSUSTADA) Que quer você?

TIÃO CHEIROSO

Falar com Marili!

CREUSA

Deixe a gente em paz!

TIÃO CHEIROSO

(INSISTINDO) Vá chamar sua irmã!

CREUSA

Não está!

TIÃO CHEIROSO

Não vou embora sem falar com ela!

CREUSA

Já disse que não está!

TIÃO CHEIROSO

Se não quer chamá-la, eu mesmo cuido disso!

CREUSA

Não tem ninguém em casa!

TIÃO CHEIROSO

(VAI RETIRAR-SE. PARA DE REPENTE. VOLTA-SE PARA
CREUSA) Você está sozinha?

CREUSA

Lucinha e Marili foram levar a mãe ao hospital!

TIÃO CHEIROSO

Ela piorou?

CREUSA

Foi!

TIÃO CHEIROSO

(CÍNICO) Então, você está sozinha!

CREUSA

(ASSUSTADA) Pode ir! Já disse que não tem ninguém!

TIÃO CHEIROSO

(PROCURANDO ASSUSTÁ-LA) Ir embora? Perder essa
oportunidade de ficar com você? Não, boneca! De maneira

nenhuma! Temos muito o que conversar!

CREUSA

Não quero conversa!

TIÃO CHEIROSO

(ASSUSTADOR) Por que essa arrogância? Vai ter de me ouvir de qualquer maneira!

CREUSA

(CONTINUA A LAVAR A ROUPA SEM DAR ATENÇÃO A TIÃO CHEIROSO) Pois fique falando sozinho!

TIÃO CHEIROSO

Tão pequena e tão metida a besta! Pensa que é grande coisa, é? (CREUSA CONTINUA SEM RESPONDER À PROVOCAÇÃO) Não me responde? (SEGURA FORTEMENTE O BRAÇO DELA) Isso pode ser ruim para você!

CREUSA

(PARANDO O TRABALHO) Me solte!

TIÃO CHEIROSO

Eu poderia ser a proteção de todas nesta casa! Sei que estão passando necessidade... Que Manoel Sinhô, que vem segurando a barra..., mas, até quando ele vai fazer isso? Ninguém dá nada sem retribuição!

CREUSA

Que está querendo dizer?

TIÃO CHEIROSO

Que é dando, que se recebe! Nunca ouviu dizer isso? Dizem que é uma frase bíblica!

CREUSA

(REAGINDO FORTE) Seu Manoel Sinhô não dá nada a gente! Está só emprestando! Quando a casa for vendida, receberá tudo!

TIÃO CHEIROSO

(RI) Quando vender este barraco?

CREUSA

(MOSTRANDO A PLACA PREGADA NA DESCIDA DO BARRANCO) Não está vendo a placa? A gente vai vender, sim!

TIÃO CHEIROSO

(EM TOM DE MOFA) Pensa que alguém vai comprar este lixo? Mesmo que apareça um otário, acredita que a grana vai ser suficiente para saldar a dívida com Manoel Sinhô? E como vão continuar vivendo? Como vão cuidar da doença da velha? Quem vai arcar com o tratamento dela?

CREUSA

(QUASE CHORANDO) Deus dá um jeito!

TIÃO CHEIROSO

(SEM SE PERTURBAR) Se ela piorar... Ou morrer... Onde vão arranjar dinheiro para as despesas?

CREUSA

Está me assustando!

TIÃO CHEIROSO

Ficar esperando por Deus, é perda de tempo! Deus está muito ocupado! Não vai olhar pra vocês (CONVINCENTE) Agora, se Marili voltar para mim, será diferente! Vocês terão hospital pra Dona Rosa e emprego!

CREUSA

Ela não vai cair mais na sua conversa!

TIÃO CHEIROSO

(INSINUANDO-SE) Se Marili não me aceitar, você poderia tomar o lugar dela no meu coração!

CREUSA

(SEM ENTENDER) O que?

TIÃO CHEIROSO

Está uma moça bonita! Não é aquela menina que eu pensava que fosse!

CREUSA

(ASSUSTADA) Que está querendo comigo?

TIÃO CHEIROSO

Tem uns peitinhos bonitos! Do tamanho que eu gosto!
Pela blusa molhada dá pra ver!

CREUSA

(RECUANDO) Me respeite que sou moça direita!

TIÃO CHEIROSO

(CÍNICO) De repente, eu pensei, Marili não me quer mais, por que me humilhar? Um rapaz simpático como eu precisa de uma garota como você! Novinha, gostosinha, mais bonita!

CREUSA

(ATIRANDO UNS PANOS MOLHADOS SOBRE TIÃO) Vá para o inferno, seu safado!

TIÃO CHEIROSO

(Furioso) Você me molhou! (CREUSA CORRE PARA DENTRO DE CASA. TIÃO A PERSEGUE, ALCANÇANDO-A ANTES QUE PUDESSE FECHAR A PORTA. A MOÇA SE DEBATE, MAS TIÃO CHEIROSO A SUBJUGA) Não adianta resistir!

CREUSA

(GRITA) Me deixe! Socorro!

TIÃO CHEIROSO

(COBRE-LHE A BOCA COM A MÃO) Cale-se! Quer fazer escândalo? (ARRANCA DA MENINA, PARTE DO VESTIDO, QUASE DESNUDANDO-A) Você está me excitando!

CREUSA

(CONSEGUE LIBERTAR-SE E SE RECOMPÕE. TIÃO FAZ NOVA INVESTIDA. CREUSA LANÇA MÃO DA FACA QUE ESTÁ SOBRE A MESA, COLOCANDO-SE NA DEFENSIVA. FALA, COMO UMA FERA ACUADA) Se chegar perto eu mato você!

TIÃO CHEIROSO

Solte esta faca! Não vai conseguir nada!

CREUSA

(CHORANDO) Se afaste de mim!

TIÃO CHEIROSO

Não seja teimosa! Solte esta faca! (NUM MOVIMENTO

BRUSCO, CONSEGUE SEGURAR O BRAÇO DE CREUSA, TORCENDO-O FORTEMENTE. A MOÇA SOLTA A FACA, QUE CAI NO CHÃO. CHEIO DE IRA, TIÃO A SUBJUGA).

CREUSA

(DESESPERADA) Me largue!

TIÃO CHEIROSO

(A MOÇA SE DEBATE. TIÃO DESFECHA-LHE UM MURRO VIOLENTO) Cale a boca!

CREUSA

(A MENINA CAI, QUASE SEM SENTIDOS. SUA VOZ É UM MURMÚRIO DE DOR) Por favor! (EM PRANTOS) Não me machuque! Por que está fazendo isso?

TIÃO CHEIROSO

Vou fazer com você uma coisa muito gostosa!

CREUSA

(BALBUCIANTE) Pelo amor de Deus!

TIÃO CHEIROSO

(RINDO, DESCONTROLADAMENTE) É melhor não resistir!
(CREUSA NÃO TEM MAIS FORÇAS).

CREUSA

Meu Deus! (ENQUANTO TIÃO REALIZA SEU PROPÓSITO, CREUSA, QUASE EXANGUE, TATEIA COM A MÃO O PISO DO BARRACO E, EM DADO MOMENTO, ENCONTRA A FACA, CAÍDA NO CHÃO. SEGURA-A PELO CABO, SEM QUE O ESTUPRADOR PERCEBA E, INTRODUZINDO A LÂMINA ENTRE O SEU VENTRE E O VENTRE DELE, APLICA-LHE UM GOLPE INESPERADO. TIÃO PARA, DE REPENTE. OLHA PRA FRENTE, COM EXPRESSÃO DE SURPRESA E DE DOR. ERGUE-SE, BANHADO EM SANGUE. SAI, PORTA A FORA, GRITANDO POR SOCORRO. ENQUANTO TIÃO CHEIROSO, ENSANGUENTADO, SOBE O BARRANCO E SE PROJETA NA RUA, CREUSA DESFALECE. FORA, ALGUNS CURIOSOS APARECEM, ATRAÍDOS PELA INSÓLITA OCORRÊNCIA. A IMAGEM É CONGELADA. OS PERSONAGENS, TIÃO CHEIROSO, A CORRER DESESPERADO, CREUSA, DESMAIADA NO INTERIOR DA CASA, OS CURIOSOS QUE SE APROXIMAM, AGORA PARECEM ESTATUAS QUE SE DILUEM AO APAGAR DAS LUZES. QUANDO A CENA TORNA A ILUMINAR-SE, É NOITE. HÁ UMA SIGNIFICATIVA

PASSAGEM DE TEMPO. CREUSA E LUCINHA PREPARAM-SE PARA VESTIR AS ROUPAS COM AS QUAIS IRÃO DEBUTAR NA BOATE DE MANOEL SINHÔ. MANOEL SINHÔ E MARILI SURGEM, SAINDO DO SOBRADO, EM DIREÇÃO AO BARRACO).

MANOEL SINHÔ

Você está muito melhor agora!

MARILI

Meio nervosa!

MANOEL SINHÔ

Não há com que se preocupar! Basta seguir as minhas recomendações! (RI) Em breve serão professoras no assunto!

MARILI

(SORRISO AMARELO) Espero que sim!

MANOEL SINHÔ

Esqueci de perguntar por Dona Rosa! Me desculpe, não foi por descaso!

MARILI

Eu sei!

MANOEL SINHÔ

Como vai passando ela?

MARILI

No mesmo!

MANOEL SINHÔ

Pobre mulher... Internada naquele hospital...

MARILI

Além dos nervos, agora a pneumonia! É muito sofrimento para uma pessoa só!

MANOEL SINHÔ

Vamos mudar de assunto! Você precisa estar com bom astral na sua primeira noite!

MARILI

Vou tentar!

MANOEL SINHÔ

Pra que fique descansada, em relação à sua mãe, o hospital que ela está é o melhor de São Paulo!

MARILI

Não sei como agradecer o que tem feito por nós!

MANOEL SINHÔ

Terá chance!

MARILI

Minha preocupação é que Tião queira tomar vingança!

MANOEL SINHÔ

Não voltará, esteja certa! O chefe cuidou de tudo! Aquele safado vai ser mantido longe de vocês. Ninguém desobedece às ordens do Conde! Até a polícia respeita! (TRANSIÇÃO) Mas Tião vai ficar muito bem! Está gerenciando uma boate de homossexuais! (EM TOM DE GALHOFA) Castrado, do jeito que está, pode ser que mude de vocação e deixe de perseguir mulheres!

MARILI

(MAGOADA) Teve o que mereceu!

MANOEL SINHÔ

Agora vá chamar suas irmãs. Está quase na hora e quero que esta noite seja muito especial! Foram convidados fregueses importantes! (NO QUARTO DA ÁGUA FURTADA AS DUAS JOVENS JÁ ESTÃO VESTIDAS. LUCINHA FAZ A MAQUIAGEM DE CREUSA. AMBAS REVELAM CERTO NERVOSISMO).

MARILI

(NUM ÍMPETO, MARILI BEIJA O ROSTO DE MANOEL SINHÔ) Muito obrigada por sua paciência!

MANOEL SINHÔ

(SURPRESO E AGRADECIDO) Ora... Sabe, Marili... Você vai ser a minha garota preferida!

MARILI

(SURPRESA) Eu?

MANOEL SINHÔ

(ENCARANDO-A) Gostaria de ser o primeiro homem a dormir com você na boate! (MARILI OLHA SILENCIOSAMENTE PARA MANOEL SINHÔ) Se você não se importa, é claro!

MARILI

(LEVE EMBARAÇO) Como poderia lhe negar isso, seu Manoel?

MANOEL SINHÔ

(SORRI) Ótimo! Agora vá! Não se demore! (MANOEL SINHÔ RETORNA AO SOBRADO, ENQUANTO MARILI ENCAMINHA-SE AO INTERIOR DA CASA. O MORRO COMEÇA A ILUMINAR-SE, COMO UMA ARVORE DE NATAL. MÚSICA ROMÂNTICA, VINDA DE UMA RADIOLA, ECOA DISTANTE. NO QUARTO DA ÁGUA FURTADA, AS DUAS IRMÃS PREPARAM-SE PARA DESCER).

CREUSA

Estou trêmula!

LUCINHA

É natural! Também estou!

CREUSA

Tenho medo!

LUCINHA

Seja forte, querida! Vai ver como será fácil!

CREUSA

Queria tanto me guardar para o meu namorado!

LUCINHA

Isso foi ilusão de menina! Agora você é mulher! A fantasia acabou! (MARILI ENTRA NO BARRACO, SENTA-SE NUMA CADEIRA E PERMANECE POR ALGUNS INSTANTES EM PROFUNDA REFLEXÃO).

CREUSA

(DESESPERANÇA) Sei que a fantasia acabou! Mas, vou sempre viver com essa ilusão! Sonhar, faz o tempo passar depressa!

LUCINHA

(CARINHOSA) Olhe, querida, daqui a uns tempos, quando houver dinheiro suficiente, a gente volta para Alagoas, eu prometo!

CREUSA

Já não faz diferença!

LUCINHA

Em Alagoas, ninguém vai saber como era nossa vida aqui! Tudo será como antes! Quem sabe, se for o destino, você terá seu namorado de volta!

CREUSA

Não entende, Lucinha? Será diferente!

LUCINHA

Sempre será a mesma! Somente, mais sofrida, mais experiente, mais mulher! (AS IRMÃS SAEM DO QUARTO. REAPARECEM NA SALA DO BARRACO, NO COMPARTIMENTO TÉRREO. SURPREENDEM-SE COM A PRESENÇA DE MARILI) Você estava aí? Está tudo bem?

MARILI

la apressar vocês! Manoel Sinhô está impaciente!

CREUSA

Estamos prontas!

MARILI

(COM UM TOQUE DE AMARGURA NA VOZ) Sabem quem vai ser o primeiro homem a dormir comigo?

LUCINHA

Quem?

MARILI

Manoel Sinhô!

CREUSA

(IRÔNICA) Que prestígio! E comigo?

MARILI

Você será a mais disputada. Vai ter gente importante, brigando pra ser o primeiro. Será um verdadeiro leilão!

CREUSA

Como os das quermesses?

MARILI

Quase igual!

LUCINHA

(FAZENDO-SE DE LOCUTOR) Atenção, meus senhores!
Quem vai dar mais, para dormir com Creuzinha? Quinze anos de
idade e quase virgem! Quem dá mais? Dou-lhe uma... Dou-lhe
duas...

CREUSA

(GRITA, APAVORADA) Quer parar com isso!

LUCINHA

Desculpe!

MARILI

Creusa ainda não se recuperou do que sofreu! Acho, até
que, tem sido mais forte do que deveria!

CREUSA

(RECOMPONDO-SE) Estou em ordem! (FORÇANDO UM LARGO SORRISO) Olhem pra mim! Estou bem! (PARA MARILI) Vamos, seu Manoel Sinhô está esperando! (MARILI SE RECOMPÕE, OLHA A IRMÃ E RESPONDE COM UM SORRISO TRISTE).

MARILI

(LEVANTANDO-SE) Vamos!

CREUSA

(LEMBRANDO-SE DE ALGUMA COISA) Um instantinho! (SOBE A ÁGUA FURTADA, ABRE A GAVETA DA MESINHA E DELA RETIRA UM MAÇO DE CARTAS. RETORNA AO TERREIRO. AS DUAS IRMÃS A OBSERVAM).

MARILI

(APONTANDO AS CARTAS) Que é isso?

CREUSA

As cartas que escrevi para meu namorado!

MARILI

Por que está trazendo?

CREUSA

Você vai ver! (PASSA A RASGAR, UMA A UMA, AS CORRESPONDÊNCIAS. A FIGURA IRREAL DO NAMORADO, COM QUE TANTO SONHARA, FINALMENTE É EXTIRPADA DE SUA VIDA).

MARILI

(EMOCIONADA) Está rasgando as cartas!

LUCINHA

Eram tão importantes pra você!

CREUSA

(FORÇANDO UM SORRISO) Não tem mais sentido! Eram, apenas ilusão de criança! Já sou uma mulher! (CORRE NA FRENTE DAS IRMÃS E, À MEDIDA QUE ANDA, JOGA OS PEDAÇOS DAS CARTAS PELO CHÃO, COMO SE FOSSEM CONFETES! ATIRADOS FORA OS ÚLTIMOS FRAGMENTOS DE SEUS SONHOS, VIRA-SE

PARA AS IRMÃS, PARADAS, PERPLEXAS, E GRITA) Como é, vão ficar aí, apalermadas? Ao trabalho, moças!

Marili e Lucinha sobem o barranco. As três irmãs abraçam-se. A seguir, de braços dados, seguem em direção ao sobrado. De repente, tudo para, como se a imagem fosse congelada. Convertida em cartão postal, veem-se na cena, além de Marili, Lucinha e Creusa, alguns transeuntes, mulheres nas janelas do sobrado e um casal abraçado sob a luz difusa de um poste. A música tema sobe de intensidade. As luzes dos barracos, na favela, brilham. Uma sirene longínqua apita, desaparecendo em seguida. As luzes esmaecem em resistência. O pano desce.

FIM

SOBRE O AUTOR



Pedro Onofre de Araújo (27/06/1935 - 04/07/2018), escritor, jornalista, dramaturgo, advogado e administrador cultural, possui uma extensa folha de serviços prestados à cultura nas mais diferentes linguagens artísticas. Por sua trajetória e contribuição à cultura em Alagoas, entre

outras honrarias, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Alagoas (2012); recebeu da Câmara de Vereadores de Maceió, a Comenda Graciliano Ramos (2000); do Governo do Estado de Alagoas, a Comenda Jorge de Lima (2005) e a Insígnia Cavaleiro da Ordem do Mérito dos Palmeares (2014) e, ainda, da Prefeitura de Arapiraca, a Comenda Jornalista Esperidião Rodrigues de Gouveia.

Fundou (1958) e foi o primeiro Presidente do Centro de Estudos Cinematográficos de Alagoas. Participou da criação e foi o primeiro presidente dos Sindicatos dos Radialistas de Alagoas. Primeiro presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Alagoas - SATED/AL (1980). Criou o Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo – IECPS (1985). Presidiu a Fundação Teatro Deodoro (1986/87), indicado por eleição direta dos artistas e servidores daquela instituição.

No campo da gestão e planejamento cultural, entre outras realizações, organizou o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (1982), contribuiu decisivamente, com Noaldo Dantas, na organização da Secretaria Estadual de Cultura, onde coordenou o processo de elaboração e redação final do primeiro Plano Estadual de Cultura (1984), “considerado pelo então ministro Aloísio Pimenta, o melhor do país” (Jornal Espaço – nº 65, 06 a 12/05/1995, p. 09).

Com mais de seis décadas de vida dedicadas à produção teatral e à gestão cultural, Pedro Onofre tem uma vasta obra que extrapola esse gênero literário e ultrapassa essa linguagem artística.

São cerca de trinta textos dramaturgicos para o teatro, destes, quinze foram publicados em cinco volumes da “Coleção Teatro de Pedro Onofre”. O autor publicou, ainda, quatro romances, cinco livros de poesias — incluindo uma antologia, “Poesias Completas” —, dois ensaios, crônicas, roteiros para cinema e artigos diversos, além de inúmeras composições musicais, algumas inseridas como trilhas sonoras em seus filmes e peças.

Atuou em duas dezenas de peças e dirigiu outras vinte e nove montagens teatrais. No Cinema, dirigiu mais de uma dezena de obras cinematográficas, dentre as quais quatro longas metragens: “Nas Trevas da Obsessão” (RJ, 1969/70 - Película P/B), “Homens e feras” (Maceió, 1995); “O Suicídio” (Maceió, 2007) e “Terra Maldita” (Maceió, 2009). Somam-se a sua produção no audiovisual, a direção e roteiro de curtas, e ainda, roteiro e direção de vários teledramas na extinta TV Jornal do Comércio (1965/66).

“Pedro Onofre é considerado um dos dramaturgos mais produtivos do Nordeste [...] sua obra reflete sua preocupação com a realidade social do país e de sua época” (Gazeta de Alagoas de 7 de fevereiro de 1998, p. B-7 - Serviço).

OBRAS DO MESMO AUTOR

DRAMATURGIA

TEATRO 1 (*Homens e Feras, Terra Maldita e Mundaú, Lagoa assassinada*). Maceió, 1987.

TEATRO 2 (*Complexos, Vendaval no Paraíso, Lua de Sangue Sobre o Vale*). Maceió, 1997.

TEATRO 3 (*O Suicídio, Tempestade em Céu Azul, Beco das Almas Perdidas*). Maceió, 2000.

TEATRO 4 (*Bebgor, Nemesis*). Maceió, 2017.

TEATRO 5 (*E na Lua, como Será?, O Galo de Três Pernas*). Maceió, 2023.

POESIA

TURBILHÃO. Maceió, 1964.

A CANÇÃO DO LUAR IMPOSSÍVEL. Recife, 1970.

CÂNTICOS DA MINHA TERRA. Maceió, 1983.

POEMAS DE OUTONO. Maceió, 1983.

À SOMBRA DAS ARAPIRACAS. Maceió, 1983.

A HISTÓRIA DE NOÉ (Poema teatralizado em 3 atos). Maceió, 1987.

CALABAR - UM POEMA. Maceió, 2007.

POESIAS COMPLETAS, Maceió, 2011.

ROMANCE

A RESSURREIÇÃO DA HYDRA. Maceió, 1999. Prêmio Graciliano Ramos, pela Academia Alagoana de Letras, 1999.

FRAGMENTOS DE UMA VIDA (Romance memorialista). Maceió, 2017.

INVERNO EM SOLO ARDENTE. Maceió, 2015.

A HORA DA VINGANÇA – A SAGA DOS IRMÃOS MORAES. Maceió, 2013.

OUTROS GÊNEROS

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA POLÍTICA CULTURAL (Palestras, discursos, projetos). Maceió, 2002.